



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROCESSOS SÓCIO-EDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

**PRIMEIRO JARDIM DE INFÂNCIA DE
SÃO JOÃO DEL-REI: “BÁRBARA HELIODORA”**

JULIENO LOPES VERGARA

**SÃO JOÃO DEL-REI
MINAS GERAIS – BRASIL
JUNHO DE 2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PRIMEIRO JARDIM DE INFÂNCIA

DE SÃO JOÃO DEL-REI:

“BÁRBARA HELIODORA”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Sócio-Educativos e Práticas Escolares, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Mestrando: Julieno Lopes Vergara

Orientadora: Prof. Dr^a. Ruth Bernardes Sant'Ana

UFSJ
MINAS GERAIS
JUNHO 2010



JULIENO LOPES VERGARA

**PRIMEIRO JARDIM DE INFÂNCIA DE
SÃO JOÃO DEL-REI: “BÁRBARA HELIODORA”**

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Ruth Bernardes Sant'Ana – UFSJ- (Orientadora)

Prof. Dr^a. Lívia Maria FRAGA VIEIRA - UFMG

Prof. Dr. Laerthe de Moraes Abreu Junior - UFSJ

JUNHO DE 2010

Hino do Jardim de Infância Bárbara Heliadora

“Salve, Casa tão querida,
Doce abrigo da instrução!
Trazes luz à nossa vida,
Muito amor ao coração.

Em canteiros multicores,
Entre fadas a sorrir,
Aqui vivem tantas flores
E a esperança do porvir.

Salve Bárbara Heliadora,
O’ Patrona tão gentil
Pelo exemplo da senhora
Nós gostamos do Brasil

Nesta escola, a ano inteiro,
Nos aquece rósea luz
Que nos vem de um Companheiro
De um Menino, que é Jesus.

No jardim é que resplandece
O mais lindo amanhecer.
A criança nele aprende
A alegria de viver”

(José A. da Costa- 27/10/1967)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a todos da minha família: Jean, Fernanda, Inês, Felipe, Alda, Mariana, Murilo, e de forma especial, aos meus pais, David e Conceição, que me possibilitaram percorrer o caminho dos estudos.

Nesta dissertação, também fica evidente a contribuição de inúmeros amigos, companheiros de jornada que, direta ou indiretamente, participaram da minha vida antes e durante o tempo de construção do estudo.

Esta produção reflete, sobretudo, o apoio de uma pessoa muito especial, que esteve presente em todos os momentos deste caminhar, sendo estes prazerosos ou complicados. Assim, um agradecimento especial a minha orientadora, Ruth Bernardes de Sant'Ana, por ser mais do que orientadora, por ser amiga.

Aos diversos amigos e amigas do Mestrado: Camila, Patrícia, Márcio, Polyana, Maricéia, Aline, Valcária, Saly, Priscila, Lígia, Marília; a todos os colegas de turma que passaram pelos mesmos anseios e dificuldades; à Simone, por ser companheira e sempre resolver as dificuldades apresentadas; aos professores Écio, Laerthe, Lúcia Helena, Maria do Socorro, pelo respeito e por seus ensinamentos.

Aos amigos de São João del-Rei e aos amigos da UFOP que me possibilitaram chegar até este momento, principalmente à professora Célia Maria Fernandes Nunes, pela generosidade em seus ensinamentos; e aos grandes amigos Elvis, Luciano, Dashiell, Betinho, Hélio, Fabiano, Kelly e tantos outros que estão ao meu lado de maneira incondicional, desde a minha chegada a Minas Gerais, muito obrigado pela paciência de todos!

Agradeço à Escola Municipal Bárbara Heliadora, na figura de seus profissionais, diretora, professoras e funcionários que foram de grande ajuda para que esta pesquisa acontecesse.

A todos os entrevistados que foram muito solícitos ao abrir suas casas e corações para me receber, demonstrando grande interesse em contribuir para a pesquisa.

Agradeço à professora Lívia Fraga, por ser solidária e atenciosa, e compartilhar suas experiências e estudos com o intuito de ajudar na elaboração desta dissertação.

E finalmente, à Maria Regina, pelos anos de dedicação e carinho.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	08
RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1- O CAMPO METODOLÓGICO.....	18
1.1- <i>AS FONTES DA PESQUISA.....</i>	27
2- REFERÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	34
2.1- <i>ASPECTOS DO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....</i>	34
2.2- <i>AS PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL NAS DÉCADAS DE 50 E 60.....</i>	43
3-HISTÓRIA DO JARDIM DE INFÂNCIA BÁRBARA HELIODORA: 1955 A 1972.....	60
3.1- <i>O CONTEXTO POLÍTICO EDUCACIONAL DA CIDADE NAS DÉCADAS DE 50 E 60.....</i>	60
3.2- <i>CLASSES PRÉ-PRIMÁRIAS.....</i>	69
3.3- <i>FUNDAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA.....</i>	78
3.4- <i>O PRIMEIRO PRÉDIO DA ESCOLA.....</i>	85
4- MEMÓRIAS DO JARDIM DE INFÂNCIA.....	94
4.1- <i>LEMBRANÇAS DE MOMENTOS DA ESCOLA.....</i>	94

4.2-OS ALUNOS RECORDADOS PELAS PROFESSORAS.....	102
4.3- ALGUMAS ATIVIDADES DO JARDIM DA INFANCIA.....	107
4.4- OS EX-ALUNOS E SUAS LEMBRANÇAS DOS COLEGAS DE TURMA.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
ANEXO I.....	126
ANEXO II.....	129
ANEXO III.....	130

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMAE- Associação Mineira de Administração Escolar

DAMI- Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância.

DAP- Departamento Pré-Primário.

DNCr.- Departamento Nacional da Criança.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

MEC- Ministério da Educação e do Desporto.

OMEF- Organização Mundial de Educação Pré-Escolar.

PABAAE- Programa de Assistência Brasileira- Americana ao Ensino Elementar.

SRE-SJDR- 34ª Superintendência Regional de Ensino de São João del-Rei.

SSE-MG- Secretária Estadual de Educação de Minas Gerais.

USAID- United States Agency for International Development

USOM-B- (United States Operation Mission — Brasil)

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

RESUMO

Este estudo insere-se em um amplo movimento, no campo acadêmico, que tem destacado a importância de se investigar o atendimento às crianças pequenas no decurso da História, com o objetivo de apontar a dinâmica de continuidade e ruptura, no processo educativo ao longo do tempo, concomitantemente ao esforço de trazer os dilemas que perpassam a história da Educação Infantil no Brasil, sobretudo, no estado de Minas Gerais. O propósito desta dissertação é investigar alguns elementos da história da infância e da Educação, tendo como objeto de análise uma instituição de ensino infantil da cidade de São João del-Rei, município mineiro localizado na região dos Campos das Vertentes. O foco da pesquisa é a década de 1960, mais especificamente o ano de 1962, com a instalação da primeira instituição pública de ensino infantil na cidade (e na região), denominada “Jardim de Infância Bárbara Heliadora”, realização do governo estadual mineiro. O estudo retrocede ao ano de 1955, quando surgem, na cidade, as primeiras iniciativas a favor da educação infantil, com as chamadas classes anexas de ensino infantil, localizadas nas escolas de ensino fundamental, e se estende até a década de 1970, precisamente o ano de 1972, quando o estabelecimento de ensino investigado comemora dez anos de existência, sendo essa data considerada marcante na história da instituição. As perguntas às quais este estudo procurou responder foram: que sujeitos estiveram presentes no momento histórico de constituição do Jardim de Infância Bárbara Heliadora? Como se revela a prática profissional dos educadores que nele trabalharam? Como ex-alunos dessa instituição educativa compreendem as experiências infantis que ali viveram durante a infância? E finalmente, quais elementos do cotidiano contribuem para o resgate da história da escola? Para responder a esses questionamentos, lançamos mão das entrevistas e da análise documental. Os informantes, no caso, ex-professores e ex-alunos, foram atores significativos na história da escola. Isso compreende expor uma memória que se realiza na fala dos sujeitos ainda vivos, para dar forma a um mosaico até então não explorado no mundo acadêmico. Em relação à análise documental, esta ferramenta metodológica permitiu trazer à tona elementos que não foram mencionados ao longo das entrevistas e, em alguns momentos, realçar informações constantes dos relatos dos entrevistados, sempre com o objetivo de reconstituir a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Dentre as conclusões auferidas neste estudo encontra-se a afirmação de que a história desse estabelecimento de Educação Infantil está intrinsecamente ligada à história de vida de seus personagens; nos depoimentos, todos os entrevistados confirmaram a grande influência que a escola teve em suas trajetórias. Desse modo, asseguramos a importância de se retomar as experiências e memórias de sujeitos que, muitas vezes, são esquecidas no tempo, e deixam de dar sua contribuição para o entendimento do passado. O homem é um sujeito histórico, não está alheio ao mundo que o cerca, nada mais intrigante do que o homem no seu tempo vivido, falar do contexto passado.

Palavras Chave: História da Educação Infantil, Jardim de Infância Bárbara Heliadora

ABSTRACT

This study is part of a wide movement in the academic area that has emphasized the importance of investigating the treatment of little children in history, with the aim of identifying the dynamics of continuity and discontinuity in education over time, concomitantly with the effort of bringing the dilemmas that pervade the history of kindergarten in Brazil, especially in Minas Gerais. The purpose of this dissertation is to investigate certain aspects of the history of childhood and education, having an institution of kindergarten as an object of analysis. The focus is in the 60s, specifically in 1962, when “Bárbara Heliadora” was installed by the government of Minas Gerais. Bárbara Heliadora was the first public kindergarten settled in São João del-Rei, Minas Gerais and around it. The study goes back to 1955 when the first initiatives relating to kindergarten were promoted in São João del-Rei, with the kindergarten classes attached, located in the elementary schools in the city, and extends to the 70s, specifically in 1972 when the school investigated celebrates its first decade and this date is considered to be remarkable in the institution’s history. This study will try to answer the following questions: Who were there in the first kindergarten historical moment? How the professional practice is revealed? How do ex-students understand their experiences? Which everyday life elements contributed to rescue the school history? To answer to these questions we used interviews and documentary analysis. The informants who are teachers and students played a significant role in the school history. This includes bringing a memory from the survived individuals to form a mosaic that was unexplored in the academic world. For document analysis, this methodological tool will allow us to bring up matters which were not mentioned during the interviews and in some moments to highlight some interviewees’ information, always with the goal of reconstructing the history of Bárbara Heliadora. Among the conclusions, there is the assertion that the history of Bárbara Heliadora is intrinsically linked to its characters’ life. In all interviews, they confirmed the importance that the school had in their life. Accordingly, we affirm the importance of resuming the experiences and memories of individuals who are often forgotten in time, and fail to give their contribution to understand the past. The man is a historical subject, he is not withdrawn to the world around him, and nothing more intriguing is the man in his time, talking about the past context.

Keywords: Kindergarten History, Kindergarten Bárbara Heliadora.

INTRODUÇÃO

Que saudade do tempo vivido naquela escola...

Trabalhei durante toda a minha vida na escola, não imagino minha vida sem ela...

Para a investigação aqui apresentada, foram utilizados procedimentos variados, entre eles, entrevistas com pessoas que participaram ativamente do momento marcante da constituição histórica do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, de São João del-Rei. Nessas entrevistas, encontramos muitas declarações como as que foram apresentadas acima, nas quais os atores nos remetem as suas memórias biográficas, por meio da narrativa de sua vida afetiva, onde cada um deles indica quais eventos ganham significação na reconstituição do passado.

Enquanto sujeitos históricos, os entrevistados relatam que suas vidas não podem ser contadas sem mencionar o estabelecimento de ensino em que trabalharam durante muitos anos, porém, algo é enfatizado em todos os relatos das professoras¹: *cresci junto com a escola. (Margarida)*. Isso nos mostra que a fronteira que separa suas memórias escolares e sua história de vida é muito tênue. Nessas circunstâncias, cabe ao historiador recorrer às narrativas dos atores, não apenas almejando a preservação dos relatos ou a confiabilidade das fontes, mas também para compreender o processo e as circunstâncias segundo os quais tais memórias são construídas, retomadas ou atualizadas.

Iniciei o texto com essa fala de uma ex-professora, por entender, que só foi possível desenvolver o estudo como um todo, porque as pessoas, ao longo dos anos, compreenderam que, ao integrar e contribuir para a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, elas estavam realizando ações que levariam para toda a vida.

Esta introdução será dividida em duas partes: primeiramente, o objetivo é explicar ao leitor de que maneira o pesquisador deste estudo adentrou no campo educacional e, em seguida, apresentar as questões pertinentes que nortearam esta pesquisa. Para compreender a interface que perpassa este estudo, abordarei o tema através da minha inserção na área educacional. A ligação com a Educação aconteceu por causa da opção pelo curso de História, realizado na Universidade Federal de Ouro Preto. No início da graduação, passei a integrar o Grupo de Pesquisa em Educação, pertencente ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto

¹ Ao mencionar os docentes da instituição Bárbara Heliadora será utilizado apenas o termo professora, no feminino, já que nenhum sujeito do sexo masculino fazia parte do corpo docente da escola.

(UFOP), intitulado NESFE (Núcleo de Estudo Sociedade, Família e Escola), sendo este uma das fontes para a discussão e aprimoramento de temas relevantes à Educação no país.

Assim, fui convidado pela Professora Doutora Célia Maria Fernandes Nunes (UFOP) a integrar a equipe de pesquisa do projeto intitulado *As escolas não são iguais! A história de uma escola pública bem sucedida em Minas Gerais*, vindo a me tornar membro do programa de pesquisa da UFOP, intitulado PIP (Programa de Iniciação à Pesquisa). Durante um semestre, exerci a função de bolsista aprendiz de pesquisador, abordando o tema História da Educação, tendo como recorte principal, a investigação sobre as instituições escolares.

O objetivo desse estudo consistia no levantamento e análise do motivo que levava ao êxito a E. E. Dr. Gomes Freire (escola pública considerada de prestígio no município de Mariana, Minas Gerais) e à sua credibilidade por parte da comunidade. Procurou-se investigar a construção da imagem dessa escola como sendo de qualidade, ou seja, quando e a partir do quê esse reconhecimento se deu.

Para realizar a pesquisa sobre o Grupo Escolar Dr. Gomes Freire, foram utilizados, como fonte principal, os documentos pertencentes ao arquivo da mesma, nos quais podemos destacar: diários de classe, históricos escolares, atas de reuniões, entre outros. Quanto ao arquivo, este foi organizado e revitalizado durante o desenvolvimento da pesquisa, por se tratar de um acervo de documentos importantes que passava por dificuldades em sua estrutura. A pesquisa optou por deixar não só um bom material para a escola, como também, criar a possibilidade de acesso às suas histórias a outros pesquisadores que tiverem interesse pela instituição, já que a escola, hoje, possui um inventário dos documentos pertencentes ao arquivo.

Tendo como abordagem a singularidade e a identidade própria que cada instituição escolar possui ao construir sua história, acredito, também, que as diversas escolas fazem suas histórias em consonância com os diversos fatores e atores que nelas atuam. Sendo assim, a pesquisa se justificou pela importância de que, estudos nessa abordagem poderão contribuir para o desenvolvimento desse campo de pesquisa, no Brasil e orientar políticas públicas voltadas para o resgate e melhoria da escola e da qualidade de ensino.

Após um período de seis meses, comecei a integrar outro projeto na área educacional. Em relação àquele primeiro estudo que marcou minha inserção nesse campo, não tive tempo hábil para chegar a conclusões aprofundadas sobre a origem e a

construção da qualidade daquela instituição escolar. Entretanto, o que se observou foi que o grande diferencial da referida escola eram os seus atores, determinantes na fundação e construção dessa história escolar.

O novo projeto de Iniciação Científica, do qual participei, era intitulado, *O que os professores têm para nos contar! Experiências, Histórias e Memórias de trajetórias profissionais bem sucedidas*, e contava com o financiamento do programa PROBIC/ FAPEMIG/ UFOP. Essa pesquisa foi desenvolvida no período de dois anos, sendo concluída no final de 2007.

O foco desse projeto de Iniciação Científica são as memórias e histórias das professoras, e a temática aborda a prática e os saberes de ex-professoras, oriundos de sua experiência em Educação, na década de 1960. Seu desenvolvimento incluiu um olhar sobre o lócus de pesquisa, ou seja, as escolas nas quais esses personagens estavam inseridos. O objetivo consistiu na análise das práticas escolares de ex-professores, através de relatos autobiográficos (experiências, memórias e histórias de vida), para apreciação sobre suas trajetórias profissionais que levasse a compreender de que forma o ato de ensinar foi importante tanto para o ambiente de trabalho, a escola, como para a vida particular dessas pessoas e que ainda continua sendo de grande utilidade na formulação de conteúdo histórico fundamental para a formação de novos docentes.

A metodologia aplicada no desenvolvimento do estudo dava ênfase às entrevistas com ex-professoras e utilizava o arquivo escolar, onde estava registrada toda a vida profissional dos docentes, desde a fundação da escola. A pesquisa contava com outros recursos para obter, da melhor maneira possível, essas memórias, como por exemplo: fotografias, recortes de jornais da época, cartas, toda a correspondência existente na escola e documentos fornecidos pelos participantes.

Através do que foi relatado nas entrevistas, o estudo conseguiu obter informações na própria linguagem dos sujeitos. Isso veio enriquecer as análises interpretativas e propiciar a aquisição de informações mais gerais em relação ao próprio objeto da pesquisa. De posse, então, dos dados levantados, após a realização de quatro entrevistas com ex-professoras que tiveram suas práticas no início da década de sessenta, procurou-se analisar as questões pertinentes ao objetivo da pesquisa.

Assim, o estudo constatou que essas práticas podem ser consideradas bem sucedidas, já que suas contribuições vinham das mais variadas formas, visto que as professoras não ficavam restritas ao ambiente da sala de aula. Podemos destacar o

contato com a comunidade como um fator preponderante para o desenvolvimento da instituição.

Outro fato que pode ser constatado, ao longo deste estudo, ao investigar a trajetória profissional das ex-professoras, é que suas vidas se entrelaçavam com a história do exercício do ofício docente. Nos casos estudados, todos os ex-atores lembraram com certo saudosismo o tempo vivido na escola, sendo este período de grande importância no decorrer de suas vidas. A isso se acrescenta a observação de que entre as entrevistadas, três ficaram na instituição por volta de vinte e cinco anos, até se aposentarem.

Ambas as pesquisas, nas quais exerci a função de bolsista, contribuíram, de maneira muito relevante, para que houvesse a elaboração de um conhecimento do que viria a ser uma pesquisa acadêmica, ou seja, suas etapas e quais resultados e objetivos podemos encontrar estudando um determinado tema.

Elas fizeram com que adentrasse em um campo de investigação, tanto histórico, como na área educacional, antes desconhecido, que ainda tem inúmeras facetas a serem exploradas. Mais especificamente, conseguiram criar um ideal que se faz presente na minha perspectiva de ação ao longo da trajetória acadêmica. Também determinaram e irão nortear todos os estudos que, por opção, procurarei desenvolver nessa área. É importante ressaltar que se trata de um campo em plena expansão, necessitando de inúmeras pesquisas para a discussão e conseqüentemente seu desenvolvimento.

Logo após realizar esse breve histórico sobre meu ingresso na área educacional, o objetivo, agora, é introduzir o leitor nas atividades desenvolvidas ao longo do curso de Mestrado em Educação, realizado na Universidade Federal de São João del-Rei. Procurarei, nesta introdução, abordar a finalidade do estudo, qual o objeto de investigação e o período que demanda a pesquisa, os procedimentos de investigação e métodos utilizados, quais indagações ele pretende responder, como se ordenará o texto ao longo dos capítulos e por fim, qual a contribuição que estudos como este poderá oferecer à História da Educação, mais especificamente, ao resgate de trajetórias escolares.

O estudo desenvolvido ao longo do Mestrado se insere em um movimento, no campo acadêmico, que tem destacado a importância de se investigar o atendimento às crianças pequenas na história ocidental e conseqüentemente, na história brasileira, com o objetivo de apontar a dinâmica de continuidade e ruptura no processo educativo ao longo do tempo. Neste trabalho, os dilemas que perpassam a história da Educação

Infantil, no Brasil, são analisados a partir do estudo de caso do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, localizado na cidade de São João del-Rei, município de Minas Gerais, na região dos Campos das Vertentes.

Desse modo, o propósito desta dissertação é investigar a entrada do atendimento educativo escolar, voltado para a criança pequena, em um contexto histórico e geográfico específico, na busca de articular alguns elementos da história da infância. Para tal, como já mencionado, pesquisamos uma instituição de ensino infantil da cidade de São João del-Rei, município onde as primeiras iniciativas de oferta de educação infantil ocorreram na década de 50.

Na cidade, o atendimento específico em estabelecimentos de Educação Infantil tem seu início na década de sessenta, realizado em creche e jardim de infância. A primeira creche, de iniciativa caritativa, a SACE (Sociedade de Auxílio à Criança Enferma), foi criada em 1960, com o objetivo de cuidar da criança com problemas de saúde. Trouxe visibilidade à questão do atendimento escolar à criança pequena, no município, na década de 1960, mais especificamente no ano de 1962, a instalação da primeira instituição de ensino pré-escolar na cidade (e na região), denominada “Bárbara Heliadora”, realização do governo estadual mineiro. Porém, a investigação também regressa a um momento anterior, em que foram instaladas salas de Educação Infantil anexas a escolas primárias, na segunda metade dos anos cinquenta. O trabalho enfoca, com maiores detalhes, o contexto em que é criado o primeiro Jardim de Infância no município e o seu percurso até o ano de 1972, momento que a instituição de Educação Infantil estudada completa dez anos de existência.

A oferta de estabelecimentos para a criança pequena, no município, já nasce com a dualidade de concepções que marcaram a história do atendimento, ou seja, a creche cuida do corpo, da saúde e da higiene, enquanto o Jardim de Infância apresenta projeto com um contorno educativo mais explícito (prescrito). Embora as práticas de cuidado corporal também tragam em seu bojo ações educativas, para os agentes que trabalhavam no interior desses estabelecimentos, da mesma forma que, para os formuladores dos programas de atendimento, isso não estava claro.

Portanto, o Jardim de Infância Bárbara Heliadora, após a sua fundação, tornou-se a única escola pública de educação exclusivamente infantil na cidade. Entretanto, ela é herdeira de uma história construída em classes anexas às escolas primárias, constituídas na década de 1950, que buscamos investigar por meio do acompanhamento

do percurso histórico desse estabelecimento, marco da presença do governo estadual na oferta da Educação Infantil no município.

Para realizar os objetivos do estudo, a pesquisa recorreu aos relatos, no âmbito estadual, de algumas pessoas que tiveram uma presença marcante naquele período histórico. As perguntas que este estudo procurará responder são: que atores participaram mais significativamente do momento histórico de constituição do Jardim de Infância? Como se revela a prática profissional dos educadores que nele trabalharam? Como ex-alunos dessa instituição educativa compreendem as experiências que ali viveram durante a infância?

O estudo está ordenado, ao longo dos capítulos, da seguinte maneira: no primeiro capítulo, observamos o campo metodológico utilizado pelo estudo, ou seja, de que maneira o campo teórico metodológico serviu de base para que houvesse êxito na obtenção dos fatos históricos. Inicialmente a ênfase maior está pautada no uso da história oral como ferramenta de pesquisa, e na utilização das entrevistas, como mecanismos para atingir a memória dos agentes históricos pesquisados. Entretanto, outras fontes históricas se mostraram auxiliares imprescindíveis no desenvolvimento do trabalho (fotos, notícias de jornais, etc.). Também é apresentada, ao leitor, uma breve discussão sobre a análise desse conteúdo, como recurso metodológico que permite aumentar a densidade do estudo histórico.

Neste mesmo capítulo, são abordados os sujeitos que contribuíram, através de suas memórias, com o desenvolvimento da pesquisa. Esses agentes históricos estão divididos em ex-professoras e os ex-alunos do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, e uma entrevistada da Revista AMAE Educando, lembrando que o estudo não usará os nomes dos depoentes, para preservar suas identidades. Por isso, neste capítulo, cada entrevistado recebeu uma legenda pela qual é mencionado em todo o texto.

Em seu segundo capítulo, o texto inicialmente trata do cenário da Educação Infantil no Brasil, levando em conta aspectos que ajudaram a tecer a história dessa modalidade no país. No segundo item, o assunto discutido são as publicações sobre a Educação Infantil, nas décadas de 1950 e 1960, juntamente com duas referências que exerceram influência marcante na Educação Infantil mineira, bem como, valiosa contribuição para o entendimento do cenário educacional infantil brasileiro a partir da metade do século XX, período no qual recai o estudo: o PABAEE e a Revista AMAE educando.

O terceiro capítulo versa sobre a reconstituição da memória da instituição de ensino infantil pertencente à cidade de São João del-Rei. Assim, primeiramente o texto fala sobre os antecedentes da inauguração do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, período que compreende os anos de 1950 a 1962, como mencionado anteriormente, tempo este que a cidade contava com salas anexas aos estabelecimentos de ensino das séries iniciais. Esse item tem por intuito realizar uma caracterização da Educação na cidade, abordando as escolas existentes àquela época, e entre elas, quais ofereciam o ensino infantil, quem eram os responsáveis pela Educação, no município, e finalmente, argumentar sobre as classes anexas às escolas primárias de Educação Infantil que foram o embrião para o nascimento de um estabelecimento de ensino exclusivo para o público infantil.

Ainda neste capítulo, é apresentada a reconstituição da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, período que recai de 1962 a 1972. Isso significa entender o momento em que a escola foi fundada, como se deu esse fato e, conseqüentemente, ressaltar a questão pertinente ao primeiro prédio onde ela funcionou. Algumas indagações são apresentadas neste capítulo, relacionadas à história da criação do Jardim de Infância, como por exemplo: havia infra-estrutura para o atendimento pré-escolar na cidade? Quais eram as condições em que as professoras trabalhavam e os alunos eram educados?

Encerrando este estudo, o quarto capítulo da dissertação aborda algumas memórias de acontecimentos ocorridos na rotina escolar que se originaram com a criação do Jardim de Infância, fatos que ocorreram ao longo da primeira década de existência da instituição de ensino infantil, e cujas lembranças contribuem para a constituição da história da escola. Recordações pertinentes de ex-professoras e ex-alunos que auxiliam o entendimento da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.

Portanto, ao encerrar esta introdução, buscamos analisar o processo histórico em pauta, por duas vertentes. A primeira se volta à reconstituição do momento histórico que institui o Jardim de Infância no município, e a segunda enfoca os relatos das experiências daqueles que participaram da história da escola, a saber, professores e alunos, como memória que se realiza na fala dos sujeitos ainda vivos.

Capítulo 1

O Campo Metodológico

Este capítulo informa ao leitor a metodologia que foi utilizada no decorrer da investigação histórica. Para realização deste estudo, lançamos mão da história oral e da análise documental. Assim, a primeira parte deste tópico aborda a discussão em torno da ferramenta de pesquisa, com ênfase na entrevista, um dos seus principais suportes.

Num segundo momento, o capítulo trata das análises documentais, a outra fonte de investigação usada pelo estudo que veio a complementar as informações sobre os fatos, fornecidas pelos sujeitos históricos, possibilitando, assim, maior compreensão dos contextos históricos pesquisados. Nesse sentido, ao iniciar o entendimento sobre a história oral, percebemos que esta pode ser concebida da seguinte maneira:

Em termos gerais, poder-se-ia dizer que tudo que é oral, gravado e preservado pode ser considerado história oral. Neste sentido, os discursos, as conversas telefônicas, as conferências ou qualquer outro tipo de comunicação humana que pode ser gravada, transcrita e preservada como fontes primárias para o uso futuro da comunidade científica estariam dentro do rótulo de História Oral (Haguette, 1987, p.79).

A utilização da história oral permite-nos que as temáticas da entrevista sejam construídas no decorrer do desenvolvimento da investigação, de modo que, a partir dos depoimentos dos personagens que constituíram a trajetória da instituição de ensino infantil, são tecidas as tessituras dessa história, tendo em vista, que cada depoente traz consigo, de forma particular, a lembrança daquilo que viveu naquele ambiente educativo.

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (Alberti, 1989, p. 1-2).

A fecundidade do uso de narrativas autobiográficas como alternativas que possibilitam uma conjunção de elementos da história do indivíduo com a história da sociedade esclarece as escolhas, contingências e opções com que ele se depara. De acordo com Meihy, essa abordagem veio, ao longo dos tempos, ganhando visibilidade, de maneira que:

Houve época que a história oral não era bem aceita pela comunidade intelectual de vários países ou culturas. Então para ressignificá-la, autores que defendiam sua validade retraçaram o trajeto da oralidade, remontando a uma genealogia baseada no pressuposto de que os primeiros historiadores – como Heródoto -, o “pai da história” – estabeleceram a participação pessoal, o testemunho, como base para descrever a “verdade” ou a “realidade” do que se via. (Meihy, 2002, p.92)

A utilização da narrativa dos atores como fonte de pesquisa em história da Educação é um assunto delicado, *ou seja, temos que reconhecer que estamos recebendo meramente o retrato que o informante tem de seu mundo, cabendo a nós, pesquisadores, avaliar o grau de correspondência de suas afirmações com a realidade objetiva, ou factual* (Haguette, 1987, p.77.), pois, sempre entram em jogo processos de rearticulação de elementos presentes na memória, em uma tessitura na qual o pensamento preenche hiatos, tornam lineares elementos multifacetados, ressignifica, a partir do presente, a experiência do passado, de modo a ocorrer uma reconstrução da história.

Compreender que a informação oriunda do entrevistado é uma perspectiva sobre determinado acontecimento é fundamental para se entender a configuração do contexto histórico relatado. A memória em relação a determinado acontecimento pode sofrer mudanças em seu conteúdo, já que, ao longo dos anos, os informantes adquiriram cada vez mais informações relativas a fatos ocorridos em suas trajetórias. Isso pode influenciar na construção, em sua memória, do período histórico pesquisado. Bosi argumenta nessa direção afirmando que:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente. (Bosi, 1994, p. 407)

Para trazer o cenário social em que se inscrevem as ações dos atores, foram utilizados documentos pertencentes ao período investigado, com o intuito de encontrar pistas acerca da entrada da criança pequena no mundo escolar. Portanto, utilizamos a história oral, ao lado de fontes escritas e iconográficas no desenvolvimento da presente investigação, visando aumentar a riqueza do trabalho desenvolvido.

Os depoentes foram escolhidos em função daquilo que eles poderiam trazer de informação. Almejando compreender o olhar daqueles que estiveram presentes no transcorrer da história da escola durante um longo período, foram entrevistados ex-professoras e ex-alunos da instituição. As entrevistas com esses sujeitos históricos possibilitaram conhecer a perspectiva daqueles que vivenciaram parte da infância no Jardim de Infância Bárbara Heliodora. Por último, a entrevista concedida por uma informante, em especial, foi fundamental para a compreensão de como ocorria a formação das professoras do Jardim de Infância no estado de Minas Gerais.

Ao recuperar o passado vivido por sujeitos históricos, esta investigação tem como resultado o que a memória do entrevistado guardou como elemento principal daquele acontecimento, conforme as ideias de Passos (2003). Apesar disso, essa retomada do passado pode trazer outros benefícios para a obtenção de informação. Sendo assim:

O resgate da memória esclarece não somente o que foi lido, mas também como se deu este processo, e como se construiu o sujeito (...). Além disso, os fatos contados de memória, via de regra, não foram vividos identicamente à percepção que se tem hoje deles. Determinada experiência rememorada passa pela sensação que causou no momento vivido, acrescentada de tudo que aconteceu posteriormente, da distância do sujeito que se é no momento lembrança, diferente daquele que se era no momento do fato. (Passos, 2003, p.100/101)

Os estudos que resgatam as memórias procuram chamar a atenção para a constatação de que todos nós somos herdeiros daquilo que vivenciamos no passado. Trazemos, em nossas lembranças, experiências vividas por nós ou adquiridas por conhecimento, mesmo que não seja simples essa retomada das lembranças, já que muitas se perderam com o tempo. Segundo Bernardo (1998), esse tipo de análise conduz a diversos caminhos que só serão conhecidos no decorrer da pesquisa, de modo que a forma final depende da articulação de elementos contínuos e descontínuos contidos nas diferentes narrativas. A autora esclarece que:

A coleta de dados sobre memória não segue uma linearidade, revelando os seus próprios mecanismos. É um ir e vir constante. Os caminhos são de profunda complexidade, demonstrando aspectos multifacetados das potencialidades do lembrar. Associações são realizadas entre dados do passado e do presente, bem como em outros diferentes aspectos. (Bernardo, 1998, p.03)

Nesse sentido, as narrativas desses sujeitos históricos podem ser percebidas como memórias elucidativas, pois permitem refletir sobre o passado, analisando todas

as situações do ambiente escolar, aquilo que deu certo ou não, com o intuito de propor novas ações, tanto no tempo presente quanto no tempo futuro, que serão adaptadas cada qual ao seu tempo.

Bachelard relaciona a memória à temporalidade, estabelecendo uma relação entre o passado que é recordado através de um estímulo ocorrido no presente. A partir desse autor, refletimos que a entrevista de pesquisa, a interação entrevistador-entrevistado e o tema da conversa são elementos que participam da configuração do estímulo do presente que incita a rememoração do passado. Bachelard (1994) enfatiza:

não se ensina a recordação sem um apoio dialético no presente; não se pode reviver o passado sem o encadear num tema afetivo necessariamente presente. Antes de nos ocuparmos da conservação das recordações, é preciso que estudemos sua fixação, pois elas se conservam na própria localização onde se fixam. Sem fixação falada, expressa, dramatizada, a recordação não pode relacionar-se à sua localização. É preciso que a reflexão construa tempo ao redor de um acontecimento, no próprio instante em que o acontecimento se produz, para que reencontremos esse acontecimento na recordação do tempo desaparecido. Sem a razão, a memória é incompleta e ineficaz. (Bachelard, 1994, p.49.)

Ao afirmar que não se ensina a recordação sem um apoio no presente, Bachelard argumenta sobre a necessidade de estímulos pontuais afetivos, para que o sujeito possa lembrar daquilo que lhe é perguntado, o que só vai ocorrer se estiver ligado a um acontecimento marcante na trajetória do indivíduo, ao ponto dele fixar em sua história. Em adição a isso, Jenkins (2004) adverte que, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. O que está reunido neste estudo são vestígios da memória de alguns de seus sujeitos cujas informações permitiram esboçar as reflexões aqui apresentadas. Desse modo, torna-se pertinente ressaltar que:

o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal maneira que se possa ter apenas uma leitura histórica do passado. O passado e a história existem livres um do outro; estão muito distantes entre si no tempo e no espaço. Isto porque o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado por diferentes práticas discursivas (...) ao mesmo tempo em que, em cada uma destas práticas, há diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço (Jenkins, 2004, p. 24).

Por outro lado, a distância existente entre o acontecimento passado e o depoimento decorre de possíveis mudanças de perspectiva ou de valores do sujeito, ou de uma reinterpretação dos fatos à luz dos seus interesses. Thompson (1992) também trata da importância da história oral na produção historiográfica, destacando o valor da memória e da entrevista como métodos para a construção da escrita da história:

As entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer-nos informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana. Podem ser lidas como literatura: mas também podem ser computadas. (Thompson, 1992, p.315.)

O autor propõe a avaliação crítica do conteúdo da entrevista enquanto fonte de investigação histórica. A ressalva é que o pesquisador deverá filtrá-lo, cotejá-lo com outras informações e uma vez passado pelo crivo de confiabilidade, assim ser usado como fonte.

A entrevista permite trazer a dinâmica das relações humanas para o estudo, ao mesmo tempo em que pode produzir novas pistas sobre o objeto investigado, e exigirem a busca de novas fontes de pesquisa. Ao mesmo tempo, seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, na medida em que permite, também, a produção de um documento histórico. Daí sua riqueza, pois *a evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira* (Thompson, 1992, p. 136).

Verdadeiro, entendido nesse contexto, não no sentido de que o que está sendo relatado efetivamente aconteceu de uma determinada maneira, mas de que há ali uma vida a ser narrada, a partir de uma produção de significados de quem a viveu. Partindo-se do suposto que muitos elementos trazidos na fala do pesquisado são compartilhados, em maior ou menor grau, com outros sujeitos que viveram naquele contexto, a sua narrativa da história pode trazer informações valiosas ao pesquisador. Segundo Lüdke & André (1986), uma das vantagens da entrevista é que:

o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são as verdadeiras razões da entrevista (...) a vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (Lüdke & André, 1986, p.34).

O informante é convidado a falar, a partir do suposto de que sua versão do passado pode contribuir para a história. Haguette (1987), como os autores anteriores, reafirma a importância de o entrevistador deixar evidente o conteúdo do que pretende pesquisar e as razões de se realizar a entrevista e, conseqüentemente, elaborar o roteiro, para que se tenha uma facilidade maior na obtenção de informações dos entrevistados:

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista

constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida. (Haguette, 1987, p.75.)

Um relacionamento respeitoso ajudará o entrevistador a obter seus dados de modo mais simples e interessante, já que o entrevistado se sente honrado em estar naquela posição e poder transmitir um pouco de sua vida para outra pessoa.

No momento das entrevistas, foi utilizada, para coleta de informações, uma filmadora digital que registrou todos os elementos fornecidos pelos sujeitos. Sobre o fato de gravar o depoimento do entrevistado como recurso para a coleta de dados, Lüdke & André (1986) nos mostram que:

A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Por outro lado, ela só registra as expressões orais, deixando de lado as expressões faciais, os gestos, as mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados um fator constrangedor. (Lüdke & André, 1986, p.37.)

O fato mencionado pelas autoras, de que a filmagem pode inibir o comportamento dos informantes, ocorreu ao longo das entrevistas. Alguns sujeitos chegaram a questionar se havia mesmo necessidade de gravar seus depoimentos, ou se, ao menos seus rostos poderiam não ser expostos, já que não se sentiam bem na presença da câmera. O estudo procurou atender as reivindicações dos entrevistados, sempre com o objetivo de propiciar-lhes um ambiente mais cômodo.

É preciso deixar claro que a relação de troca existente entre entrevistador e entrevistada deve se basear no respeito, conforme declaram Lüdke & André (1986):

Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito envolve desde um local e horários marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões, enfim, o material em que a pesquisa está interessada. (Lüdke & André, 1986, p.35)

Sendo assim, a entrevista se tornou uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, porque possibilitou o resgate de um volumoso número de informações diretamente relatadas pela fonte que, no caso, foi o entrevistado.

A partir de agora abordando a documentação utilizada pela pesquisa, começaremos pelos estudos de Le Goff (2003), compreendemos que o objeto de pesquisa deve ser amparado no maior número de documentos possível, pois, *todo historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso ao documento*. (Le Goff, 2003, p.529). O documento possibilita, ao historiador, ampliar sua rede de informação, ocasionando o abandono de

uma visão fragmentária e superficial, contribuindo para que se tenha uma fértil procura histórica do fato estudado. Sobre a importância desses registros históricos, Miguel (2007) argumenta:

Um arquivo ou a descoberta de novos registros que contenham informações sobre determinada instituição trazem sempre a expectativa da descoberta, a possibilidade de novos caminhos e podem até imprimir novos direcionamentos ao trabalho, apontando para novas interpretações. Para alguns autores, o arquivo é um nicho que contém não apenas registros e informações, mas também possibilita a sensação da descoberta do real. (Miguel, 2007, p.31.)

Vidal (2007), ao utilizar o *Dicionário de terminologia arquivística* (Camargo & Belloto, 1996), argumenta que um arquivo de uma instituição de ensino pode ser composto por dois tipos de documentação nomeados de *arquivo morto* e *arquivo corrente*. Essa autora define da seguinte forma:

O *arquivo morto* (...). Assim é denominado, em geral, o arquivo histórico localizado nas instituições escolares. Arquivos permanentes ou históricos são caracterizados como conjunto de documentos custodiados em caráter definitivo, em função de seu valor. (...) *Arquivo corrente* é um conjunto de documentos estreitamente veiculados aos objetivos imediatos para os quais foram produzidos ou recebidos no cumprimento de atividades-fim e atividades-meio e que se conservam junto aos órgãos produtores em razão de sua vigência e da frequência com que são por eles consultados. (Vidal, 2007, p.59./64)

De modo geral, as escolas não possuem uma dimensão total do que seu arquivo contém. Às vezes o descaso com as informações é tão grande, que muitos documentos se perdem, ou ficam esquecidos ou armazenados de maneira inadequada, ocasionando, assim, uma perda irreparável. Lüdke & André (1986) afirmam, de maneira mais ampla, o papel que o arquivo representa para escola:

Em geral as escolas não mantêm registros de suas atividades, das experiências feitas e dos resultados obtidos. Quando existe algum material escrito, ele é esparso e conseqüentemente pouco representativo do que se passa no seu cotidiano. É evidente que esse fato também é um dado do contexto escolar e deve ser levado em consideração quando se procura estudá-lo. (Lüdke & André, 1986, p.40)

O fato da instituição de ensino não se preocupar com as informações que são construídas no seu cotidiano escolar faz com que, os estudos sobre suas características e principalmente sua cultura escolar, sejam inviabilizados. Isso dificulta, ainda mais, a pesquisa que se propõe a investigar um período que não pertence aos dias atuais.

Entretanto, a escola não pode ser responsabilizada por não conseguir guardar os seus documentos de maneira adequada. A falta de divulgação da importância de se ter

um arquivo organizado e completo faz com que não se dê valor àqueles documentos. Esse argumento é representado em texto do autor Bonat (2005), no qual deixa claro que:

Se por um lado, a forma de preservação e as condições de acesso às fontes, quando disponíveis, geralmente se constituem em uma barreira para a pesquisa em história da educação, essa concepção pode ser verificada em LUDKE e ANDRÈ (1986), LOPES (1992); por outro lado, os arquivos escolares são depositários de um acervo pouco ou quase nada conhecido e, por isso, talvez, seu potencial relegado por parte de pesquisadores da história da educação. A falta de divulgação dessas fontes e por consequência de conhecimento de sua existência é um fato. (Bonat, 2005, p.03)

O acervo, pouco ou quase nunca conhecido, mencionado por Bonat (2005), faz com que inúmeras questões se tornem relevantes em torno do arquivo escolar. Entretanto, o que geralmente se pergunta é: *Quais informações um arquivo escolar tem a oferecer?* Isso só pode ser respondido se houver conhecimento sobre o conteúdo do arquivo, ou seja, quais os documentos que estão guardados ali e de que maneira foram elaborados pela instituição escolar.

É de suma importância manter um arquivo disponível, que possibilite ao pesquisador colher informações pertinentes à história da instituição, aos atores que estiveram na escola, ou que ainda estão. No caso desta investigação, as informações oriundas do arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliodora estão presentes nos documentos administrativos, nos jornais, nas fotos e livros deixados no acervo da escola por professores, alunos, pais, autoridades, entre outros.

Retomando a questão do uso dos arquivos escolares, Bonat (2005), em citação que se segue, relaciona a falta de documentação como uma perda que pode acarretar prejuízo na construção da investigação histórica:

ao se jogar fora a documentação de professores e alunos, personagens de uma nova história, cuja fala considera mais do que nunca a pesquisa realizada na ótica de novo paradigma de investigação, essa é prejudicada, pois, junto com esse material se joga fora uma possibilidade de se estudar o cotidiano, por exemplo, dessas escolas. (Bonat, 2005, p.08)

O autor nos faz entender que esses documentos, que antes eram marginalizados como fontes de pesquisa na história da Educação, ganham valorização, quando lançamos mão de um novo paradigma de investigação. Desse modo, constituem-se diferentes revelações do período estudado, pois, o máximo de dados que um documento pode oferecer depende da perspectiva historiográfica adotada.

Assim, todo documento é válido, não podendo ser dispensado qualquer tipo de fonte, por se tratar de elementos que fazem parte do contexto histórico do período, sendo produções da sociedade na qual está inserida a instituição de ensino pesquisada.

Ao terminar a abordagem do campo metodológico, percebemos que compartilhamos a concepção proposta por Bloch (1997, P.55) de que a História é o estudo do homem no tempo, entendendo a história não como a realidade sobre algo transcorrido no passado, mas como um discurso sobre o real, uma perspectiva que compreende o indivíduo como inserido em seu contexto social, que se faz sujeito atuante da própria história, deixando registros da sua percepção do mundo no tempo. Nesse sentido:

Dependendo de como o historiador vê a sociedade de sua época, de como ele se posiciona diante dela, resultará a análise que fará do passado como também justifica o seu interesse por determinados assuntos. A experiência humana não se modifica enquanto passado, o que modifica é a investigação sobre ela, que é fruto de uma determinada sociedade de uma determinada época. Por isso que em seu trabalho é importante que o historiador leve em consideração como determinada classe pensou de si própria. Para definir o tema não basta ao historiador apenas escolher o assunto, e sim pensar o objeto. (Souza; Gatti Jr.2004, p.06)

Em um estudo de investigação histórica, como salienta a citação anterior, é importante que o historiador compreenda o momento histórico em que vive, para, em seguida, tentar entender o tempo em que está inserido o objeto de estudo que pretende pesquisar. Ao realizar o entendimento de como é composta a sua própria sociedade, ele terá indicações reveladoras de sua experiência enquanto sujeito social histórico, que tem uma posição de classe, um olhar sobre o mundo das relações sociais, o que pode afetar sua perspectiva sobre a história.

Ao concluir este capítulo, vale lembrar que o historiador atento sabe que o processo de uma construção historiográfica perpassa inevitavelmente por labirintos de incerteza, questionamentos, paradoxos que circundam o pesquisador em seu ofício. Isso significa que a relação do investigador histórico se dá com um fato ausente, inserido em um tempo distinto, e é sempre mediada pelo esforço do historiador de deslocar o seu olhar para a perspectiva assumida no passado, procurando envolver os registros deixados ao longo do tempo, no transcorrer de seu percurso histórico, movimento que define os eventos tidos como significativos para o estudo e o objetivo pesquisado.

1.1- AS FONTES DA PESQUISA

O intuito deste tópico da dissertação é apresentar, primeiramente, a relação dos documentos que serviram de fonte para a investigação da história do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, e em seguida, falar, de forma breve, sobre os sujeitos entrevistados.

Entre os documentos utilizados para conduzir esta pesquisa histórica encontram-se os que foram fornecidos pelos informantes e pelo arquivo escolar, tais como, fotos da escola, cópias de diplomas de formaturas, livro confeccionado pela instituição de ensino contendo matérias de jornais sobre a Bárbara Heliodora, e informações dos demais sujeitos que estiveram presentes na história da escola. Também existem documentos procedentes de órgãos da administração pública como, Secretaria Estadual de Educação, (SSE-MG) Diário Oficial do Estado e 34ª Superintendência Regional de Ensino de São João del-Rei. (SRE-SJDR)

A pesquisa fez uso do arquivo escolar², onde se encontram informações a respeito da vida profissional dos professores, desde a fundação da escola. São eles: termos de posse, os diários de classe, as folhas de pagamento de salários, bem como, recortes de jornais da época, legislação e publicações normativas, cartas, fotografias, documentos enviados à escola pelo governo estadual.

Todas as fontes documentais utilizadas nesta dissertação constam do período que esta pesquisa se propôs a investigar, existindo documentos que são de meados da década de 1950 até início dos anos setenta. Dentre essas fontes, aparece a fotografia como material muito rico de conteúdo, já que, na história do estabelecimento de ensino, o uso da máquina fotográfica também fala de eventos marcantes do seu cotidiano.

Como iremos observar as fotos que se encontram no corpo do texto, entendemos que nelas há *lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos*. (Paiva, 2002, p.18). *Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente* (Paiva, 2002, p.19). Mesmo assim, as imagens ganham

² Em consulta aos arquivos da Secretaria de Educação de Minas Gerais, as informações obtidas foram que, até 1969, quando foi criada, no dia 12 de maio, em São João del-Rei, a 34ª Superintendência Regional de Ensino, o Jardim de Infância Bárbara Heliodora ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Com a inauguração da Superintendência, a documentação pertencente à escola, e que até então se encontrava sob a guarda da referida Secretaria, na capital, foi transferida para São João del-Rei. Agora, em consulta ao órgão gestor dos documentos educacionais da cidade, a informação que foi divulgada, para este estudo, é que os documentos estão todos localizados no arquivo da escola; daí o número reduzido de documentos em posse do governo.

importância ao se investigar a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, por apresentarem um olhar sobre o cotidiano escolar que é estudado.

Outro exemplo de informação vinda dos documentos da escola é no que se refere às professoras que lecionaram na instituição. Dados relativos à composição do corpo docente e tempo de serviço das professoras podem ser pesquisados, porém, não seguem uma ordem definida; ao mesmo tempo em que existe uma lista de funcionários, em 1965, só em 1974 é que irá aparecer outra, e assim por diante.

A escola também tem, em seu acervo, o decreto de fundação do Jardim de Infância, junto com outros materiais, como os diplomas que são entregues aos alunos, quando concluem a Educação Infantil e vão para o Ensino Fundamental, antigo primário. Existe, ainda, a correspondência da escola relacionada ao órgão gestor do Estado. Entretanto, foi somente a partir da década de 1990 que essas correspondências começaram a ser arquivadas. Um dos exemplos dessa documentação é a produção do hino da escola, que estampa o início desta dissertação. Nos arquivos da escola estão presentes todos os rascunhos que ajudaram a sua escrita, juntamente com as notas musicais que o acompanham. Outro exemplo está a seguir, trata-se de uma saudação criada para ser cantada pelos alunos, em homenagem à diretora, no ano de 1972:

Saudação à diretora

Levantar a minha voz,/Também quero, neste instante,/Pra fazer à outra
pessoa/ Uma saudação vibrante/ Dona Maria do Carmo,/A querida
diretora/Dos aplausos e dos vivas,/Também é merecedora/ Alta
significação/ Para nós tem esta data/Em que vemos transcorrer/ O seu
“Jubilei de Prata” / É por isso que agora/ Vou gritar bem alto,
assim:/Viva, viva a Diretora/ Do meu querido Jardim
São João del-Rei, 30 de Novembro de 1972. Chiquinha.
(Documento pertencente ao arquivo do Jardim de Infância Bárbara
Heliadora)

Essa composição, produzida para reverenciar a diretora, é mais um elemento do contexto histórico que se procurou investigar ao longo deste estudo. Os demais documentos que serviram de base para a construção desta dissertação vieram da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais; são informações acerca das escolas que existiam em São João del-Rei no período investigado.

Por último, encontram-se os jornais da época: Tribuna Sanjoanense, Ponte da Cadeia e Jornal do Poste. Os três circulavam nesse período, demarcado na investigação, e chegam a citar a escola em várias matérias. No Jornal do Poste, do dia 9 de fevereiro de 1967, foi divulgada a ilustração abaixo. Trata-se da capa de um convite que o Jardim de Infância Bárbara Heliadora enviara aos familiares dos seus alunos, para que comparecessem com seus filhos nas comemorações de carnaval da escola.



(Jornal do Poste, 09 de Fevereiro de 1967)

Esse desenho foi feito à mão por uma das professoras da escola, que também é uma das nossas entrevistadas (Lírio) e, conforme nossos informantes, ela fora convidada a trabalhar na referida escola devido ao seu talento e facilidade na área artística.

Aqui o intuito é apresentar, ao leitor, os sujeitos que, através de seus depoimentos, de suas memórias, colaboraram para o desenvolvimento desta investigação acerca da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.

No decorrer do estudo, foram realizadas quinze entrevistas, sendo divididas da seguinte forma: sete depoimentos de ex-professoras da instituição de ensino infantil em questão, e sete depoimentos de ex-alunos que ali cursaram a Educação Infantil. A última entrevista teve como informante uma das fundadoras da Revista AMAE Educando que tinha familiaridade com o ambiente escolar investigado.

Esses ex-alunos foram escolhidos, principalmente, por indicação feita pelas professoras entrevistadas. Seus nomes foram lembrados, por serem pessoas encontradas com mais frequência no cenário da cidade, devido às profissões que exercem. São comerciantes, professores, advogados, engenheiros, todos de classe média, com presença ativa na comunidade.

As entrevistas foram realizadas em locais indicados pelos próprios relatores. Duas aconteceram no campus Dom Bosco da UFSJ, outras cinco, nos lugares onde os informantes trabalham, e oito pessoas sugeriram que fossem entrevistadas em suas próprias casas.

Essas ex-professoras escolhidas para relatar suas memórias neste estudo apresentam como característica principal o fato de participarem ativamente da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, pois aí trabalharam por mais de vinte anos. O longo tempo atuando nesse cotidiano escolar proporcionou-lhes um enorme arcabouço de memórias e histórias sobre o dia a dia do referido estabelecimento de ensino. E esse é o principal motivo que nos levou a escolhê-las, não sendo, porém, o único. Um dos critérios usados para definir quem seriam os informantes foi o fato destes residirem em São João del-Rei, considerando a dificuldade para localizar professoras que se mudaram para outras localidades, e que perderam contato com as demais entrevistadas.

O falecimento de uma personagem importante na história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, ocorrido há poucos anos, pode ser considerado uma grande perda para o estudo, porque poderia ser tratada como uma fonte de informação, já que através de sua memória, teríamos a capacidade de trazer mais elementos pertencentes a história da escola e que seriam uma enorme contribuição para essa investigação. Trata-se da professora Maria do Carmo Dilásccio, primeira diretora que tomou posse em 1962 e permaneceu à frente da escola por mais de trinta anos.

Como já foi mencionado, entre as educadoras entrevistadas, são todos do sexo feminino. Isso se deu porque, nos registros da escola, não foi encontrado ninguém do sexo masculino que tenha dado aula na instituição, durante o período investigado. Outra característica importante dessas informantes é de serem pessoas pertencentes a esta região. Cinco delas nasceram na cidade de São João del-Rei, enquanto uma nasceu na cidade vizinha de Resende Costa e outra, no município de Juiz de Fora.

Ainda se pode notar, pelos depoimentos, que todas são de classe média. Das sete entrevistadas, seis delas possuem residência no centro da cidade de São João del-Rei, algo que as distingue dos setores populares. O objetivo aqui não é fazer uma avaliação socioeconômica de suas vidas, mas, apenas situá-las como dentro do contexto da sociedade Sanjoanense. Nesse município, onde o peso da tradição ainda é notório nas relações sociais cotidianas, ter sido professora da referida escola faz diferença, em termos de reconhecimento social e status. Elas permanecem mais tempo na memória

dos ex-alunos e de seus familiares, o que foi perceptível no processo de contato inicial com as educadoras e no desenvolvimento das entrevistas.

As entrevistas realizadas com as ex-professoras foram assim norteadas: inicialmente, fez-se uma breve apresentação das características da entrevistada como, nome completo, idade, naturalidade, grau de escolaridade, profissões desempenhadas e atuais; em seguida, sua inserção no ambiente educacional e, finalmente, a entrada para lecionar no Jardim de Infância Bárbara Heliadora, e o tempo trabalhado na instituição.

Em relação a sua participação na história da escola, foram abordados os seguintes aspectos: a estrutura física do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, no momento de sua criação; as lembranças dos alunos, quem eram e de onde vinham esses estudantes; os momentos mais significativos vividos na instituição; a relação com as demais professoras e a direção, ao longo dos anos; o contato com os pais e a comunidade em geral; o conteúdo ministrado aos alunos na sala de aula, e se o Jardim de Infância alfabetizava; se era perceptível para os alunos que eles estavam sendo preparados para o ensino primário; as comemorações e festividades no ambiente escolar; a formação profissional recebida para dar aulas para crianças pequenas.

Com a concretização das transcrições das entrevistas, a investigação separou o conteúdo de seus relatos em categorias, para facilitar sua análise. As categorias foram constituídas da seguinte maneira: apresentação da entrevistada; como começou no campo educacional e início no Jardim de Infância Bárbara Heliadora; permanência na instituição e quem eram os alunos; os momentos de suas experiências na instituição; a relação com as demais professoras, a direção e com os pais; a estrutura física da escola e por fim, como aconteciam os eventos comemorativos e a importância de dar aula na Educação Infantil.

Após essa exposição do roteiro das entrevistas realizadas com as ex-professoras, será apresentado o roteiro que se utilizou para entrevistar os ex-alunos. O objetivo, ao escolher duas pessoas que frequentaram, nos anos 1950, salas de Educação Infantil, anexas às escolas primárias, é entender o tipo de educação desenvolvida nesse espaço. Os demais entrevistados fazem parte já do quadro de ex-alunos do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, e estiveram presentes nos primeiros anos de funcionamento dessa instituição.

Esses sete entrevistados, quatro mulheres e três homens, todos nascidos na cidade de São João del-Rei, tiveram irmãos que também estudaram na escola Bárbara Heliadora. Além disso, todos eles pertencem ao mesmo círculo social das referidas

professoras. Profissionalmente, assim se posicionam: professor da UFSJ; comerciante; advogado; administradora de empresa e chefe administrativa; comerciante; professora universitária aposentada; engenheiro civil. A escolha por essas pessoas não privilegiou o seu status social, já que ela se deu, principalmente, por indicação das professoras, que foram as primeiras entrevistadas.

Em meio às cinco entrevistas restantes, realizadas com os ex-alunos que frequentaram a Educação Infantil já na escola Bárbara Heliadora, verificou-se que três dessas pessoas possuem uma característica similar, suas mães também foram professoras da escola.

A coleta de informações nessas entrevistas foi norteada na seguinte ordem: em primeiro lugar, realizou-se uma breve apresentação das características do entrevistado; depois, foi perguntado ao sujeito histórico em qual estabelecimento de ensino infantil havia estudado e quando foi que isso ocorreu. Também foi perguntado: que lembrança guardava ; quais foram suas professoras e as principais recordações que delas trazia, do tempo em que ali estudou.

Outras questões foram relativas aos momentos significativos de suas experiências na instituição e a importância dessas lembranças para sua trajetória de vida: recordações dos colegas de turma que frequentaram a educação infantil no mesmo período, juntamente com relatos de situações ocorridas entre o entrevistado e os outros alunos; o que era ensinado em sala de aula; de quais instituições de ensino infantil, existentes nesse período, ele se lembra; como aconteciam as comemorações e festividades no ambiente escolar. E por fim, fatos pessoais marcantes na sua trajetória enquanto aluno que considera importante mencionar.

A décima quinta entrevista se diferencia das demais por ter sido realizada com uma informante que não teve atuação direta nos corredores escolares do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Essa última entrevista foi realizada com a Coordenadora de Eventos Educacionais e Culturais, da Revista AMAE Educando, sendo que a informante já exerceu a função de presidente, de superintendente, desempenhou papel importante na parte financeira, e na orientação pedagógica da publicação.

Foi decidido realizar essa décima quinta entrevista, primeiramente, devido à circulação da Revista AMAE Educando na trajetória do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, onde era vista como um auxílio importante no preparo das aulas de educação infantil, conforme relata uma professora.

A revista AMAE educando foi gestada no interior do projeto de formação de educadores, desenvolvido pelo PABAE (Programa de Assistência Brasileira-Americana ao Ensino Elementar), um programa desenvolvido, no Brasil, que teve Minas Gerais como seu principal parceiro, de 1956 a 1964. (isso será tratado mais adiante).

As questões que nortearam a concretização dessa entrevista foram: como ocorreu a inserção da informante no campo educacional; de que maneira teve início a história da Revista AMAE Educando e como se deu a trajetória da entrevistada na publicação; quais as atividades exercidas pela revista desde 1966, primeiro ano de sua publicação; de que maneira eram mantidas as edições da revista e as demais atribuições que a revista proporcionava; qual o olhar da entrevistada sobre a Educação Infantil, começando pelos anos iniciais de sua entrada na área da Educação, nos anos 1960; qual o papel social da Revista AMAE Educando e o que os leitores esperavam de suas publicações; de que forma era vista, pela entrevistada, a relação da AMAE Educando com a OMEP e ainda, a influência em sua formação do PABAE. E finalmente, as últimas questões presentes no decorrer do depoimento são relativas ao grau de atuação da fundação AMAE no país e se a publicação já tinha sido objeto de estudos no meio acadêmico.

Ao concluir a apresentação desses informantes que estiveram presentes na trajetória da Educação Infantil, nas décadas de 1950 e 1960, em São João del-Rei, o estudo irá tratar da situação do cenário proposto para essa modalidade educacional, em Minas Gerais e no Brasil, nesse período.

CAPÍTULO 2

REFERÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

A abordagem desta parte da dissertação tem como tema estudos e publicações que servem de referência para a compreensão do campo de pesquisa em que o objeto de estudo está inserido. Procurar resgatar a história do Jardim de Infância Bárbara Heliodora não é apenas concentrar os olhares dentro dos seus muros escolares, ou entender o contexto de sua criação e o caminhar da Educação Infantil no período. É importante, sobretudo, para atingir o propósito desta dissertação. Sendo assim, o primeiro aspecto a ser tratado, neste capítulo, é relativo à formação do cenário da Educação Infantil no Brasil.

Na segunda parte, o capítulo mostra algumas obras que tiveram suas publicações entre as décadas de 1950 e 1960, e que foram livros de referência não só para essa modalidade de ensino, naquela época, mas para a formação do campo de estudo para a Educação Infantil e também terá uma explanação sobre a Revista AMAE Educando, publicação que aborda diversos temas envolvendo a Educação, inclusive a Educação Infantil. Trata-se de um periódico muito importante no âmbito do Estado de Minas Gerais, e que teve circulação entre as professoras do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, provavelmente trazendo grande contribuição para o preparo de suas aulas.

2.1- ASPECTOS DO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Este item tem por finalidade abordar o cenário da Educação Infantil no país, partindo dos autores que realizaram investigações em relação ao tema. Iniciamos esse referencial pelos estudos de Drouet (1990), que ao pensar a Educação Infantil dentro do contexto histórico brasileiro, percebeu que a iniciativa de se procurar desenvolver o tema surge no século XIX, quando o governo brasileiro, de maneira oficial, se pronuncia em relação aos alunos que ainda não possuem a idade mínima de sete anos para adentrar as escolas primárias:

A primeira referência oficial à pré-escola em nosso país encontra-se no projeto da Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, portanto, no período imperial. Este projeto, cuja idéia central é a liberdade de ensino, estabelece, em seu artigo 2º, a obrigatoriedade de freqüência às escolas primárias a partir dos sete anos, prevendo a fundação de jardins-de-infância e escolas normais. (Drouet, 1990, p.53.)

A Reforma Leôncio de Carvalho, de 1878, já remete à necessidade de desenvolvimento do ensino pré-escolar no país, defendendo a criação, em todos os municípios, de um Jardim de Infância. Sua principal atribuição era regularizar a educação primária obrigatória das crianças com uma idade mais avançada, durante o período do 2º Reinado.

Ao investigar as instituições de ensino que compunham o campo da Educação Infantil ao longo da história brasileira, como por exemplo, asilos infantis, escolas maternais, jardins de infância, pré-escolas, creches, Drouet (1990) argumenta que, na virada do século XIX para o XX, a preocupação não era dar nomes aos estabelecimentos de ensino, mas deixar claro, para a compreensão da sociedade, qual deveria ser o papel dessas instituições. Ele declara que:

A educação pré-escolar é dispensada na família e em todos os estabelecimentos que recebem, em um ou outro momento e por razões diversas, as crianças que ainda não estão submetidas à escolaridade obrigatória. Estes estabelecimentos devem ter explicitamente objetivos de educação entre o conjunto de seus objetivos gerais. Quanto aos estabelecimentos há uma grande diversidade de respostas, a começar pela definição do que é um estabelecimento de educação pré-escolar. Foram citadas creches, dispensários, infantários, sanatórios etc. (Drouet, 1990, p.25/26.)

Esse autor procura, em seu estudo, definir o principal papel que as instituições pré-escolares tinham na virada do século XIX para o XX, afirmando que: *É a instituição cujo principal objetivo é facilitar o desenvolvimento geral da personalidade sob todos os aspectos e promover a educação da criança.* (Drouet, 1990, p.25/26.).

Kishimoto (1988) cita o Rio de Janeiro como local que recebeu o primeiro Jardim de Infância do país, e em seguida, chega a relatar o funcionamento de outras escolas em demais localidades. A autora relata que:

No Brasil, coube também à iniciativa particular a instalação dos primeiros jardins de infância. No Rio de Janeiro, Menezes Vieira criou, em 1875, a primeira unidade no país, para atender à elite carioca, (...). Dois anos depois, os protestantes radicados em São Paulo inauguraram o Kindergarten na famosa Escola Americana, hoje Colégio Mackenzie, uma escola particular, destinada à elite. Instalaram também jardins de infância em Campinas e Piracicaba. Em outros estados do Brasil, como Pará, (Colégio Americano-1884) e Rio de Janeiro (Colégio Menezes Vieira- 1875, Escola de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade- 1887 e Escola Alemã- 1983) foi por conta da iniciativa privada que surgiram as primeiras unidades infantis. (Kishimoto, 1988-B, p.58.)

Sobre os precursores da instalação das instituições pré-escolares, a argumentação é de que *até o ano de 1922, a educação infantil compreende a creches, asilos infantis, escolas maternais e jardins-de-infância*. (Kuhlmann JR, 1998, p.55). A caracterização de uma pré-escola como concebemos nos dias atuais, dotada de caráter educativo, não era encontrada em todas as instituições de ensino infantil. O que prevalecia, no período, eram estabelecimentos voltados à guarda de crianças, acolhendo principalmente crianças órfãs e crianças de mães que precisavam trabalhar fora de seus lares. Por isso, a educação infantil, nessa ocasião, tem dentre suas características um caráter assistencialista.

Um dos casos que pode exemplificar o contexto histórico em que a pré-escola nasce no Brasil, pode ser identificado no último quartel do século XIX, momento em que houve a criação de um estabelecimento de ensino público para atender uma demanda em Educação Infantil na cidade de São Paulo:

Quando Gabriel Prestes, então diretor da Escola Normal da Praça, depois Caetano de Campos, quis organizar e instalar o primeiro jardim de infância de São Paulo, em moldes estritamente froebelianos. Construiu-se prédio apropriado nos fundos da escola e entregou-se o curso aos cuidados da prof^a. Rosinha Nogueira Soares, que estudara o pensamento de Froebel na Europa e participara da direção de um Kindergarten na Bélgica. Além de dirigir o jardim de infância da Escola da Praça, a prof^a. Rosinha fazia funcionar, nesse mesmo estabelecimento, o primeiro curso de formação de professoras de classes infantis, então denominadas jardineiras. A essa educadora se pode, sem medo de errar, atribuir o título de Mãe da Pré-Escola Paulista. (Souza, 1979, p. 05.)

Observa-se que, no país, já circulam correntes teóricas pedagógicas existentes na Europa, como nos mostra Kishimoto na citação feita anteriormente, o que leva à preocupação com a formação do profissional que realizará a tarefa de ensinar esse novo público infantil: a jardineira. É importante deixar claro que, já no século XIX, havia, no Brasil, esse tipo de iniciativa em favor da Educação Infantil, da qual a professora Rosinha foi uma das pioneiras.

A criação dos primeiros estabelecimentos “privados” para a Educação Infantil, no Rio de Janeiro, em 1875 e em São Paulo, em 1877, antecede aquela que foi a primeira iniciativa governamental no setor, dada em São Paulo, em 1896. Este último acontecimento faz dele um dos marcos para se começar a pensar as instituições pré-escolares públicas no país. Essa iniciativa foi seguida por Minas Gerais. Faria Filho argumenta que, em Minas Gerais, a primeira escola de Educação Infantil surge em Belo Horizonte, no ano de 1908, ao dizer o seguinte:

este texto centra-se na análise de algumas questões presentes nos primeiros anos de funcionamento da primeira escola infantil da capital, fundada em 1908. Inaugurada em novembro de 1908, e denominada Escola Infantil Delfim Moreira, já nos primeiros anos de seu funcionamento, contava com uma matrícula de quase duzentas crianças, com uma frequência diária de quase uma centena delas. (Faria Filho, 1995, p.109.)

A partir da leitura do trabalho de Faria Filho, ao dizer que o número de crianças era grande para um tipo de atendimento recém-criado, podemos dizer que a oferta se liga a uma demanda, explícita ou não, por esse tipo de escolarização. Ao se perguntar sobre os objetivos da criação de um Jardim de Infância em Belo Horizonte, Vieira identifica que:

os jardins de infância ou escolas infantis surgem no campo da educação respondendo aos objetivos de socializar e preparar a criança de 4 a 6 anos para o ensino elementar ou fundamental. Em Belo Horizonte, e em Minas Gerais, o primeiro jardim de infância é de 1908, sendo objeto de *decreto* do governo estadual. Integra, portanto, desde a sua origem, a legislação educacional do governo mineiro. (Vieira, 1999, p.29.)

Kishimoto (1988-A), ao estudar as origens da Educação Infantil em São Paulo, identifica, em 1922, o momento em que foram criadas as primeiras escolas maternas nesse Estado. Tinham como objetivo oferecer às crianças pobres uma Educação voltada para o desenvolvimento físico, intelectual e moral, com ênfase em uma alfabetização rígida que não considerava as necessidades infantis.

Nos anos trinta, não ocorreu grande mudança no cenário dos jardins de infância no Brasil. Mesmo com a legislação trabalhista, que, desde 1932, previa creches nos estabelecimentos em que trabalhassem trinta ou mais mulheres, isso de fato não acontecia, embora fosse determinação do governo.

Kuhlmann Jr. (2000), faz um panorama do que aconteceu no âmbito nacional para esse tipo de ensino, durante esse período, afirmando que:

No nível federal, a Inspeção de Higiene Infantil, criada em dezembro de 1923, é substituída em 1934 pela Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância, criada na Conferência Nacional de Proteção à Infância, em 1933. Em 1937, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública passa a se chamar Ministério da Educação e Saúde, e aquela Diretoria muda também o nome para Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância. (DAMI.) Em 1940, cria-se o Departamento Nacional da Criança (DNCr), em todas essas fases dirigido por Olinto de Oliveira, médico que havia participado do congresso de 1922. Entre outras atividades o DNCr encarregou-se de estabelecer normas para o funcionamento das creches, promovendo a publicação de livros e artigos. (Kuhlmann Jr, 2000, p.04.)

O autor cita a fundação, em 1940, do Departamento Nacional da Criança, que fora criado com o objetivo de regularizar o andamento das creches, e contribuir para publicações de livros e artigos.

Ainda sobre o Departamento Nacional da Criança, Kuhlmann Jr. (2000) observa que o papel do Departamento não está apenas em estabelecer normas para as creches, mas de se ocupar de todas as unidades educacionais, *fazendo valer a presença da educação e da saúde no mesmo ministério, só desmembradas em 1953, quando o DNCr passa a integrar o Ministério da Saúde até o ano de 1970, quando é substituído pela Coordenação de Proteção Materno-Infantil.* (Kuhlmann Jr., 2000, p.06).

Nota-se, nesse período, que a preocupação com a Educação Infantil, por parte do Estado, estava centrada na prerrogativa educativa higienista. O cuidado com a saúde da criança contribuía para a formulação das normas dessa escolarização. Kuhlmann Jr. (2000) argumenta que, desde a década de 1920, até meados da década de 1970, as instituições de Educação Infantil viveram *um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional.* (Kuhlmann Jr, 2000, p.06).

Vieira (1999) afirma que, para os jardins de infância, a expansão também foi lenta e gradual, até os anos 1970. *Observa-se um início de crescimento nos anos 1950, com a criação de uma outra modalidade de atendimento, que são as classes anexas de pré-primário aos estabelecimentos de ensino primário.* (Vieira, 1999, p.29.), modalidade de atendimento que ocorreu em São João del-Rei, antes da fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.

Na década de 1950, a oferta de educação pré-escolar pública ocorre em classes anexas ao ensino primário, não havendo uma política de gestão e financiamento focalizada exclusivamente na Educação Infantil. É a política do improvisado, do uso de parcas sobras da escola primária. O espaço disponibilizado, com um número excessivo de crianças e projeto pedagógico pouco definido, mostra uma realidade muito distante dos modelos de Jardim de Infância idealizados na Europa.

Ao pensar a Educação Infantil no período sobre o qual recai a investigação histórica, no início da década de 1960, com a fundação, em 1962, do estabelecimento de ensino pesquisado, observa-se que a fundação da instituição se deu sob a égide da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, criada no ano de 1961. Essa lei faz menção ao ensino infantil, porém, ainda não aborda, de fato, o que deve ser essa

modalidade de Educação, deixando a cargo de estabelecimentos de ensino, como o Jardim de Infância e as escolas maternas, a organização da rotina educativa de seus alunos. O autor enfatiza a lei como sendo a:

LDB (1961) Essa lei se refere à educação pré-primária, especificando que a mesma será ministrada em jardins-de-infância e escolas maternas; que se destina a menores de sete anos e que as empresas que tenham ao seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas (pelo Estado) a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-escolar. (Drouet, 1990, p.58.)

Isso significa que ainda não havia uma definição clara das funções da educação pré-primária, no que diz respeito aos seus objetivos pedagógicos, o que, em maior ou menor grau, se reflete na formação dos educadores infantis e nos trabalhos desenvolvidos nas escolas. Porém, a sensibilidade ao tema se acentua, a ponto de ganhar crescente visibilidade no meio acadêmico, o que pode ser constatado em encontros internacionais ocorridos na década de cinquenta e sessenta que tratam desse assunto.

Além disso, há que se considerar que, embora de maneira tímida e não prioritária, a Educação Infantil foi contemplada quando da constituição de um programa de formação dos professores para o ensino elementar, levado a cabo, em Minas Gerais, nos anos 50 e 60 do século XX. Trata-se da criação do PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar), no período de 1956 a 1964, através de acordo entre Brasil e Estados Unidos. A finalidade desse programa era a melhoria da qualidade da formação de professores para o ensino primário, bem como, indiretamente minimizar o analfabetismo, a evasão escolar e a presença de grande número de professores leigos, tidos como obstáculos ao avanço econômico do país.

Nazira Abi-Sáber, uma das pioneiras na Educação Infantil em Minas Gerais, participou do referido programa, tendo sido, inclusive, responsável pela publicação de um livro dirigido à educadora do Jardim de Infância (adiante retomamos o assunto). O caminho para a modernidade exigia uma educação com programas claramente definidos e orientados para o desenvolvimento do país. Além disso,

A preocupação com a metodologia do ensino herdada do ideário escolanovista continuava a se fazer presente. Na euforia desenvolvimentista dos anos 50, as tentativas de “modernização” do ensino, que ocorriam na escola média e na superior, atingem também o ensino primário e a formação de seus professores. Assim merecem referência a atuação desenvolvida pelo Programa de Assistência Brasileiro-Americana no Ensino Elementar (PABAE), de 1957 a 1964, resultante de acordo MEC/INEP/ e a USAID, cujo objetivo prioritário foi inicialmente a instrução dos professores das escolas normais, no âmbito das metodologias de ensino. (Tanuri, 2000, p.78).

A partir de Tanuri (2000), podemos conceber que foi na euforia desenvolvimentista dos anos 50 que ficaram expressivas as tentativas de trazer a “modernidade” para a Educação, o que se reflete mais incisivamente no ensino primário e na formação de seus professores. Assim, as metodologias de ensino se ligam mais claramente a uma perspectiva pedagógica de formação do sujeito, algo que, em maior ou menor grau, já fazia parte dos primeiros programas de Jardim de Infância criados no Brasil. Portanto, o PABAEÉ é construído no interior de um projeto de desenvolvimento social que atribui à Educação um papel importante na educação das novas gerações.

O programa, a partir do ano de 1956, teve seu funcionamento no Instituto de Educação de Belo Horizonte/MG. Em estudo realizado por Paiva & Paixão, os autores argumentam sobre quais seriam os principais objetivos que a assinatura do contrato entre Brasil e Estados Unidos iria acarretar.

Em 22/06/1956 o Ministério da Educação e Cultura assinou um acordo com a USOM-B (United States Operation Mission — Brasil) dando início a um programa de apoio ao ensino elementar, que ficou conhecido por sua sigla PABAEÉ e cujos objetivos foram:

- 1) Formar quadros de instrutores de professores de ensino normal para diversas escolas normais mais importantes do Brasil.
- 2) Elaborar, publicar e adquirir textos didáticos tanto para as escolas normais como para as elementares.
- 3) Enviar aos Estados Unidos, pelo período de um ano, na qualidade de bolsistas, cinco grupos de instrutores de professores de ensino normal e elementar recrutados em regiões representativas do Brasil que, ao regressarem, serão contratados pelas respectivas escolas normais para integrarem os quadros de instrutores de professores pelo período mínimo de dois anos. (Paiva & Paixão, 1995, p.111)

Para que o PABAEÉ pudesse funcionar, foi criado um Fundo Conjunto onde se discriminavam as contribuições do governo federal, do governo mineiro e do parceiro americano. O governo federal custeava a suplementação salarial de técnicos brasileiros engajados no projeto, as passagens de ida e volta dos professores brasileiros aos EUA, bolsas de estudo e transporte aos professores participantes dos cursos do PABAEÉ. O governo mineiro assumiu o compromisso de dotar o Centro Piloto com um quadro completo de funcionários em regime de tempo integral e escritórios para os técnicos americanos. Ainda cedia o Instituto de Educação para o projeto e pagava o salário dos bolsistas encaminhados aos Estados Unidos. Os americanos se encarregavam do pagamento das bolsas de estudo, por um ano, para o grupo de bolsistas a serem enviados e de outros grupos, dependendo dos recursos, durante quatro anos consecutivos.

No centro piloto, em Belo Horizonte, professoras do curso normal, supervisores, inspetores e diretoras de escolas primárias e normais de diversos estados realizaram cursos de aperfeiçoamento. Por meio destes cursos, da produção e distribuição de material didático e assessorias a secretarias de educação, o PABAEE contribuiu para a divulgação de uma abordagem dos problemas da escola primária que predominou no período que vai do final da década de 50 até o início da década de 70. (Paiva & Paixão, 1995, p.111)

O contrato assinado entre o governo brasileiro e os americanos, em 1956, tinha duração até o ano de 1961; entretanto, seu prazo foi prorrogado até 1964, quando as atividades desenvolvidas pelo PABAEE, passaram a fazer parte do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, órgão do INEP. Em 1964, o PABAEE passou a constituir a Divisão de Aperfeiçoamento daquele centro.

No decorrer da mesma década, no ano de 1968, acontece no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Encontro Interamericano de Educação Pré-Escolar. Já neste evento, surgem indícios de que a visão que perpassa a Educação Infantil está em profunda transformação. Levando em conta, de fato, o que seria esse ensino pré-escolar, dentre as conclusões do encontro, podemos destacar duas:

1. O conceito do pré-escolar, como predicativo de educação, dependerá da organização escolar de cada país, a qual necessariamente refletirá as condições econômicas e culturais; 2. Se aceita, no momento, a designação de “pré-escolar” apenas para efeito de comunicação, sem restringir a sua conotação ao aspecto escolar, uma vez que não se trata, apenas, de fase preparatória, e sim de intenso e singular dinamismo psicossomático, de repercussões na vida adulta. (Souza, 1979, p. 73.)

Sobre o 1º Encontro Interamericano de Educação Pré-Escolar, Vilarinho argumenta em relação à participação do DNCr e de intelectuais ligados ao desenvolvimento da educação infantil no período. A autora deixa evidente que considera o encontro como sendo de grande importância para impulsionar os estudos da educação das crianças pré-escolares. Assim afirma que:

Ainda nesse período, o DNCr (1967) publicava o “Plano de Assistência ao Pré-Escolar” e no ano seguinte realizava, juntamente com a OMEP-Brasil e outras instituições como a LBA, a Fundação Nacional de Bem Estar do Menor, a Secretária de Educação e Cultura do então, Estado da Guanabara e o UNICEF, o I Encontro, na cidade do Rio de Janeiro. Esse Encontro foi muito importante por que, além de congregar profissionais que, sempre, se projetaram no cenário pedagógico nacional como interessados na problemática do pré-escolar, tais como Lourenço Filho, Nazira Feres Abi-Sáber, Angelina de Assis, Ruth Gouvêa, Pedro Figueiredo Ferreira, Mário Chaves, Laura Jacobina Lacombe, Mário Altenfelder, Riwa Bauzer, entre outros, contou com a participação de educadores da Venezuela, do Uruguai e de técnicos do UNICEF. (Vilarinho, 1987, p. 107.)

Ao se referir a esse evento realizado no Rio de Janeiro, Rosemberg (1992) mostra que o Brasil é convocado internacionalmente, pelo UNICEF, a se posicionar quanto às políticas públicas dirigidas ao segmento “pré-escolar”. Do encontro com a UNICEF, nasce o Plano de Assistência ao pré-escolar, elaborado pelo DNCr., que o MEC usou como referencial para as suas ações no setor, até meados da década de 1980.

O DNCr preparou, para apresentar nessa reunião [da UNICEF, em 1965] , um diagnóstico sobre o pré-escolar no Brasil e dele trouxe as idéias que guiaram a elaboração do “Plano de Assistência ao Pré-Escolar” (DNCr, 1967), apresentado no I Congresso Interamericano de Educação Pré-escolar, realizado no Rio de Janeiro em 1968. Nesse documento estão presentes as orientações que guiaram as propostas de pré-escola de massa elaboradas pelo MEC-Ministério da Educação e Cultura durante a década de 70 e parte de 80. (Rosemberg, 1992, p.23.)

Kramer (1987) escreve sobre o debate das políticas públicas para a Educação Infantil, aprofundando a discussão sobre como estão configuradas historicamente. A autora afirma que, nos anos de 1970, o atendimento “pré-escolar” é justificado como necessário, por cumprir a missão de compensar os “déficits” apresentados pelas crianças dos setores populares, de modo que esses passam a ser identificados como os causadores do fracasso na escola. Assim, os programas passam a ser formulados em torno da idéia de uma Educação capaz de fazer a compensação das defasagens culturais, linguísticas e afetivas, portadas por essas crianças.

Apesar das críticas feitas a essa concepção compensatória de Educação, sobretudo por tratar como déficit aquilo que é manifestação de diferenças culturais entre as classes sociais, o debate sobre o tema permitiu o desenvolvimento de uma rica reflexão acerca das dificuldades encontradas na formulação e desenvolvimento dos programas de Educação Infantil do país. Desse modo, o debate sobre a política de educação compensatória é enriquecido pela disputa em torno da concepção de criança e infância que alimenta os programas de atendimento infantil, havendo o deslocamento de um olhar que lida com o suposto déficit infantil e não com a criança em si, para um outro olhar, que concebe a criança como ser ativo, fazedor da cultura.

2.2- AS PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Ao pensar as referências educacionais para a Educação Infantil em Minas Gerais, nas décadas de 1950 e 1960, a investigação buscou obras que apresentavam reflexões sobre as possíveis propostas pedagógicas para essa modalidade de Educação Infantil no período. O estudo selecionou autores cujas obras tivessem por objetivo a caracterização do que deveria ser, naquele momento, um Jardim de Infância capaz de atender as expectativas de seus alunos.

As entrevistas realizadas mostraram que as professoras não recebiam formação específica para ministrar as aulas de Educação Infantil. Certamente isso acontecia porque, nas décadas de 50 e 60, no Brasil, o perfil de formação desse educador ainda estava em gestação. Na capital mineira, entretanto, já eram oferecidos alguns cursos de especialização, mas que não tinham caráter obrigatório, visto não haver uma exigência legal. Assim, ter o diploma da Escola Normal e gostar de crianças pequenas eram pré-requisitos básicos para o exercício da profissão.

Embora já surgissem, nas décadas de 1950 e 1960, os primeiros manuais acerca do trabalho nas escolas maternais (Nina, 1955) e nos jardins de infância (Gill, 1950); (Marinho 1952); (Abi-Sáber 1963, 1967, 1967.), as dificuldades na consolidação de programas de capacitação para essas educadoras era reflexo de uma área de trabalho em plena formação.

As publicações desses trabalhos acima citados, juntamente com a criação do Departamento Nacional da Criança, na década de 1940, indicam uma crescente sensibilidade em relação à formação da professora pré-escolar. Entre as obras que serão abordadas no estudo, com exceção do livro de Gill (1950), os manuais para a Educação em idade pré-escolar foram encomendados e publicados por órgãos governamentais. Lembrando que o investigador tem plena consciência que houve outras publicações no período sobre a educação infantil, entretanto, o uso dessas seis obras mencionadas anteriormente, tem o objetivo de procurar exemplificar como era desenvolvida a temática da educação infantil ao longo dos anos de suas publicações.

Antes de caracterizarmos, de forma breve, essa produção bibliográfica, faz-se necessário ressaltar, que as autoras mencionam em suas obras, as dificuldades concretas que a Educação Infantil atravessava no país, do ponto de vista das condições do espaço físico, da formação das professoras e outras demandas pertencentes a essa modalidade de ensino. Todas relacionam isso ao valor social atribuído à educação da criança

pequena. Essa educação é desvalorizada, na medida em que é vista como um luxo, um lugar aonde as crianças vão apenas para brincar, uma instituição de guarda de crianças que libera suas mães para outras atividades.

Quando às publicações, encontramos no acervo do Jardim de Infância Bárbara Heliodora o livro intitulado, *Orientação do trabalho no Jardim de Infância*, datado do ano de 1950. Ele foi escrito por Carmen Guimarães Gill que, naquele período, era professora primária, técnica de Educação, chefe do Serviço de Ortofrenia e Psicologia do Instituto de Pesquisa, no Rio de Janeiro. O livro é orientado por uma perspectiva psicológica que procura mostrar a importância de uma relação educadora-criança que respeite o desenvolvimento infantil, inclusive já denota uma preocupação com a avaliação do desenvolvimento por meio de testes. Essa obra faz um breve histórico acerca da Educação Infantil no Brasil e dos desafios enfrentados por essa modalidade de Educação; fala da criança pequena e de como educá-la nos Jardins de Infância. Além disso, apresenta um conjunto de atividades educativas que as professoras poderiam desenvolver no dia a dia.

Uma psicologia preocupada com o conhecimento das crianças e das diferenças entre elas conduz a autora a sugerir que as professoras identifiquem os níveis de desenvolvimento das crianças, do ponto de vista da inteligência, da linguagem, dos aspectos afetivos, etc. Outro aspecto visível, no livro mencionado, é a preocupação com os testes psicológicos, com a valorização do conhecimento do quociente de inteligência da criança.

O segundo livro abordado neste item foi produzido pela Prefeitura do Distrito Federal e por dois órgãos de sua administração: o Departamento de Educação Primária, e a Secretaria Geral de Educação e Cultura. Escrito por Heloísa Marinho, intitulado *Vida e Educação no Jardim de Infância*, foi impresso pela primeira vez no ano de 1952.

A autora do livro, professora Heloisa Marinho, teve uma formação acadêmica ímpar. Kuhlmann Jr. (2000) identifica que ela se formou no Colégio Bennett no Rio de Janeiro, com especialização nos EUA, para depois diplomar-se na Universidade de Chicago, em Filosofia e Psicologia, desde 1934 lecionou também no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, como assistente de Lourenço Filho, na cadeira de Psicologia da Educação. (Kuhlmann Jr, 2000, p.06.).

Segundo Leite Filho (2008), Heloisa Marinho foi uma autora que apresentava uma posição progressista e crítica acerca da Educação Infantil e de suas finalidades. Para ele, Marinho foi:

Fortemente influenciada na sua formação pelas idéias escolanovistas, através da sua obra, propõe uma Educação Infantil que tem como função preparar a criança para a vida e não somente para a escola. Para ela parece limitado restringir seus objetivos à função preparatória. E, mais do que isso, Heloísa sempre defendeu que não era qualquer pré-escola que contribuiria com o sucesso das crianças na escola primária e muito menos na vida. Esse resultado dependeria, do seu ponto de vista, diretamente da qualidade da Educação Infantil. (Leite Filho, 2008, p.90.)

Em relação ao conteúdo publicado em seu livro, logo no prefácio da primeira edição, a autora diz *que resolveu elaborar um programa psicoevolutivo, que constituísse verdadeiro guia didático*. Essa obra era destinada aos professores que lecionavam para alunos de quatro a seis anos. A autora queria que os assuntos tratados na obra:

constassem, além dos temas de ordem geral – a Criança, o Lar e o Jardim de Infância, o Corpo docente, o Ambiente – sugestões de atividades espontâneas e dirigidas, cuja prática levará à formação de hábitos e atitudes imprescindíveis a uma vida sadia, sob o tríplice aspecto físico, mental e social. (Marinho, 1952, p.07.)

O conteúdo do livro também estabelecia uma ligação com o ensino primário, descrevendo de que maneira o aluno deveria ter aptidão para leitura e aritmética, que culminaria com o desenvolvimento para a atuação na educação da primeira série. Kuhlmann Jr. (2000) também fala da publicação dessa obra, argumentando que:

Em 1952, Heloísa Marinho publica o livro *Vida e educação no jardim de infância*, título correlato ao do livro de Dewey, *Vida e educação*, que também foi o título do primeiro capítulo, nas segunda e terceira edições (1960 e 1966). Nesta última, inclui um “Planejamento para a educação pré-primária do estado da Guanabara”, em que propõe que a expansão deveria priorizar as crianças necessitadas, filhos de mães trabalhadoras, com a organização de novos jardins-de-infância públicos na proximidade das zonas industriais e favelas destituídas de jardins e praças. (Kuhlmann Jr, 2000, p.06.)

O terceiro livro utilizado como referencial pedagógico das décadas de 1950 e 1960 foi escrito por Celina Airlie Nina, *Escolas-Maternais e Jardins de Infância*, publicado em 1957. Como mencionado anteriormente, faz parte da coleção publicada pelo Departamento Nacional da Criança, que naquele tempo pertencia ao Ministério da Saúde. A autora era professora e foi a primeira diretora do Jardim de Infância do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. O livro deixa claro, em sua apresentação, o porquê de sua publicação:

A Divisão de Proteção Social do D.N.Cr., empenhada na cabal execução do seu grande e humanitário plano de amparo à maternidade, à criança e ao adolescente, não pode prescindir de cuidados especiais a todos os aspectos do problema de proteção à

infância. Nestas condições, não é para estranhar que se preocupasse em estabelecer normas gerais, a respeito de instituições de educação pré-primária, com o objetivo de auxiliar, sobretudo, as que dispensam, também, recursos financeiros. (NINA, 1957, p.05.)

Com o objetivo de estabelecer normas referentes à Educação Infantil, o livro discorre sobre assuntos relativos às construções dos prédios para essa categoria, esboçando como deveria ser a organização dessas instituições de ensino, sua administração e seu funcionamento.

Vilarinho escreve que o órgão responsável pela publicação, o Departamento Nacional da Criança, é destituído em 1970 com a criação de outro órgão para realizar suas tarefas, a autora afirma que:

No início de 1970 era criada, pelo Decreto nº 66.623 (MEC/DEF, 1979b) a Coordenação de Proteção Materno-Infantil (CPMI) que, como órgão central de direção superior do Ministério da Saúde, passava a ter finalidade de planejar, orientar, coordenar, controlar, auxiliar e fiscalizar as atividades de proteção à maternidade, à infância e a adolescência, resultante da transformação do DNCr. (Vilarinho, 1987, p.209.)

As três últimas publicações são pertencentes ao Instituto de Educação de Belo Horizonte/MG, com o auxílio do PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – Belo Horizonte) e pelo INEP. Todos escritos por Nazira Feres Abi-Sáber que foi:

Conselheira Estadual de Educação em Minas Gerais, Membro da OMEP – Organização Mundial para a Educação Pré- Escolar, Técnica de Didática de Educação Pré-primária do PABAE, Orientadora Geral das Classes Pré-primárias do Estado de Minas Gerais e fez curso de Educação Elementar na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. (Leite Filho, 2008, p.90.)

A primeira obra de Abi-Sáber que é utilizada no estudo como referência de proposta pedagógica para a Educação Infantil, na década de 1960, foi publicada no ano de 1962, recebendo o título de *O que é o Jardim da Infância*. Destinada a divulgar os princípios e normas da educação pré-escolar, seu conteúdo prescrevia os objetivos do Jardim de Infância, como deveriam ser as condições das matérias e do ambiente da escola, o número ideal de alunos em cada sala de aula e ainda, quais as atividades apresentadas aos alunos no começo das aulas.

Outra obra da autora, que também é usada para o mesmo fim descrito acima, foi lançada em 1963. Trata-se do livro “*A criança de 4 anos (Programa de atividades para crianças de 4 anos)*”, escrito como guia didático com sugestões de atividades para os alunos dessa faixa etária. De acordo com Abi-Sáber, as crianças de quatro anos:

Antes de qualquer preocupação com o "ensino", no sentido comum das palavras, elas precisam "crescer" e se "desenvolver", harmoniosamente, dando livre expansão à curiosidade, à imaginação, às exigências inevitáveis de seus sentidos. Brincar e descansar para, de novo, tornar a brincar e descansar, eis tudo quanto se poderá exigir de garotinhos de quatro anos. Não que não queiram fazer mais do que isso. Suas exigências são limitadas. Querem ser "gente grande" a todo custo. (Abi-Sáber, 1963, p.09.)

A citação de Abi-Sáber traz uma informação importante, sobre a apreensão que a autora demonstra, em relação ao fato de que uma excessiva preocupação com o ensino, pode impedir a criança de ter seu desenvolvimento pleno, já que a autora argumenta que para um crescer harmonioso é necessário que a criança esteja apta a ascender abertamente para o mundo de maneira livre.

A autora ainda aborda, nessa obra, temas como o nível de desenvolvimento das crianças de quatro anos, as atividades diárias e o horário de funcionamento da escola pré-primária, e também as atividades que podem ser desenvolvidas com as crianças dessa idade.

O último livro da autora que serviu de referência foi, *Jardim da Infância Programa para crianças de 5 e 6 anos*, publicado no ano de 1967. Nazira traz a idéia de que, especialmente para os alunos dessa faixa etária, o Jardim de Infância é a arrancada inicial que decide o sucesso ou fracasso da criança na escola primária. A autora escreve que:

Em face da urgente necessidade de se preparar um maior número de crianças para a escola elementar, e devido à escassez de estabelecimentos escolares e à pobreza de material, equipamentos, áreas ao ar livre, com que se debatem nossas instituições de educação pré-primária, justifica-se a preferência dada ao ingresso nos Jardins da Infância, às crianças de cinco e seis anos. (Abi-Sáber, 1963, p.13.)

Entre os conteúdos dos livros, a questão sobre a formação das professoras para a Educação Infantil norteia quase todas as obras. A preocupação em definir quais as características ideais para exercer essa função é evidente. Para Gill (1950):

A professora de Jardim de Infância precisa ter real aptidão para esse grau de ensino, razoável compreensão do problema ou, ao menos, disposição para adquiri-la. Deverá saber amar, respeitar e proteger as suas crianças, com verdadeiro devotamento de mãe. Deverá esforçar-se, por todos os meios, por conhecer em suas mais profundas minúcias a alma infantil. Ela terá que compreender as suas criancinhas como personalidades que se irão desenvolvendo para um mundo ainda desconhecido e, nunca como máquinas movidas ao sabor de sua vontade. Ela terá que compreender a responsabilidade que lhe pesa na formação dessas criaturinhas entregues à sua guarda e direção, nesse primeiro contato com uma coletividade fora dos limites da casa paterna. (Gill, 1950, p.25.)

Nos atributos mencionados por Gill para que uma professora do Jardim de Infância consiga ensinar seus alunos, alguns merecem destaques, como o olhar que deve ser dado às crianças, ela ressalta que os alunos não são *máquinas*, e que todos são diferentes com suas respectivas personalidades, nesse contexto de aprendizagem já entra a individualidade que cada pessoa possui, e que a autora faz questão que as professoras não se esqueçam disso.

Outro ponto importante do texto de Gill é a referência nítida que a autora faz da relação de ser professora com a de ser mãe, a autora chega a mencionar que as professoras devem ter um *verdadeiro devotamento de mãe*. Assim caracteriza o ensino infantil como uma profissão essencialmente feminina e a professora do Jardim de Infância como uma profissional que tem as mesmas características que uma mãe ideal tem que ter: *amar, respeitar e proteger*.

Abi-Sáber (1967), em seu livro, *Jardim da Infância Programa para crianças de 5 e 6 anos*, primeiramente situa a professora como sendo o elemento central de todo o processo de aprendizagem, salientando que a competência, a capacidade de controle e a liderança da professora constituem algo insubstituível, para em seguida, elencar as qualidades necessárias para ser professora:

A principal característica da professora de Jardim de Infância é ser, antes de tudo, muito humana. Ser humana é ser bondosa, entusiasmada, generosa, desprendida e compreensiva. De um modo geral, ter um espírito jovem e vivo para melhor se adaptar às crianças mais novas, conhecer melhor sua natureza e respeitar a individualidade e potencialidade de cada um. (Abi-Sáber, 1967, p.40.)

Abi-Sáber assim como a citação anterior da autora Gill, também faz referência a professora do Jardim de Infância como uma profissional que tem que ser capaz de adequar sentimentos para com o público infantil, como bondade e generosidade, quanto elementos que respeitem as características de cada aluno e seu tempo de aprendizagem. Entretanto, Abi-Sáber não faz comparações com o comportamento maternal, apenas ressalta que a professora tem que ter espírito *jovem e vivo* para atender as crianças.

Os livros da autora, bastante diretivos na definição da distribuição das atividades educativas na rotina do Jardim de Infância, fazem pouca referência ao corpo teórico que lhes dá sustentação, e enveredam para uma organização basicamente prescritiva do trabalho da educadora. Oferecem às leitoras, em uma linguagem acessível, um roteiro de como organizar a sala de aula, os equipamentos de dentro e de fora dela, como iniciar o dia de trabalho, desde o momento da entrada das crianças no estabelecimento escolar até sua saída.

De conteúdo teórico aligeirado e de muita ênfase na prática, esses livros cumprem o papel de apresentar um conjunto de músicas, jogos, exercícios e experiências úteis para a prática docente, além das figuras e desenhos que ilustram os conteúdos abordados, constituindo, desse modo, uma proposta pedagógica efetiva de Educação Infantil.

Heloisa Marinho e Celina Nina abordam o assunto relativo à formação das professoras de maneira diferente dos outros autores. A primeira dá ênfase à questão emocional do aluno, dizendo que: *o trabalho da professora consiste em dar à criança apoio afetivo e em propiciar riqueza de experiências, que aos poucos alargam o âmbito dos conhecimentos infantis.* (Marinho, 1952, p12,). A segunda já faz referência ao tema observando que, para uma melhoria no ato de educar, *parece-nos conveniente apresentar algumas matérias de opção de caráter geral, que habilitem a educadora do pré-escolar a exercer a função com maior capacidade: piano, desenho e trabalhos manuais.* (Nina, 1957, p.128.).

Desse modo, apesar das diferenças que perpassaram as ações e as produções dessas pioneiras na Educação Infantil, os textos, em maior ou menor grau, recomendam mais liberdade e respeito às características da criança no decorrer de seu desenvolvimento e uma educação que adotasse métodos ativos, propiciando seu interesse. Se a criança pequena deve ocupar um lugar central no processo educativo, é preciso constituir formas de realizar isso do ponto de vista da organização do espaço dentro e fora da sala de aula, das atividades sugeridas, etc.

Assim, Abi-Sáber, no livro que publicou em 1963, argumenta a respeito dos objetivos gerais que devem permear a educação no Jardim de Infância. A autora ressalta as atividades que os alunos esperam encontrar, ao buscarem esse tipo de instrução e ainda observa que o principal objetivo não é ter uma educação no sentido acadêmico do termo, mas a criança deve se desenvolver como pessoa. Essa autora argumenta que:

O objetivo principal do Jardim é antes a vida em todos os seus múltiplos aspectos e feições. No Jardim, a criança não vai para aprender, para adquirir conhecimentos acadêmicos, mas, ao contrário, vai para se desenvolver, adquirir experiências, amadurecer, viver e conviver com os seus semelhantes. Neste ponto, é que ocorrem os mais lamentáveis enganos. Alguns, não vendo resultados positivos, não sentindo o progresso das crianças de Jardim que nem ao menos sabem escrever ou fazer continhas, menosprezam a educação e passam a julgá-la inútil. (Abi-Sáber, 1963, p.16.)

Abi-Sáber argumenta que o intuito de um estabelecimento de ensino infantil é propiciar um ambiente capaz de envolver os alunos em um contexto de desenvolvimento, e isso só será possível através do contato com as demais crianças e com o surgimento de experiências no decorrer de suas vidas no jardim de infância.

Gill (1950) defende que o principal objetivo educacional da instituição é proporcionar à criança a aquisição de hábitos saudáveis. Entretanto, a autora evidencia que esse fato só ocorrerá se for oferecido à criança um desenvolvimento harmonioso, *considerado em seu tríplice aspecto: físico, moral e intelectual, de tal forma que, educando os sentidos e o físico em geral, socializando-se adequadamente e adquirindo conhecimentos úteis, através de atividades livres.* (Gill, 1950, p.11)

Em seu livro, *Vida e Educação no Jardim de Infância*, Heloísa Marinho coloca ênfase em assuntos relativos às situações de vida no Jardim de Infância, aos recursos que as educadoras devem utilizar para melhor prepararem suas aulas e a importância da educação pré-escolar para o desenvolvimento do aprendizado da criança. No que concerne ao objetivo do Jardim de Infância, a autora afirma que:

Não é possível traçar normas rígidas de um programa pré-escolar. O desenvolvimento é criador. A criança conquista os conhecimentos pela experiência própria. Resume-se a função educativa do Jardim de Infância a proporcionar ambiente favorável à vida (...). O Jardim de Infância deve proporcionar à criança, meios de expressar livremente suas experiências no convívio com as professoras e os colegas, na dramatização espontânea, nas artes manuais e na música. (Marinho, 1952, p.10/11.)

Diferentemente de Abi-Sáber, que escalona as atividades propostas no tempo e no espaço do Jardim de Infância, Heloísa Marinho não prescreve uma rotina de trabalho para as crianças, embora, como as demais autoras, mostrasse preocupação em proporcionar informações sobre como tornar rico o ambiente escolar.

Esses livros-manuais afirmam o caráter prático que a formação das professoras assume. Eles direcionam o fazer cotidiano da professora nas mais diversas dimensões da prática educativa, constituindo um fazer pedagógico próprio ao trabalho com a criança pequena.

Uma ex-professora (Tulipa), entrevistada para esta pesquisa, mencionou a Revista AMAE Educando, como tendo expressão entre as professoras do Jardim de Infância. Ela relatou que assinava a revista AMAE Educando e que foi a única do Jardim de Infância a ter feito curso em Belo Horizonte, junto ao Instituto de Educação. Desse modo, *ajudava as professoras mais inexperientes a preparar as aulas, inclusive elas*

pediam tanto a revista que depois de um tempo eu recebia em casa e já levava para a escola, até a escola começar a receber a revista.

Quando questionada se havia na instituição um projeto de qualificação dos professores e ainda, qual material usava de apoio para a formulação de suas aulas, a mesma entrevistada chegou a argumentar que a revista AMAE Educando era bastante consultada dentro do ambiente escolar, servindo como referência para a prática e saberes educacionais, presentes no contexto escolar do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Sendo assim, a fala da ex-professora é a seguinte:

Entrevistador: E as professoras realizavam cursos de capacitação?

Violeta: Sempre tinha uma que fazia uma atualização, ia para Belo Horizonte, e quando ia lá e fazia passava para o restante, mas a atualização era muito importante, a gente estava sempre fazendo, depois a gente comprava revistas.

Entrevistador: Quais as revistas que circulavam na escola?

Violeta: AMAE Educando, eu tinha até a assinatura dela, eu acho que era do Sul, depois eu dei tudo para escola, os livros de história depois eu dei porque meus meninos já estavam maiores. (Violeta)

Diante disso, identificamos que o Instituto de Educação de Belo Horizonte/MG, era concebido como um centro irradiador de propostas pedagógicas modernas, naquele período histórico. A formação ali recebida, dentro ou não do PABAE, por um conjunto de professores, parece ter ajudado na consolidação do projeto de criação de um veículo de divulgação das ideias educacionais, a revista AMAE Educando. Por essa razão, julgamos importante entrevistar uma pessoa que nos trouxesse os nexos entre essa Revista e as experiências de formação docente conduzidas por esse Instituto de Educação de Belo Horizonte/MG. A fundação da Revista ocorreu, de acordo com a entrevistada, no interior do Instituto, num momento de sua história que ela diz ter participado da seguinte forma:

eu fiz três anos de curso Normal no Instituto em uma época que teve uma reforma, porque funcionava no Instituto um departamento que se chamava (DAP) que depois veio se chamar PABAE era um programa de educação de ensino elementar, que era um programa americano que o Instituto emprestava as salas para funcionar. Então eu fiz o curso de formação nessa época, então eu tive a oportunidade de ter professores desse programa e nosso currículo era muito extenso, porque além de um currículo normal de uma escola de 2º Grau de ensino normal, nós tínhamos alguns conteúdos infantis como literatura infantil, organização e funcionamento e outros conteúdos infantis que eram ministrados pelos professores que vieram dos Estados Unidos e que estavam no PABAE, então eu tive essa sorte de ter tido esse acréscimo na minha formação de professora. (R-AMAE)

Da experiência forjada no interior do Instituto, um grupo de especialistas preocupados com a questão da formação dos professores em Minas Gerais procura

instituir uma forma de divulgação das ideias e questões educacionais que pudesse atingir inclusive o público localizado fora da capital. Desse modo, a entrevistada diz o seguinte:

fundamos uma associação que se chamou Associação Mineira de Administração Escolar e a sigla dava A, M, A, E então dava AMAE certo, então a AMAE começou com uma associação de alunos e ex-alunos do curso de Administração Escolar. No ano seguinte que nós fizemos o segundo encontro, logo no ano seguinte do primeiro ano, foi que fizemos novamente o congresso e foi nesse ano que nós lançamos a revista AMAE Educando, o encontro foi em Belo Horizonte no Instituto de Educação e nós lançamos o primeiro número da revista AMAE Educando que o objetivo era o que, colocar na revista as coisas novas que estavam acontecendo no curso de Administração Escolar para aquelas pessoas que já tivessem voltado para o interior tivessem uma maneira de acompanhar o que estava acontecendo. Então nosso primeiro exemplar da revista foi editado em 1966 e continuou assim ininterruptamente até hoje e sem propaganda, quase uma forma de teimosia de dar continuidade. (R-AMAE)

A revista era publicada pela Associação Mineira de Administração Escolar e seu primeiro exemplar foi editado em 1967³, tendo por objetivo contribuir para que o professor exercesse seu ofício da melhor maneira possível. Sobre a pesquisa em torno da Revista AMAE Educando, esse estudo procurou analisar os números publicados que tinham sido lançados no mesmo período no qual está inserida a investigação sobre o Jardim de Infância Bárbara Heliodora, portanto, a década de sessenta e início da década de setenta.

O número de revistas da AMAE Educando que foram averiguadas chegou a um total de cinquenta e cinco exemplares, observados até o ano de 1973. Em todas as publicações da revista mencionadas, o teor pesquisado pelo estudo era relativo à educação infantil, sendo que na própria publicação havia essa distinção entre primário e pré-primário, logo havendo artigos destinados as crianças menores, no sumário da revista era apresentado o título *Pré-Primário*.

Entre os temas tratados na revista sobre a educação infantil estão atividades como canções, danças, ciências, religião, estudos sociais como, por exemplo, o aprendizado da História pelas crianças, e também assuntos destinados ao professor, como a melhor maneira de planejar uma aula ou ainda qual a forma adequada de se contar uma história na educação infantil.

Segue abaixo uma tabela contendo todos os exemplares da revista AMAE Educando que tratavam da educação infantil até o ano de 1973, é um total de trinta e

³ O nascimento da Revista AMAE Educando indica que os dirigentes da Associação Mineira de Administração Escolar passam a expressar abertamente a preocupação com a formação docente.

uma publicações sobre o pré-primário, sendo que em alguns desses números, havia mais que um artigo abordando a educação infantil. Nessa tabela as informações que estão inclusa são o ano da publicação, o título do artigo que trata da educação pré-primária com seus respectivos autores, a tabela também traz o assunto do artigo e em qual ano da revista foi lançado, e ainda a página em que se encontra o texto.

O objetivo com a apresentação da tabela e posteriormente com a exposição no decorrer do texto, do conteúdo de exemplares da revista AMAE Educando, é compreender as demandas e expectativas para com o campo da educação infantil naquele período histórico.

CONTEÚDO DO PRÉ-PRIMÁRIA PÚBLICADO NA REVISTA AMAE EDUCANDO						
ANO	TÍTULO	AUTOR	ASSUNTO	ANO	Nº	PÁG.
1967	Também vão a Escola	Maria Helena Teixeira	Objetivos do Jardim de Infância	Ano I	1º	17
1968	O homem utiliza os fenômenos naturais para fazê-los trabalhar em seu benefício	Maria da Conceição Bueno	Planejamento de Aula p/ o Jardim	Ano II	8º	29 a 32
1968	II Jornadas	Sylvia Teodoro de Souza	Jornada realizada na São João del Rei			4 a 5
1969	A oração dos Pequeninos	Haydeé de Araújo Pôrto	A religião aplicada ao infantil	Ano III	10º	12 a 16
1969	Oração	Catarina Cotegipe	A religião aplicada ao infantil	Ano III	11º	1
	Promoções	Maria Helena Teixeira	Denúncia dos problemas de obter professores qualificados para a educação infantil			2
1969	Toda Criança Merece ser Feliz	Maria Helena Teixeira	A família e o Jardim de Infância deve promover na criança um desenvolvimento harmonioso.	Ano III	12º	3 a 7
	A religião para os pequeninos do Jardim	Mariza Dutra de Moraes	A religião aplicada ao infantil			29 a 31
	A religião para os pequeninos do Jardim	Mariza Dutra de Moraes	A religião aplicada ao infantil			39 a 40

1969	Bárbara Heliodora	Carlos Goes	História da Heroína	Ano III	13°	27e40
	Gente Grande	Maria da Conceição Bueno	Qual o papel do adulto na segurança física da criança			28
	No mundo das crianças	Maria da Conceição Bueno	Conto sobre o dentista no Jardim			29
	21 de Abril	Glauca Maria de Carvalho	Planejamento de Aula p/ o Jardim			30 a 37
	Introdução à Catequese no Jardim de Infância	Catarina Cotegipe	A religião aplicada ao infantil			38 a 40
1969	Os Peixes	Efigênia Elias Vidigal e Selma Salomão Silva	Planejamento de Aula p/ o Jardim	Ano III	15°	31 a 36
1969	Crianças + (Experiências Vocabulário Matemático)	Efigênia Pinto, Ivone Lamas, Maria da Conceição Araújo, Maria Helena Teixeira, Margarida Maria Mendes, Marlene Oliveira	Planejamento de Aula p/ o Jardim	Ano III	16°	09 a 16
1969	Canções no Jardim de Infância	Haynaldia Castro e Cléa Dalva Bastos	Exemplo de Canções p/ o Jardim	Ano III	17°	35 a 36
	Crianças + (Experiências Vocabulário Matemático) (Continuação)	Efigênia Pinto, Ivone Lamas, Maria da Conceição Araújo, Maria Helena Teixeira, Margarida Maria Mendes, Marlene Oliveira	Planejamento de Aula p/ o Jardim			37 a 41
1969	Crianças + (Experiências Vocabulário Matemático) (Continuação)	Efigênia Pinto, Ivone Lamas, Maria da Conceição Araújo, Maria Helena Teixeira, Margarida Maria Mendes, Marlene Oliveira	Planejamento de Aula p/ o Jardim	Ano III	18°	25 a 30
	História do Brasil-seus alunos vão bem?	Maria do Carmo Dias da Silva	Planejamento de Aula p/ o Jardim			31 a 32
	Caro Colega	Alvaro Barreto Faria	Responde a carta de um professor de São João del Rei que solicita um artigo sobre frações			33

	Caro Colega	Irene Guedes	Inspetora Seccional da Delegacia de SJDR parabeniza a revista por suas publicações			33
	O papel da imitação	Selma Alves Passos Wanderley Dias	A importância das imitações de contos para as crianças			34 a38
1969	A dança no Jardim de Infância	Cléa Dalva Bastos, Haynaldia Castro	Como ensinar a criança a dançar	Ano III	19º	34 a 36
	Crianças + Experiências (Vocabulário Matemático) (Continuação)	Efigênia Pinto, Ivone Lamas, Maria da Conceição Araújo, Maria Helena Teixeira, Margarida Maria Mendes, Marlene Oliveira	Planejamento de Aula p/ o Jardim			37 a 40
1969	Planos de Aula	Elizete Coutinho Nogueira	Planejamento de Aula p/ o Jardim	Ano III	23º	24 a 29
1971	Os pequeninos vão conhecer melhor o seu primeiro mundo	Ivete Teresinha Garcia e Ana de Moura	Introdução da criança no ambiente escolar	Ano IV	33º	41 a 44
1972	Primeiros dias de aula...é preciso conhecer nossa escola	Margarida Michel	Introdução da criança no ambiente escolar	Ano VI	41º	32 a 37
1973	No Jardim aos 6 anos	Henriette M. Silva Pena	Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?	Ano VII	52º	32 a 38
	No Jardim aos 6 anos	Henriette M. Silva Pena	Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?	Ano VII	53º	36 a 42
	No Jardim aos 6 anos	Henriette M. Silva Pena	Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?	Ano VII	54º	48 a 51

Assim, em seu conteúdo, havia matérias relacionadas a temas específicos que o educador deve transmitir como aprendizado para seu aluno, conforme a turma em que este se encontra. Servia como manual para a produção de uma aula, ensinando de que maneira os professores deveriam abordar determinados temas, e ainda chegavam a definir o tempo aproximado que cada assunto deveria ser ministrado. Assim a entrevistada relata a história da publicação:

Olha a revista sempre foi bem recebida pelos professores, houve um tempo em que a revista era vista pelos professores como um manual, que os professores ficavam esperando a revista chegar para planejar o mês, isso era como se fosse uma bíblia, ficava na cabeceira da cama, e o professor ficava aguardando a chegada da revista e se a revista atrasasse um dia ou dois por causa do correio eles já ligavam querendo saber o que aconteceu (R-AMAE)

O foco da revista era a distribuição das crianças por faixa etária. Nesse sentido, os artigos nela contidos eram especificamente para as professoras e alunos de uma determinada turma. Dentre os primeiros anos da publicação, podemos notar textos direcionados para professoras da pré-escola, docentes que atendiam crianças de quatro e cinco anos e também de seis anos. Um exemplo de conteúdo proposto para crianças de quatro e cinco anos é apresentado a seguir:

Ensino Pré-Primário

Primeiros dias de aula... é preciso conhecer nossa escola!

Justificativa: Como a criança acaba de deixar sua casa para ingressar na escola é indispensável que atendamos às suas necessidades de adaptação levando a conhecer a escola e sua função:

Objetivos: Conhecimentos: - A escola e suas dependências – A origem do nome da escola- Localização- A função de cada membro da escola- A vida na escola- A escola pertence à comunidade e ela coopera com a escola. (AMAE Educando, 1972, p.32)

O trecho foi retirado da matéria realizada por Margarida Michel, no ano de 1972, e como pode ser notado, tinha por intuito ambientar a criança de idade pré-escolar de quatro ou cinco anos no novo contexto. Ainda segundo a reportagem, essa atividade poderia ter a duração aproximada de três a quatro semanas.

Em outra publicação, voltada para as professoras que lecionavam para as crianças de quatro e cinco anos, Ivete Teresinha Garcia e Ana de Moura, em seu texto intitulado, *Os pequeninos vão conhecer melhor o seu primeiro mundo*, escrito no ano de 1971, argumentam sobre o comportamento dos alunos dessa faixa etária, tendo por característica marcante a curiosidade. As autoras argumentam como as professoras devem trabalhar a ansiedade das crianças em conhecer o mundo:

A curiosidade é característica marcante da criança de cinco anos. Tudo à sua volta chama-lhe a atenção, despertando-lhe o interesse para saber o motivo e o porquê das coisas. Por exemplo, da casa onde ela vive, de que é feita, quem trabalha na sua construção, como são as casas vizinhas, são coisas que a intrigam, fornecendo-lhe assunto para conversa e discussão com seus companheiros e com os adultos. (AMAE Educando, 1971, p.41)

A Revista AMAE Educando era uma fonte de informação para professoras de todas as turmas, incluindo as que trabalhavam com alunos de quatro e cinco anos, além de publicar artigos para as docentes que também faziam parte da pré-escola e tinham

alunos de seis anos. A entrevistada que conta a história da revista argumenta que a publicação sempre teve o intuito de divulgar a educação pré-escolar:

Nós tivemos sempre uma preocupação com a educação pré-escolar, olha nós tivemos o 5º Congresso Nacional de Educação Pré-Escolar, funcionava aqui no Brasil uma organização que se chamava OMEP, Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, e durante algum tempo a presidente da OMEP foi a ex-presidente da AMAE a Rosa Emília de Araújo Neves, então a sede da OMEP Brasil por ela ser presidente da AMAE aqui em Belo Horizonte ficou sendo aqui por uma época. (R-AMAE)

A matéria escrita por Henriette M. Felix da Silva Pena, no ano de 1973, tendo por título, *No Jardim aos 6 anos – Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?*, é um artigo que se destaca não apenas por tratar do tema que está sendo desenvolvido em relação às professoras da pré-escola, mas por receber da publicação da revista um espaço e uma importância grande, já que esse texto percorre três exemplares no ano de 1973, tendo a sua publicação inicial no mês de abril, continuando no mês de maio e seu fim no mês de junho.

Dentre esses três exemplares que contêm informações pertinentes ao ensino de crianças de seis anos, podemos destacar alguns pontos importantes que devem ser mencionados, com o intuito de observar como era percebido o papel da pré-escola. Assim, na publicação de abril, quando tem início o artigo, a autora lembra a importância que se deve dar aos alunos nesse período da vida:

As crianças de seis anos merecem uma atenção especial dos professores, uma vez que no próximo ano serão iniciadas no complexo caminho que leva à leitura. O dia escolar não tem apenas objetivo de recreação e socialização, mas estará sim, repartido em períodos que visam especificamente o desenvolvimento da linguagem oral, o aprimoramento do gosto pela leitura, o enriquecimento, o aumento das experiências para a composição, o domínio dos conceitos matemáticos preparatórios das operações que visam à frente. É, pois, um ano todo de prontidão para o 1º ano. (AMAE Educando, Abril, 1973, p.32)

Em seu sumário, a revista é dividida como já foi mencionado, segundo a idade e, conseqüentemente, a turma dos alunos. Entretanto, sua divisão recebe subtítulos para caracterizar ao leitor cada tema que está sendo proposto para ser explorado. Esse artigo perpassa três exemplares, porém, sua nomenclatura, no índice, modifica-se com o decorrer das publicações. Nas revistas de abril e maio de 1973, o texto está presente no espaço intitulado *Pré-Primário*. Entretanto, na publicação de junho, esse conteúdo muda, deixando o conteúdo final do texto sobre as crianças de seis anos no item intitulado *Jardim-de-infância*.

Para concluir o tema, é importante observar que o segundo conteúdo do texto publicado no mês de maio apresenta sugestões para o desenvolvimento dos aspectos físico e mental, pontos que julga de grande valia, que devem ser considerados pelas pessoas que se dedicam ao trabalho com crianças dessa idade. *1- Assistência quanto à saúde e à higiene. 2- Vacinação e exames médicos, quando necessários. 3- Promover a melhoria da merenda. 4- Promover meios de recreação. (...)7- Preparação para a leitura. (...) 9- Linguagem escrita.* (AMAE Educando, Maio, 1973, p.36)

Na verdade, o texto apresenta treze itens que as professoras devem explorar. Em sua última parte, na publicação de junho, o artigo encerra afirmando que: *Os primeiros anos de escola, no Jardim da Infância, constituem fértil terreno para se introduzir os conhecimentos fundamentais. O professor, entretanto, deve fazê-lo com cuidado, espontaneamente aproveitando todas as oportunidades que surgirem.* (AMAE Educando, Junho, 1973, p.48).

É possível observar que a publicação tinha o caráter educativo para o professorado, por isso, a entrevistada Violeta afirma que utilizava esse recurso didático para preparar suas aulas. Em relação à preparação das aulas, um artigo escrito por Elizete Coutinho Nogueira, no ano de 1969, dá uma atenção especial ao tema, sendo publicado com o nome de *Planos de Aula*:

Plano de aula é um instrumento, um recurso para auxiliar o professor a alcançar seus objetivos. É uma diretriz para o trabalho diário e, antes de tudo, uma parcela que se insere no planejamento maior - O programa de ensino. (AMAE Educando, 1969, p.24.)

O texto publicado na revista contém várias informações que, segundo a publicação, o professor precisa saber para exercer sua prática educativa. Por isso, temas como, o que se deve lecionar, por que se deve lecionar para quem se deve lecionar e de que maneira o professor deve relacionar, são questões pertinentes que condizem com a preocupação do campo educacional na década de 1960.

Dentre os textos referentes à Educação Infantil, publicados pela Revista AMAE Educando entre os anos de sua fundação até o fim do período da pesquisa, no ano de 1972, nem todos foram abordados no decorrer deste capítulo, pois, o intuito era apresentar de forma simplificada o conteúdo da revista. Desse modo, foram escolhidas as melhores matérias que sintetizavam a idéia de como deveria funcionar a educação infantil no período, sendo selecionadas as publicações que explicavam o papel da professora frente aos alunos.

Encerrando esse capítulo, o último artigo publicado pela Revista AMAE Educando que será abordado em seu decorrer, tem por assunto a personagem Bárbara Heliadora. Escrito por Carlos Goes, publicado no ano de 1969, no exemplar número 13 da revista, o artigo resume a história de vida de Bárbara Heliadora, exaltando seu significado na história de Minas Gerais como uma verdadeira heroína.

A importância de se entender quem foi essa sanjoanense para a história não apenas mineira, mas para a história do Brasil é significativa, principalmente nessa dissertação, porque o Jardim de Infância investigado recebe o seu nome em forma de homenagear a sua pessoa. A seguir um trecho do artigo publicado, que retrata as características de Bárbara Heliadora antes de sua família ser acusada pela Corte de Inconfidente:

D. Bárbara, sem ser soberba nem vaidosa, vivia cercada do maior luxo e comodidade. Seus vestidos eram de seda e veludo recobertos de jóias e adereços. Aos domingos, ia à igreja ouvir missa transportada em liteira, carregada por escravos. Em toda a Capitania, não havia mulher que fosse mais feliz do que Bárbara Heliadora. (AMAE Educando, 1969, p. 27.)

O artigo começa a descrever a personagem ao longo dos anos que vivia em São João del-Rei a partir de seu casamento com Alvarenga Peixoto. O texto argumenta que Bárbara Heliadora vivia com felicidade até ser atormentada pelas as aflições da Inconfidência Mineira, fato que separou sua família e deixou Bárbara Heliadora marcada na história. No anexo I está à matéria completa sobre a vida da Bárbara Heliadora, a seguir um trecho que encerra o artigo escrito por Goes: *O nome de Bárbara Heliadora, porém, não foi jamais esquecido. Entrou para a História, como sinônimo de coragem, firmeza e abnegação!* (AMAE Educando, 1969, p. 40.)

A partir do próximo capítulo, o assunto será a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Portanto, ao concluir este item, é importante deixar bem clara a preocupação que o estudo teve de não fazer mais que um delineamento dos principais conceitos, objetivos, temas e atividades do Jardim de Infância, que estavam em voga no debate do campo educacional infantil, nas décadas de 1950 e 1960. A intenção não era julgá-las e sim apresentá-las para que houvesse um melhor entendimento do ambiente de criação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DO JARDIM DE INFÂNCIA BÁRBARA HELIODORA: 1955 A 1972

Neste capítulo, inicialmente, o objetivo é apresentar o contexto histórico que propiciou a criação do primeiro estabelecimento de ensino destinado exclusivamente à Educação Infantil na cidade de São João del-Rei. O período abordado vai de 1955 até 1962, sendo este último, o ano de fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. O capítulo traz informações que ajudam a compreender o atendimento à Educação Infantil, procurando mostrar elementos do cotidiano do estabelecimento de ensino. Para tal, recorre a falas de ex-professoras e ex-alunos, documentos oficiais e materiais iconográficos (fotos, imagens impressas etc.).

Na segunda parte, o capítulo tem por finalidade apresentar elementos históricos que constituíram o cotidiano do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. O estudo abrange os primeiros dez anos da escola, ou seja, de 1962, quando foi fundada, até o ano de 1972.

Ao direcionar a investigação até o ano de 1972, o estudo procurou abordar o período de instalação e formação daquele novo ambiente escolar que se criará com a fundação do Jardim de Infância. Com o objetivo de investigar a história da escola, essa segunda parte aborda dois temas relevantes, quais sejam: o momento de fundação da Escola Infantil Bárbara Heliadora e informações relacionadas ao prédio da escola, como eram alojadas as crianças que iam estudar no Jardim de Infância, qual a quantidade de alunos que comportava cada sala de aula, as dificuldades encontradas pelos sujeitos da escola em se adaptar ao novo ambiente. Dessa maneira, foi possível observar qual era a estrutura oferecida pelo Estado para o desenvolvimento do projeto educativo.

3.1- O CONTEXTO POLÍTICO EDUCACIONAL DA CIDADE NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Na cidade de São João del-Rei, o campo político que está constituído no ano de 1962, período de fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, tem suas raízes na década de 1920. Nesse momento o campo político regional estabeleceu suas configurações sobre as articulações políticas de famílias tradicionais, que já estavam no comando mesmo antes da entrada de Getúlio Vargas no poder, nos anos trinta.

Tancredo Neves em depoimento dado ao Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, (a publicação ocorreu no ano de 1985, após sua morte), sobre este assunto afirmou que:

Predominava em Minas o Partido Republicano Mineiro. Ele era praticamente um partido único. Quando havia dissidência, era dentro do próprio partido. Todos apoiavam o governo estadual (...) A única dissidência aberta que houve em Minas contra o “bernardismo”, na época foi realmente a de São João del-Rei, liderada por um grande homem de bem, um grande jurista, um grande homem público, que foi o Dr. Odilon Martins de Andrade. Outra grande figura de homem foi Augusto Viegas. Foi essa tríade: Odilon de Andrade, Augusto Viegas e meu pai que resistiram ao “bernardismo”. (Lucilia; De Almeida; Neves Delgado, 1985, p.70.).

No trecho retirado da entrevista de Tancredo Neves sobre a política de São João del-Rei nas primeiras décadas do século XX, ele primeiro argumenta a hipótese de que a cidade é a única que não concordava com o governo de Arthur Bernardes. Por isso a corrente política era chamada de bernardismo, sendo este político mineiro filiado ao PRM. Como presidente da República (1922/1926), Bernardes quase todo o tempo de seu mandato governa o país sob Estado de Sítio.

Ao colocar a cidade como uma opositora do governo federal, Tancredo Neves dá um caráter de destaque a três políticos que detinham o poder político no município, um era o seu pai que chegou a ser presidente da Câmara em São João del-Rei na década de vinte, o outro era Odilon Barrot Martins de Andrade, político mineiro, foi vereador em São João del-Rei (1912/1922) e o último com uma carreira política mais atuante foi Augusto Viegas, Político Mineiro, chefe político na região de São João del-Rei, na década de 30, participou do Partido Progressista. Após 1945 ingressou no PSD, foi deputado federal (1946/1955).

Em relação às famílias que comandavam a política da cidade, e com a formulação política no qual se estruturou no Brasil na década de trinta, Silva (1996) faz revelações importantes sobre o resgate do contexto histórico regional, mencionando de que maneira se dividiram em partidos as famílias tradicionais. Assim afirma que:

As famílias políticas tradicionais eram Viegas, Neves e Baccarini, ocupavam o PSD. Os remanescentes do bernardismo e do basilismo, assim como os neutros “pacificadores”, originaram o Partido Republicano (PR) ou se ajeitaram na UDN, reunindo liberais históricos, nacionalistas (origem bernardista) e realistas, no “pan-udenismo” que conciliava as políticas locais. (Silva, 1996, p.09)

No entanto, de acordo com o autor não há nenhuma referência a ideologias, programas políticos ou, mesmo, de práticas diferenciadas, pois aquela efervescência política que começava a incitar no campo nacional não chegava com o mesmo impacto

na cidade, não sendo capaz de mudar as estruturas políticas já existentes. A política era apenas dividida por conjunto de famílias simpatizantes, as que consideravam aliadas faziam parte de um partido, e as outras completavam outro partido. Utilizava da fidelidade partidária, porém que *não se importavam com projetos ou programas, que dirá doutrinas, e tinham validade por gerações, a menos que razões pessoais, de rompimento dos acordos, justificassem a ruptura.* (Silva, 1996, p.12) Tancredo Neves também argumenta nesse sentido, quando questionado *Quais eram as reivindicações desse grupo?* Não podia afirmar quais as propostas ideológicas e políticas que as famílias que estavam à frente do governo na cidade tinham:

Era apenas uma: conquistar o poder e manter o poder. Não havia idéias, havia sim um protesto violento contra a violência, muito dura, muito implacável. A luta era para sustentar-se no poder e manter-se no poder. Não havia princípios, não havia consciência política definida. (Lucilia; De Almeida; Neves Delgado, 1985, p.71.).

Com a abertura política ocasionada com o fim da era Vargas em 1945, o país em seu campo político a partir daquele momento passou a ser comando pelos partidos. Mesmo tendo uma maior ideologia com outros partidos, Tancredo Neves em respeito e consideração a Augusto Viegas que funda o PSD na cidade filia-se ao partido, permanecendo nele ao longo de sua carreira política. Em 1950, elegeu-se deputado federal, sendo logo escolhido líder da bancada mineira.

No ano de 1952 a cidade de São João del-Rei recebeu a presença do chefe de Estado, o Presidente Getúlio Vargas veio para presidir a instalação *do VII Congresso de Trabalhadores Mineiros e para conhecer a tradicional terra, berço de Tiradentes.* Augusto Viegas que foi mencionado como um dos políticos mais influentes, ajudando a comandar não só a política da cidade, mais dos diversos municípios da região (deixou vários textos escritos na imprensa oficial, sendo estes uma fonte rica dos acontecimentos significativos da cidade), publicou em 1953 os escritos sobre a chegada do presidente.

Às 10 horas do dia 08 de Dezembro de 1952, o Exmo. Sr. Presidente Getúlio Vargas aqui chegou acompanhado do Exmo. Sr. Dr. Segadas Viana, Ministro do Trabalho e do Sr. Roberto Alves, seu secretário particular. No aeroporto esperavam S. Excia. Os Exmos. Srs. Governador Juscelino Kubitschek, que o saudou em nome do povo mineiro, deputado federal Dr. Tancredo Neves e Hildebrando Bisaglia. (Viegas, 1953, p.154.)

Viegas descreve toda a passagem de Getúlio Vargas pela cidade, todos os locais que o presidente frequentou, discursos e eventos. Em um dos discursos políticos, Viegas faz menção ao realizado por Juscelino Kubitschek, afirmando que o governador

empolgou a assistência, falando dos grandes empreendimentos de Minas e da colaboração que a seu Governo tem prestado o de S. Excia. Sr. Dr. Getúlio Vargas. (Viegas, 1953, p.154.)

Juscelino Kubitschek chegou a presidência da república no ano de 1956 foi o ponto alto da influência mineira no contexto político nacional, sendo que o governador de Minas Gerais nesse período foi Magalhães Pinto. É no final desta década que Starling identifica manifestações mineiras de descontento com a política adotada pelo Estado:

No final da década de cinquenta, pelo menos parte do empresariado mineiro começava a manifestar, ainda que individualmente e em reuniões informais, suas preocupações com o quadro político do país. Essas preocupações estavam, via de regra, dirigidas para um tema específico: o alargamento crescente da participação popular no processo político brasileiro, propiciando a emergência e o desenvolvimento de pressões reivindicativas por parte das camadas subalternas. (Starling, 1986, p.41.)

O papel de Minas Gerais no plano político nacional era de destaque, primeiro como já mencionado, devido ao papel político desempenhado por Minas a nível nacional, ao alto grau de prestígio político alcançado por suas elites e ao peso de sua influência na administração federal, seja na articulação de linhas políticas, seja na distribuição de postos no primeiro e segundo escalão.

Na política educacional de São João del-Rei a figura dos políticos tiveram influencias na criação de escolas e melhoria no funcionamento de instituições de ensino já fundadas, um exemplo do político intervindo no campo educacional pode ser observado na figura de Tancredo Neves, que no setor educacional da cidade, até a década de sessenta, realizou as seguintes tarefas:

Setor Educação

Criação e construção parcial do prédio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras;
Laboratório de psicologia moderníssimo e completo, do Instituto de Psicologia e Pedagogia da Faculdade de Dom Bosco;
Construção e funcionamento da Escola SENAI;
Construção do novo prédio da Escola de Menores PE Sacramento;
Construção e funcionamento do Conservatório Estadual de Música, “PE José Maria Xavier”;
Escola Vocacional “Matheus Salomé”;
Construção do auditório do Colégio N.S. das Dores;
Doação do novo Gabinete de física e química do Colégio Santo Antônio;
Criação da Inspeção Regional de Ensino;
Ampliação, para o dobro de alunos, do Grupo Escolar “Thomé Portes del Rei”;

Criação e funcionamento do Ginásio Industrial tratam-se de sua mais recente iniciativa no setor educacional, e que traduz uma obra de grande profundidade no gênero; (Palhares, 1963, p.95/96.).

Mesmo sendo uma figura muito influente na cidade, Tancredo Neves tinha opositores dentro do município, como Gabriel Passos ex-prefeito. Silva ao procurar compreender o campo político instalado na cidade de São João del-Rei na década de sessenta, procurou pessoas que ajudaram a construir esse contexto histórico, realizando durante o estudo entrevistas com políticos da época. Em entrevista realizada com Celso Gabriel de Resende Passos, ex-prefeito da cidade na década de sessenta, este faz uma revelação sobre o campo educacional do município argumentando que:

Quando eu acendo a luz, estou acendendo para todos, seja UDN, do PSD, ou PTB ou de que facções forem. Quando eu crio uma escola, ela vai ensinar os filhos de todos, mas, infelizmente, às vezes uma nomeaçõzinha prepondera sobre o benefício coletivo. (Silva, 1996.p. 16.).

Essas informações vêm a confirmar dados obtidos durante as entrevistas com as ex-professoras do Jardim de Infância Bárbara Heliodora no qual afirmavam que no início de suas carreiras foram convidadas a fazer parte do quadro do magistério, naquele momento não havia nenhum tipo de concurso público para preenchimento de vagas na área de educação da cidade.

Entretanto, os relatos do ex-prefeito sobre a educação no município não se restringe à indicação de profissionais para o serviço público, ainda de acordo com Passos:

No plano das escolas que foi em número de trinta que foram criadas em 60 e 70 em toda região (...) eu entrei em convênio com o Ministério da Educação: ele me dava verbas e um convênio com as prefeituras e eu levava aos prefeitos (...) ia ao segundo escalão onde eu tinha boa ligação, (...) “Como é que eu vou pôr o nome dessa escola? Se eu puser um nome qualquer, eles vão dizer que foi o Tancredo (...) Tenho de pôr passos”. Meu avô Inácio Passos, meu pai Gabriel Passos, (...) minha mãe Amélia Passos, todos viraram nome de escola (Silva, 1996.p. 17.).

A declaração de Passos traz informações valiosas para se entender o contexto da criação e fundação das escolas públicas na cidade e nos municípios pertos de São João del-Rei. Como o Jardim de Infância Bárbara Heliodora teve sua fundação no ano de 1962, uma das possibilidades para sua implantação é que poderia ter vindo de umas dessas iniciativas descrita pelo ex-prefeito, ou ainda por atitudes semelhantes de ex-prefeitos que perceberam a necessidade que a cidade tinha em ter uma instituição de ensino pré-escolar.

O governo mineiro consolidava, nas décadas de cinquenta e sessenta, a oferta de educação infantil por todo o Estado, ao criar estabelecimentos dirigidos exclusivamente a esse tipo de atendimento. Assim, acontece a criação do Jardim de Infância da cidade de Bom Sucesso, no dia 08 de dezembro de 1964, o mesmo ocorrendo no município de Barbacena. A título de ilustração, apresentamos o decreto de criação do Jardim de Infância Lia Salgado, na cidade de Barbacena, publicado no diário oficial:

Decreto 5.851 de 10 de Agosto de 1960.

Cria um Jardim de Infância na cidade de Barbacena, com a denominação de “Lia Salgado”.

O governador do Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições, decreta:

Art. 1º- Fica criado na cidade de Barbacena um Jardim de Infância com a denominação de “Lia Salgado”, que deverá ser instalado em Janeiro de 1961.

Art. 2º- Este decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução deste Decreto pertencer que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nele se contém. Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 10 de Agosto de 1960. (MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.68, N.180. 1960. 11 de Agosto de 1960.p.01.).

Com a fundação do Jardim de Infância de Barbacena, e os criados em São João del-Rei e na cidade de Bom Sucesso, no princípio da década de 1960, percebe-se uma tendência, por parte do governo estadual, em difundir esses estabelecimentos de ensino pelo território mineiro, muito bem caracterizado por Vieira (2006).

De acordo com Vieira de 1908 à 1946 foram criadas no estado de Minas Gerais três Escolas Infantís, dois Jardins de Infância e uma Escola Maternal. Em 1954 o número de Jardins de Infância começa a aumentar demasiadamente, sendo fundados nesse mesmo ano mais três estabelecimentos escolares. De 1956 até 1962, há a criação de mais doze Jardins de Infância, entre estes o Bárbara Heliodora em São João del-Rei. E o aumento no número de jardins fundados em meados da década de sessenta em Minas Gerais continua, com doze jardins de infância em 1965, cinco em 1966, e oito em 1967. Sendo que no ano de 1968 a 1971 ainda são criados mais três Jardins de Infância, chegando a um total de quarenta e cinco jardins de infância em Minas Gerais, ressaltando que quarenta e três deles foram criados entre 1954 à 1971. (Vieira, 2006, p. 209.).

Essa informação sobre o número de Jardins de Infância criados no período em qual está inserida a investigação é importante, principalmente quando observamos o número de outras instituições fundadas para atender a pré-escola nos mesmos anos. Vieira argumenta que foram criadas três Escolas Infantís, uma Escola Infantil Singular,

uma Escola Infantil Combinada, uma Escola Maternal e um Grupo Escolar com a presença de salas pré-primárias anexas. (Vieira, 2006, p. 209.). Um número pequeno de sete estabelecimentos de ensino em comparação aos quarenta e cinco Jardins de Infância instituídos.

Segundo Vieira a Lei nº 2.610 publicada em 08 de Janeiro de 1962, regulamentava esses estabelecimentos escolares infantis, a distinção entre os diversos estabelecimentos de educação infantil era feita da seguinte maneira: o Jardim de Infância deveria oferecer a educação pré-primária com classes instaladas para atender até duzentos e quarentas alunos, as Escolas Singulares, eram salas que atendiam por volta de quarenta alunos de diferentes idades pré-escolares, as Escolas Reunidas formavam um agrupamento de seis classes de aulas, distantes dos demais tipos de escolas, e os Grupos Escolares eram formados por no mínimo dez classes, subordinado a uma direção especial, com a inscrição de duzentos e quarenta alunos no mínimo. (Vieira, 2006, p. 205.).

O quadro das instituições educacionais dirigidas à criança em São João del-Rei é redefinido durante a segunda metade do século XX, constituído pela creche e pelo Jardim de Infância, ao lado da escola primária e da educação especial. Como citado na introdução, o primeiro estabelecimento a criança em idade infantil da cidade foi de iniciativa caritativa, a SACE (Sociedade de Auxílio à Criança Enferma), criada em 1960, para cuidar da criança com problemas de saúde.

Com o objetivo de compreender melhor a oferta do atendimento pré-escolar relacionado às escolas primárias nas décadas de 1950 e 1960, trazemos informações sobre essa educação primária no município. De acordo com a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, as escolas da cidade de São João del-Rei eram:

Grupo Escolar Aureliano Pimentel
Grupo Escolar João dos Santos *
Grupo Escolar Iago Pimentel
Grupo Escolar Tomé Portes del- Rei
Grupo Escolar Maria Teresa *
Grupo Escolar José da Costa Rodrigues
Escolas Reunidas Padre Crispiano
Escolas Reunidas Adílio José Borges
Escolas Reunidas General João Manuel de Farias
Escolas Reunidas de Cassiterita.
(Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais)

Essa diferenciação entre as instituições de ensino primário, como os Grupos Escolares e Escolas Reunidas existentes no contexto educacional sanjoanense, são

atribuições da legislatura nacional vigente no período. Segundo o Decreto-Lei presidencial N°. 8.529, emitido em 02 de Janeiro de 1946, para fins de regimentar o ensino primário no país, os estabelecimentos de ensino primário público serão designados e irão ministrar cursos da seguinte maneira:

Art. 28. Serão assim designados os estabelecimentos de ensino primário mantidos pelos poderes públicos:

I. Escola isolada (R.I.), quando possua uma só turma de alunos, entregue a um só docente.

II. Escolas reunidas (E.R.), quando houver de duas a quatro turmas de alunos, e número correspondente de professores.

III. Grupo escolar (G.E.), quando possua cinco ou mais turmas de alunos, e número igual ou superior de docentes.

IV. Escola supletiva (E.S.), quando ministre ensino supletivo, qualquer que seja o número de turmas de alunos e de professores.

Art. 29. As escolas isoladas e escolas reunidas ministrarão somente o curso elementar; os grupos escolares poderão ministrar o curso elementar e o curso complementar; as escolas supletivas ministrarão apenas o curso supletivo. (BRASIL. Decreto-Lei N°. 8.529- *Lei Orgânica do Ensino Primário*. 02/01/1946)

No contexto educacional primário da cidade, encontramos um total de dez escolas, seis Grupos Escolares e mais quatro Escolas Reunidas, todas destinadas ao ensino primário. Entretanto, o Grupo Escolar João dos Santos e o Grupo Escolar Maria Teresa aparecem diferenciados com asterisco feito pela Secretaria Estadual de Educação. Isso se deve ao fato dessas escolas apresentarem, em seu funcionamento, salas para o atendimento de crianças de quatro a seis anos, correspondente ao pré-primário. Portanto, é a partir dessas classes anexas, situadas no Grupo Escolar João dos Santos e no Grupo Escolar Maria Teresa, que tem início a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, que está sendo investigada neste estudo.

No caso da cidade de São João del-Rei, com a fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, em 1962, a escola era a única no município a atender à procura existente por essa modalidade de ensino. De acordo com os documentos pertencentes à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, em levantamento realizado em 1960, a cidade apresenta o número de dez estabelecimentos de ensino público destinados à educação primária.

Por se tratar de um documento oficial do governo estadual, que tinha por objetivo realizar o levantamento das escolas públicas da cidade, não consta, em sua publicação, o número de escolas particulares existentes para o ensino primário. O que o estudo conseguiu averiguar, após o manuseio de outros documentos é que, na década de 1960, havia, em São João del-Rei, além das dez escolas públicas, mais duas de cunho

particular, portanto, somando um total de doze escolas funcionando para o atendimento primário.

Conforme levantamento feito, o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora e a Escola de Educação Infantil Topo Giggio eram as escolas particulares existentes na cidade, nos anos 60. A primeira, pertencente a uma ordem religiosa do município, era destinada à educação primária, mas apresentava em seu sistema de ensino a oferta de educação infantil, conforme declaração feita por uma ex-professora do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, numa das entrevistas.

Por sua vez, a Escola de Educação Infantil Topo Giggio foi criada no final da década de 1960 e tinha entre as fundadoras, professoras que, naquele momento, também lecionavam no Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Uma ex-aluna de educação pré-primária da década de 1950, Mercúrio, em entrevista, declara que:

a primeira pré-escola que foi criada depois do Jardim de Infância Bárbara Heliadora foi uma escola chamada Topo Giggio no bairro do Matosinhos, ela foi criada no final de 60 primeiro que o Pingo d'Água, que só foi criado em meados de 70, agora o Pingo d'Água fechou há uns dois anos atrás e o Topo Giggio mudou de nome e agora chama Nota 10, a dona do Topo Giggio morreu e as filhas delas continuaram mantendo a escola, e agora colocaram novos sócios e com certeza a escola continua. (Mercúrio)

Outra informante deste estudo, a professora Rosa ⁴, apresenta a peculiaridade de ter dado aula nas duas escolas e, de acordo com suas memórias:

Quando a escola do Matozinhos foi criada (Topo Giggio) eu fui convidada para dar aula lá, não só eu, mas eu acho que foram daqui do Bárbara Heliadora umas três professoras dar aula lá (...) algumas pessoas até brincavam que lá era o Bárbara Heliadora do Matozinhos (...) acho que a dona da escola como ainda estava começando preferiu chamar as professoras que já tinham experiência com crianças. (Rosa)

O que se pode inferir no campo educacional infantil de São João del-Rei, a partir da década de 1950, primeiramente com as classes anexas, depois, com a concepção de uma escola exclusiva destinada ao ensino pré-primário, e posteriormente, com a criação da escola Topo Giggio, nos anos 60 e a escola Pingo d'Água, nos anos 70, é que, na cidade, havia uma demanda para esse tipo de ensino.

⁴ A sétima entrevistada, Rosa, também é natural da São João del-Rei. Hoje tem sessenta e dois anos de idade, é aposentada e lecionou na instituição no decorrer de vinte e oito anos. Sua trajetória na escola Bárbara Heliadora teve início no ano de fundação do estabelecimento de ensino, após ser transferida da Escola Estadual João dos Santos. Um dado importante de sua passagem pela escola é que suas duas irmãs também chegaram a lecionar, por alguns anos, na mesma escola. Sendo o Jardim de Infância mencionado por dois ex-alunos entrevistados como, Jardim de Infância mais o sobrenome da família da ex-professora.

3.2- CLASSES PRÉ-PRIMÁRIAS

As classes pré-primárias anexas a estabelecimentos de ensino como os Grupos Escolares se tornaram uma prática usual no cenário educacional mineiro na década de sessenta, antes de abordar a origem das classes anexas na cidade de São João del-Rei, um exemplo desse comportamento para com a educação infantil pode ser observado na constituição do campo pré-primário pertencente a cidade de Belo Horizonte no ano de 1963.

De acordo com o Diário Oficial de Minas Gerais, publicado em 01 de Fevereiro de 1963, tendo por assunto a divisão de setores na cidade de Belo Horizonte, para efeito de matrícula nos estabelecimentos oficiais de ensino pré-primário e primário, consta no registro oficial do governo mineiro, a existência de treze locais, na capital, destinados ao ensino pré-escolar. São eles:

- Jardim de Infância do Instituto de Educação. Av. Carandaí, s/n.
- Jardim de Infância Delfim Moreira. Rua Espírito Santo, 890.
- Classes anexas ao Jardim Maternal⁵ da Sociedade Mineira de Assistência à Maternidade e à Infância. Alameda Ezequiel Dias.
- Jardim de Infância Bueno Brandão. Av. Getúlio Vargas, s/n.
- Jardim de Infância Coronel Fulgêncio. Rua Cristal, 78.
- Classes Pré-Primárias anexas ao G. E. Sandoval de Azevedo, Rua Pouso Alegre, 2382.
- Jardim de Infância Maria Goretti, Rua Iraí, 154.
- Jardim de Infância Professor Pimenta da Veiga, Rua da Prata.
- Classes Pré-Primárias Anexas ao G. E. Bernardo Monteiro, Rua Oeste s/n.
- Jardim de Infância Margarida Brochado, Rua Barão Coromandel, s/n.
- Classes Pré-Primárias Anexas ao G. E. Caetano Azeredo
- Classes Pré-Primárias Anexas ao G. E. Francisco Sales
- Classes Pré-Primárias Anexas ao G. E. Silvano Brandão, Rua Itapecerica, 685. (MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.71, 1963. 01 de Fevereiro de 1963.p.09/10)

Dois formatos de estruturação do atendimento pré-escolar se impõem à cidade de Belo Horizonte, no ano de 1963, Jardins de Infância e classes anexas a escolas primárias. Havia sete Jardins de Infância e seis classes anexas, sendo cinco delas anexas a Grupos Escolares e uma ao Jardim Maternal.

Essa divisão entre classes anexas e o Jardim de Infância Bárbara Heliadora, escola pública exclusiva destinada ao ensino infantil também é encontrada em outros

⁵ Chama à atenção a existência de classes anexas ao Jardim de Infância e ao Jardim Maternal, principalmente porque a denominação do estabelecimento já tem a palavra jardim em sua composição.

estados do Brasil. A categoria classes anexas foi assunto abordado por Vieira, no capítulo anterior, quando menciona que, a partir dos anos cinquenta, surge a modalidade de classes pré-primárias no país. A prática nos anos 60, de transformar salas anexas em escolas exclusivas para o atendimento infantil também é percebida em São João del-Rei.

Na cidade, as classes pré-primárias estão localizadas anexas ao Grupo Escolar João dos Santos e ao Grupo Escolar Maria Teresa, e podem ser consideradas, na década de 1950 e até a fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, em 1962, como sendo a representação da Educação Infantil no município. As salas de aulas começaram a funcionar primeiramente no Grupo Escolar Maria Teresa, no ano de 1951, posteriormente tiveram início as classes pré-primárias no Grupo Escolar João dos Santos, em 1953, de acordo com os dados da Secretaria Estadual de Educação.

O estudo não conseguiu, através da documentação, identificar quantos alunos chegaram a frequentar essas salas de aula pré-primárias. Porém, no decorrer do ano letivo, o número de alunos que estavam presentes girava em torno de trinta alunos por professora, podendo atingir até quarenta alunos, conforme declarações feitas por duas entrevistadas que estudaram nessas salas.

O Diário Oficial de Minas Gerais, publicado em 16 de Maio de 1962, tendo por assunto a criação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, na cidade de São João del-Rei, traz a informação de como será composto o novo Jardim de Infância que está sendo fundado:

O estabelecimento (Jardim de Infância Bárbara Heliadora) será integrado por 8 (oito) classes pré-primárias que funcionam no Grupo Escolar Maria Teresa e 3 (três) classes pré-primárias que funcionam no Grupo Escolar João dos Santos, ampliando posteriormente a matrícula de acordo com as possibilidades do prédio. (MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.70, N.109. 1962. 16 de Maio de 1962.p.07.).

Somando as salas de aula existentes no Grupo Escolar Maria Teresa e no Grupo Escolar João dos Santos, temos um número de onze classes pré-primárias funcionando na cidade antes da fundação da Bárbara Heliadora. O total de alunos que chegou a estudar nas classes pré-primárias pode ser imaginado levando em conta a quantidade de salas de Educação Infantil que funcionavam em cada Grupo Escolar e também tendo como evidenciado os relatos das ex-professoras e dos ex-alunos que afirmaram ter em média trinta alunos por sala de aula. *Nossa, me lembro de ter que dar aula para muitas crianças ao mesmo tempo, às vezes achava que não ia dar conta, às vezes eram vinte e cinco, trinta, trinta e cinco alunos, não sei o número certo, mais eram muitos. (Tulipa.)*

Portanto, na década de 1950, na cidade de São João del-Rei, funcionava um total de onze classes pré-primárias, como já mencionado: oito no Grupo Escolar Maria Teresa e três no Grupo Escolar João dos Santos. Antes de investigar como era o contexto histórico atuante dessas salas, no mesmo documento citado anteriormente, do Diário Oficial de Minas Gerais, é mencionado o destino que deve ser dado ao material didático utilizado pelos professores nos ensinamentos da Educação Infantil:

(3) As diretoras dos Grupos Escolares Maria Teresa e João dos Santos deverão transferir todo o material pré-primário existente em seus estabelecimentos para o Jardim de Infância “Bárbara Heliadora”. (MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.70, N.109. 1962. 16 de Maio de 1962.p.07.).

Ao começar a reconstituir o contexto histórico dessas classes pré-primárias, iniciamos falando das professoras que deram aula nesses Grupos Escolares e que, depois, com a fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, foram transferidas para o novo estabelecimento de ensino exclusivo para a Educação Infantil.

Dentre as depoentes, quatro delas lecionaram nas salas infantis anexas. As demais professoras entrevistadas que constituíram o corpo docente do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, na década de 1960, também eram professoras atuantes na cidade, mas de outras séries educacionais. Ao resgatar na memória seus momentos nas salas anexas, elas se lembram que era um período um tanto complicado, porque julgavam não ter uma experiência formada para conseguir lidar com todas as atividades necessárias para a Educação Infantil. Segundo Violeta:

Quando comecei a dar aula, eu nem sabia se queria mesmo dar aula, mas me lembro que ser professora era muito bem aceito pelos meus pais e por todos (...) então fui dar aula, mesmo estudando no curso normal não levava muito jeito com criança, e quando fiquei sabendo que iria ficar com criança pequena ai quase fiquei louca, mas no final das contas deu tudo certo acabei dando certo. (Violeta)

A segunda entrevistada, Tulipa ⁶, como relatado no capítulo dois do texto, era a única dentre as informantes que havia realizado um curso de formação específico para

⁶ A segunda entrevistada, Tulipa, também é natural da cidade de São João del-Rei. Nos dias atuais, tem setenta e um anos de idade, é aposentada e trabalhou na instituição de ensino pesquisada durante vinte e seis anos, ensinando para as diferentes faixas de idade existentes no jardim. Segundo a informante, era a única no momento da inauguração da escola, dentre as professoras que contava com o curso de formação para ensinamentos em educação infantil, realizado no Instituto de Educação em Belo Horizonte. Curso realizado durante o período de 1 ano, na capital. Começou sua trajetória docente por volta do ano de 1955, quando era professora substituta nos grupos escolares da cidade, até ser convidada para um cargo integral no Colégio João dos Santos. Com a fundação da escola Bárbara Heliadora, ela foi transferida para a instituição. Em suas memórias, recorda que ficou apenas dois meses fora da história da escola: *e fundou o Bárbara Heliadora e depois de dois meses eu fui para lá, eu lembro que fundou em Junho e eu fui para lá em Agosto, isso foi em 1962 e nos próximos 26 anos fiz parte da história da escola.*

lecionar na Educação Infantil, preparo este feito no Instituto de Educação, na cidade de Belo Horizonte. Entretanto, mesmo com o auxílio do curso, a entrevistada ressalva as dificuldades que enfrentou quando, pela primeira vez, teve uma sala de aula sobre sua direção. Ela observa a diferença que há entre o conteúdo que aprendeu em seus cursos e aquilo que enfrentou no dia a dia:

A gente faz curso, estuda muito, eu estudei demais para ser professora, sempre quis ser desde pequena, aí quando começa a dar aula nem imagina o que pode acontecer, quando comecei dar aula no João dos Santos lembro até hoje do meu primeiro dia, eu peguei as crianças de quatro anos, então fui para a escola, preparei o que ia falar para os meninos, mas chegando lá não consegui fazer nada que tinha pensado o que tinha de aluno meu chorando não querendo deixar a mãe ir embora, hoje é engraçado, mas não tinha idéia do que fazer, naquela época muitos deles entravam na escola só no Jardim não iam nas creches ou outras escolas então eu era a primeira professora deles, me lembro que depois de um mês ainda tinha aluno meu que chorava. (Tulipa.)

A inquietação de como agir da melhor maneira possível com os alunos em situações antes não imaginadas não é exclusividade da professora Tulipa. Era uma dificuldade recorrente entre as demais professoras que trabalhavam naquele estabelecimento de ensino infantil. Uma das entrevistadas que também ressalta essa postura é Girassol⁷. Segundo afirma, ao invés de alunos chorando em suas aulas, ela teve dificuldades em lidar com os pais das crianças, que em alguns casos, eram muito apegados aos filhos. De acordo com a informante, ela lecionava para alunos de seis anos, e nesse contexto, havia pais que quase todo dia procuravam saber de seu trabalho. Ela lembra que:

Eu sempre gostei de dar aula para crianças pequenas, preparar elas para o primário, ensinar as primeiras letras, mas me lembro que quando ainda dava aula no Grupo Escolar Maria Teresa por ser uma escola anexa alguns pais desconfiam que seus filhos não eram bem tratados, então tinha pai que ia na sala de aula todo santo dia saber do filho, até que a diretora resolveu não mais deixar os pais entrar na escola, e teria a data a ser marcada para o contato dos pais e professores, que seriam as reuniões dos pais. (Girassol)

O fato de colocar a criança, ainda em idade de quatro a seis anos, na escola, era um acontecimento sentido no interior da família. Por isso, a preocupação dos pais, às vezes, poderia ser em demasiado, como relata a informante. Entretanto, o papel dos pais

⁷ A sexta entrevista foi realizada com a ex-professora, Girassol, que ficou mais tempo construindo a história da instituição, como comprovado pela documentação pertencente à escola. Natural de São João del-Rei, tem setenta anos e trabalhou durante trinta e dois anos na escola, até alguns anos depois de se aposentar. Começou na escola depois de um ano de sua fundação, vindo transferida de outro colégio na cidade, a Escola Estadual Maria Teresa. Exerceu vários cargos na escola, como por exemplo, o de vice-diretora, mas, na maior parte do tempo, foi professora de alunos com idade de quatro anos. Ela declara que era a faixa de idade que mais gostava de ensinar.

com a Educação Infantil e, conseqüentemente, com a escola, não se resumia apenas a cobranças ou apreensões. Segundo a entrevistada Rosa, o apoio oriundo das famílias dos alunos que frequentavam as classes pré-primárias, era fundamental em alguns quesitos, para o bom funcionamento da escola:

quando o jardim de infância ainda era no Grupo Escolar Maria Teresa, não havia transporte para os alunos, isso só foi acontecer quando nasceu o Bárbara Heliadora, então muitos pais davam carona para várias crianças, já que recebíamos alunos de toda a cidade e muitos iam para a escola andando e chegavam cansados para ter aula. (Rosa)

Outro evento que a informante Rosa julgou importante mencionar em sua entrevista, pois, segundo ela, marcou muito sua entrada como professora de Educação Infantil, foi quando saiu sua nomeação para ser professora substituta nas classes pré-primárias no Grupo Escolar Maria Teresa. Ela recorda bem desse fato, porque, apenas dois meses depois, ela já foi transferida para a nova escola que se fundava: o Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Ainda para sua surpresa, a pessoa que ela substituiu na escola Maria Teresa virou sua diretora, por mais de vinte e cinco anos, no Jardim de Infância.

Ao investigar os documentos pertencentes ao Diário Oficial de Minas Gerais, foi encontrada a nomeação da professora Rosa, ocorrida em 1962.

Portaria Nº D.S.S. - 376
Aprovando os exercícios das seguintes normalistas, com vencimento mensal de CR\$ 16.180,00.
São João del-Rei- Grupo Escolar “Maria Teresa”: (... Rosa...)⁸, de 27 de Março a 30 de Abril de 1962, como substituta da professora Maria do Carmo Dilácio licenciada. (Diretora do Jardim de Infância Bárbara Heliadora por quase trinta anos)
MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.70, 1962. 11 de Julho de 1962.p.12.

Com os depoimentos das ex-professoras que lecionaram nas classes pré-primárias anexas aos grupos escolares, é possível iniciar a reconstituição do contexto histórico que estava presente naquele ambiente escolar. A complementação das informações referentes a essas salas saíra das entrevistas dos dois ex-alunos⁹ dessas escolas. (Saturno¹⁰ e Mercúrio¹¹)

⁸ O nome fictício Rosa foi introduzido na portaria pelo autor desta dissertação.

⁹ Os dois já foram apresentados no segundo capítulo do texto, apenas relembrando suas características essenciais para o estudo, a primeira ex-aluna recebeu o nome de Mercúrio, conviveu com sua mãe lecionando na escola e estudou no Grupo Escolar João dos Santos no final da década de 50.

¹⁰ A sexta entrevistada, Saturno, tem sessenta e dois anos e sua passagem pela educação infantil ocorreu pelos anos de 1951/52/53. Sua sala de aula ainda fazia parte da escola primária Estadual Maria Teresa, sendo considerado um conjunto de salas anexas. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de São João del- Rei.

Ao ser perguntado como era o ambiente escolar no qual estudara, Mercúrio nos informa sobre a organização do espaço físico na pré-escola de sua infância. Ela falou da seguinte lembrança:

uma coisa que eu me lembro com certeza é que naquele salão muito grande era dividido em quatro espaços, desses quatro espaços eram consideradas quatro salas de aula, com quatro professores, e em cada canto da sala de aula havia um biombo, por exemplo, o meu era um biombo de madeira como se fosse uma divisória um contava a história do chapeuzinho vermelho e do lobo mau, no outro canto era da branca de neve com os sete anões o outro era da Cinderela cada um deles com histórias de conto de fada. (Mercúrio)

Ao descrever que sua sala de aula estava localizada em um grande salão, que era repartido em outras classes por estruturas improvisadas de madeira, ela evidencia a precariedade na qual era oferecida a Educação Infantil na escola. Essa falta de estrutura para o atendimento ao aluno em idade de quatro a seis anos demonstra que, ainda naquele período, a preocupação com a qualidade na recepção dos alunos pequenos nos corredores escolares ainda não tinha ressonância no âmbito governamental. O trecho ainda afirma que o “biombo” não era usado apenas como repartição entre as classes pré-primárias, também tinha por função, naquele ambiente escolar, servir de mural para que fossem contadas histórias para os alunos.

Em outra passagem de sua entrevista, Mercúrio continua a relembrar as condições em que se apresentava a escola. Nesse momento, ela relata o local destinado à realização das necessidades fisiológicas dos alunos:

Você não vai saber o que existia por trás do nosso biombo, ali que era o nosso famoso banheiro, ou seja, havia dois piquinhos se você tivesse que fazer as nossas necessidades [fisiológicas], meninos e meninas usavam sem nenhuma vergonha, naquele tempo de muitos pudores, e ninguém se arriscava a olhar o coleguinha, a levantar a brincar a ironizar, essa foi uma das coisas que muito me chamou a atenção e que eu me lembro assim demais. (Mercúrio, p.03)

Nota-se que o estabelecimento de ensino apresentava dificuldades em atender, de maneira regular, os alunos de Educação Infantil que ali estudavam. Dentre as demais informações sobre o ambiente escolar constituído naquele período, a entrevistada, quando perguntada do que mais gostava na escola, respondeu recordando de algumas histórias que eram contadas por suas professoras. O que lembrou com mais detalhe foi da maneira que esses contos eram passados para os alunos:

¹¹ A primeira ex-aluna entrevistada, Mercúrio, é natural de São João del-Rei, fato que ocorre com todos os ex-alunos entrevistados. Atualmente tem sessenta e um anos, cursou a educação infantil na década de cinquenta ainda nas salas anexas às escolas primárias, exerce a função de professora desde 1965, quando concluiu o antigo curso normal. Atualmente é professora da Universidade Federal de São João del-Rei.

Tinha uma coisa maravilhosa que chamava cineminha, que era um cineminha tipo da história do menino maluquinho, do livro do professor do menino maluquinho, mas que era o contrário, ia passando de cena em cena, a professora colocava a música, o disquinho, e a professora ia rodando. Era uma caixa com duas manivelas, e naquilo ali várias cenas eram contadas e aquele monte de crianças ali encantado olhando... A mesma coisa tinha a ver com os fantoches, quando tinha teatrinho de fantoche, a gente não colocava a mão, sempre era alguém que contava e aquele biombo também sempre servia para as pessoas contarem as histórias.(Mercúrio)

Essas informações são de momentos vividos nas classes pré-primárias do Grupo Escolar João dos Santos, e serviram para se ter uma ideia de como era composto esse ambiente escolar. Compete, nesse momento, trazer à tona o mesmo resgate histórico em torno das salas de Educação Infantil presentes no Grupo Escolar Maria Teresa, através da memória da ex-aluna.

A primeira recordação mencionada pela entrevistada e que vem acompanhada de documentação é a de sua formatura nas classes pré-primárias. Saturno declara que *foi um momento muito bonito onde todos os alunos se arrumavam, todos os pais e amigos estavam lá para ver e toda a escola ficava enfeitada para a festa.* (Saturno). No decorrer da entrevista, a informante mostrou o diploma de conclusão do pré-primário que, segundo ela, guarda com muito carinho desde 1953.



(Diploma do Jardim de Infância Noraldino Lima. Fonte: Ex-aluno Saturno).

Alguns dados importantes devem ser levados em conta, com a apresentação desse documento. Primeiro é o modo como ele é feito. Não só os ex-alunos entrevistados como todas as ex-professoras que deram aula, antes e depois da fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, confirmaram que todos os diplomas eram desenhados, cortados e pintados à mão, um por um, fato que ocorreu até meados da década de 1970. Prática que passou através das experiências das professoras das classes pré-primárias para o Jardim de Infância.

Uma segunda informação que merece destaque é o ano de conclusão do curso pré-primário que está registrado no diploma, ano de 1953. Como informado anteriormente, as classes pré-primárias, no Grupo Escolar Maria Teresa, entraram em funcionamento em 1951. A ex-aluna fez parte da primeira turma de Educação Infantil da cidade, estudando na escola dos quatro aos seis anos, quando se formou.

Um último elemento que deve ser enfatizado está relacionado ao nome da escola que aparece no diploma de Educação Infantil. Logo no título do documento está escrito

Jardim de Infância Noraldino Lima, nome antes não localizado pelo estudo e que passou a ser descoberto com as pesquisas em demais diplomas e documentos da escola. Mesmo tendo o nome de *Noraldino Lima*, a escola, na maioria das vezes, é referida como associada ao Grupo Escolar Maria Teresa, sendo que sua administração também era feita pela diretoria do Grupo Escolar à qual estava anexa. A informante também se recorda do momento em que ficou sabendo que sua escola não se chamava Maria Teresa:

Para minha surpresa eu sempre achei que estudava na escola estadual Maria Teresa, ou melhor, Grupo Escolar Maria Teresa, porém quando eu fui olhar meu diploma de pré-escola eu verifiquei que lá estava escrito jardim de infância Noraldino Lima, não sei por que motivo porque ninguém nunca contou para gente que a escola Bárbara Heliodora tinha esse nome anteriormente, e por coincidência nesse tempo a diretora da escola era a dona Beatriz Albergaria que foi a fundadora da Bárbara Heliodora. (Saturno)

Por fim, uma última recordação sobre as classes pré-primárias localizadas no Grupo Escolar Maria Teresa e que funcionavam no Grupo Escolar João dos Santos, é sobre sua estrutura. De acordo com as declarações da ex-aluna Saturno, as salas de aula onde acontecia a Educação Infantil seguiam o mesmo perfil das demais classes da instituição. Elas eram de alvenaria, do mesmo patamar das usadas para o ensino primário.

A entrevistada recorda que os alunos de ensino pré-primário não tinham muito contato com os demais alunos da escola. Conforme declara, a direção do grupo escolar distribuía os horários de modo que não misturasse alunos de várias idades. Um ponto importante que a informante lembrou foi em relação ao número de alunos:

Lembro que minha sala não era muito grande, tinha aquelas carteiras bem velhas, ainda não era aquelas carteiras que vem tudo junto, ainda era a mesinha e a cadeira, lembro que na sala tinha o quadro e um local ao lado para ficarem expostos nossos trabalhos, mas pela sala não ser muito grande quando todos os alunos iam, por volta de trinta parecia que ficava muito cheia quase sem lugar para todos. (Saturno)

Mesmo com o relato de algumas dificuldades a serem enfrentadas no ambiente escolar, há uma grande diferença entre as classes pré-primárias existentes no Grupo Escolar Maria Teresa e no Grupo Escolar João dos Santos. Além de oferecer um número maior de salas e consequentemente, de vagas para a Educação Infantil, a escola Maria Teresa proporciona às crianças condições de estrutura melhores que o outro grupo escolar. Essa qualidade de ter melhor composição de ensino por parte do Grupo Escolar Maria Teresa se resume nos dados oriundos dos informantes já que cada um descreve o ambiente escolar no qual estudou, suas salas de aulas, demais espaços físicos

da escola, número de alunos, condições de trabalho para os professores. Porém, o objetivo deste estudo não é analisar qual escola ensinava ou deixava de ensinar seus alunos, o intuito é resgatar como eram essas escolas que deram origem ao Jardim de Infância Bárbara Heliadora, conteúdo histórico que será explorado a partir do próximo capítulo.

3.3- FUNDAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA

Agora a investigação apresentará o processo de fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, iniciando com os decretos oficiais que possibilitaram a criação da escola na cidade. Datado do dia 10 de Maio de 1962, o decreto número 6.570 traz as seguintes informações:

Decreto nº 6.570 de 10 de Maio de 1962.
Cria um Jardim de Infância com a denominação de “Bárbara Heliadora”, na cidade de São João del-Rei.
O Governador do Estado de Minas Gerais usando da atribuição que lhe confere o artigo 12. item I e II, e de acordo com o artigo 20, ambos do Código do Ensino Primário, Decreta:
Artigo I: Fica criado o Jardim de Infância “Bárbara Heliadora”, a ser instalado à rua: Nascimento Teixeira, na cidade de São João del-Rei.
Artigo II: revogada as disposições em contrário, este decreto entrará em vigor na data da sua publicação.
Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução deste Decreto pertencer que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nele se contém. Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 10 de Maio de 1962. (MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.70, N.104. 1962. 11 de Maio de 1962.p.01)

O documento oriundo do Diário Oficial de Minas Gerais informa o período da criação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, na cidade de São João del-Rei. É nesse momento que tem início, na história da Educação Infantil do município, sua primeira escola pública exclusiva para educação infantil. Esse dado correspondente à abertura do Jardim de Infância também foi encontrado junto aos arquivos da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

Após seis dias da assinatura do decreto que criava o Jardim de Infância Bárbara Heliadora em São João del-Rei, foram publicadas no Diário Oficial de Minas Gerais, de 16 de maio de 1962, as instruções necessárias para orientar as autoridades responsáveis pela designação do novo estabelecimento de ensino:

Portaria nº49:
Em cumprimento do decreto nº 6.570 de 10 de Maio de 1962, o Secretário de Educação resolve determinar a instalação do Jardim de

Infância “Bárbara Heliadora”, na cidade de São João del-Rei com as seguintes instruções:

1) O estabelecimento será integrado por 8 (oito) classes pré-primárias que funcionam no Grupo Escolar Maria Teresa e 3 (três) classes pré-primárias que funcionam no Grupo Escolar João dos Santos, ampliando posteriormente a matrícula de acordo com as possibilidades do prédio.

2) A professora Maria Martins Fonseca em exercício na chefia do agrupamento de Inspetoras do município de São João del-Rei autoriza a instalação do estabelecimento em solenidade pública registrando-a em documento oficial para esta Secretária.

3) As diretoras dos Grupos Escolares Maria Teresa e João dos Santos deverão transferir todo o material pré-primário existente em seus estabelecimentos para o Jardim de Infância “Bárbara Heliadora”.

4) A direção do novo estabelecimento será confiada à professora Maria do Carmo Vieira Dilácio, padrão M-C, especializada em curso pré-primário e a regência de classes será entregue às professoras que as vêm exercendo nos Grupos Escolares de onde provieram as classes ora agrupadas no Jardim “Bárbara Heliadora”.

(MINAS GERAIS. Diário Oficial, v.70, N.109. 1962. 16 de Maio de 1962.p.07).

O documento apresenta uma informação relevante sobre o cargo de direção do Jardim de Infância. Através da referida portaria, fica estabelecido que a direção deva ser assumida pela professora Maria do Carmo Vieira Dilácio, uma das duas professoras que tinha formação específica para a educação pré-primária. Além disso, as professoras da nova escola deveriam ser as professoras que já lecionavam nas classes anexas existentes no Grupo Escolar João dos Santos e no Grupo Escolar Maria Teresa.

Com a criação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, no ano de 1962, é importante buscar, na bibliografia publicada na época, uma compreensão dos objetivos principais esperados com o funcionamento desse estabelecimento de ensino na cidade de São João del-Rei.

Retomando o contexto de fundação da escola, de acordo com os arquivos da instituição, a inauguração da nova escola ocorreu no dia 10 de Junho de 1962, mas o seu funcionamento só aconteceu a partir do dia 06 de agosto do mesmo ano. A imagem a seguir foi recolhida dos arquivos pertencentes ao Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Ela é datada do dia da inauguração da escola, contribuindo com a pesquisa ao apresentar algumas professoras que constituíram o primeiro corpo docente existente na história da escola pesquisada.



(Foto 1 - As 1ª professoras da escola. Data: 10 de Junho de 1962. Fonte: Arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliadora).

Nesta foto das primeiras professoras do Jardim de Infância aparecem sete professoras e a diretora da escola. Essas imagens foram apresentadas às entrevistadas para que elas pudessem identificar quem eram as pessoas da foto e conseqüentemente, para ajudá-las na recordação daquele período em que lecionaram na escola Bárbara Heliadora.

Ao buscar quem eram esses sujeitos históricos, iremos encontrar, de acordo com as entrevistadas, já que não consta na foto qualquer menção do nome das professoras, na fileira acima do degrau, usando um vestido, a professora Teresa Silva El-Corab. Ao seu lado, vestindo saia preta, a ex-diretora, Maria do Carmo Dilácio. Em seguida, Maria Lúcia Mourão e Edna Agostini. Mas, as entrevistadas não conseguiram a identificação da última professora da fileira. Abaixo, as três professoras são: Vera Salomé, de roupa branca, Maria do Carmo Braga, ao centro, e Silvia Andrade, de blusa preta.

Em relação à composição do primeiro corpo docente do Jardim de Infância, foram encontrados, nos documentos pertencentes ao estabelecimento de ensino, os

nomes das professoras que atuavam na escola, sendo que estas professoras eram divididas em duas categorias. Primeiramente vinham aquelas que recebiam a nomenclatura de Regentes de Classes e em seguida, as professoras substitutas. Esse documento corresponde ao levantamento realizado pelo Estado, no ano de 1965. Daí, não se pode afirmar, com clareza, quais dessas professoras, além das já citadas com a ajuda da Foto I, estavam no momento da fundação da escola.

As professoras que foram identificadas na primeira foto estão presentes no levantamento realizado no ano de 1965, umas aparecem como sendo regentes de classes e outras estão situadas no grupo de professoras substitutas.

O quadro de professoras seria o seguinte:

Diretora: Maria do Carmo Dilásccio

Auxiliar de diretoria: Doralice Franco

Regentes de classe Nomeadas: Isaura Fellicetti, Maria do Carmo Braga Rodrigues, Maria Eunice de Resende, Hélia Ribeiro de Sá, Cecília Dangelo, Maria Aparecida de Paiva Gonzaga, Zenilda Rigotti Francia, Edna Agostini, Maria Helena Bassi.

Professoras substitutas: Maria Lúcia Souza Resende, Silvia Maria Siqueira Andrade Neves, Vera de Oliveira, Maria Lúcia de Araújo, Maria Auxiliadora Lelis de Andrade, Maria Lúcia Mourão Monteiro, Vera Sampaio Salomé Mazzoni, Euthália Juvência Duarte, Maria Terezinha Garcia, Terezinha Silva El-Corab, Berenice Maria Carlos e Maria Carmem Ferreira do Nascimento.

(Levantamento das professoras da escola. 1965. Documento pertencente ao arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliadora).

Como mencionado, a professora Maria do Carmo Vieira Dilásccio assume a direção logo após a fundação da escola, cargo que exerceu por mais de trinta e cinco anos. De acordo com os arquivos do Jardim de Infância, a direção da professora perdurou de 1962 até o ano de 1998, quando deixou a função por motivos de saúde. Seu falecimento ocorreu no ano de 2006. Todas as ex-professoras, no decorrer de suas entrevistas, recordaram a relação que tinham com a ex-diretora, informando que ela era uma educadora muito dedicada ao Bárbara Heliadora.

A ex-professora Lírio¹², quando questionada sobre como era o contato dela com as demais professoras e com a direção relatou um momento que viveu com a ex-diretora dentro daquele contexto escolar:

¹² A quinta entrevistada, Lírio é natural da cidade de Juiz de Fora, e veio residir na cidade de São João del-Rei logo após o seu nascimento, no final da década de quarenta. Hoje tem sessenta anos, é aposentada e trabalha com a venda de tecidos e fios em seu estabelecimento comercial situado no centro da cidade, foi professora do Jardim de Infância por volta de vinte e cinco anos, começando sua trajetória como professora na própria escola, com dezoito anos de idade. Sua entrada na escola ocorreu após a diretora convidá-la para fazer parte da instituição. A entrevistada relata que a diretora lhe fez o convite por entender que ela sabia muito bem pintar, desenhar, cortar e colar, atividades muito usuais no jardim de infância. Por isso, suas primeiras funções na escola eram de contribuir para as confecções de painéis e ajudar nas estruturas das datas comemorativas, depois de alguns anos se tornou professora.

a gente tinha uma cozinheira que fazia uma merenda muito gostosa, que fazia uma sopa muito gostosa, e de vez em quando a gente ia tomar sopa antes do horário, mas a Maria do Carmo não deixava, então era aquela correria para correr da diretora, até que um dia ela me pegou no pulo quando eu comia, pensei que ela iria brigar comigo, acabou que ela começou a rir por ter achado engraçado eu ficar toda escondida para comer. (Lírio)

Ainda de acordo com a entrevistada, *a diretora era uma pessoa maravilhosa*; ela afirma que havia um convívio muito bom entre a diretora e todas as professoras, e a relação entre elas era a melhor possível dentro e fora da escola. Para ilustrar essa afirmação, ela fala das viagens que faziam: *a gente ia para Tiradentes, para os restaurantes e era uma farra muito boa, tinha um convívio muito bom entre diretoria e as professoras, tanto é que até hoje tenho amizade com aquelas professoras.* (Lírio)

A memória da entrevistada Lírio relata características do comportamento da ex-diretora do Jardim de Infância Bárbara Heliadora enquanto exercia sua função. Ao mesmo tempo em que Lírio diz que a diretora *não deixava tomar sopa* fora do horário, mostrando a responsabilidade e disciplina com que as professoras deveriam trabalhar naquele ambiente escolar. A seriedade com o trabalho não custava a diretora a antipatia dos demais funcionários, sendo que a mesma entrevistada deixa evidente toda a sua simpatia pela diretora, afirmando que ela era uma pessoa *maravilhosa*.

Uma imagem também pertencente ao arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliadora retrata o contexto histórico da inauguração da nova escola. Solenidade na qual estavam presentes o prefeito Gabriel Passos, o professor e deputado estadual, Dr. Oscar Dias Corrêa, com a inspetora de ensino da cidade Beatriz Albergaria, e os demais componentes da escola, como a diretora e as professoras. A festa de inauguração também contou com a presença do público. Como a anterior, essa foto foi apresentada às ex-professoras entrevistadas, a fim de contribuir para a identificação dos sujeitos e resgate da memória da informante.



(Foto 2- Inauguração da Escola. 1962.

Fonte: Arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliadora).

Na imagem sobre a inauguração da instituição de ensino, em 1962, de maneira descritiva, pode-se notar a figura de um padre e de outras autoridades da cidade, entre as pessoas identificadas na foto. O primeiro seria o Sr. Orestes Braga que aparece posicionado de costas, com a atenção voltada para o padre, (de acordo com as entrevistadas, no período ele exercia a função de presidente da Associação Comercial de São João del-Rei). O padre (que ostenta um livro em mãos e parece ler para todos) foi identificado como sendo o Padre Tortoriello. A mulher ao fundo é a diretora da escola, a professora Maria do Carmo Diláscio. As demais pessoas que aparecem na foto não chegaram a ser identificados pelas informantes.

Ainda sobre o dia de inauguração do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, no dia 13 de Julho de 1972 é publicada no Jornal Ponte da Cadeia uma reportagem sobre as comemorações dos dez anos de fundação dessa escola. A matéria do jornal traz em seu conteúdo um breve histórico dos anos vividos no ambiente escolar, e tem como título, *Jardim de Infância está ficando velho: 10 anos*. Entre as informações oriundas da reportagem, a primeira passagem é referente ao dia da fundação. O jornal informa os

sujeitos que estão presentes na solenidade, com seus respectivos cargos, naquele período:

Sua instalação se deu aos 10 dias do mês de junho de 1962, criado que fora pelo decreto 6.570 de 10 de Maio de 1962, do então Governador do Estado Dr. José de Magalhães Pinto, em solenidade pública que contou com a presença dos senhores Prof. Anselmo Barreto representante do Senhor Secretário da Educação, José de Faria Tavares deputado federal, Dr. Oscar Dias Corrêa deputado estadual, Inspetora Seccional Marília Martins Ferreira, Delegado de Polícia Muller Generoso, Inspetora Municipal de Educação Maria Beatriz de Castro Albergaria, Deputado Estadual Nicanor Neto Armando, diretoras dos grupos da cidade e grande massa popular. (Jornal Ponte da Cadeia, 13 de Julho de 1972.)

A fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora foi registrada pelos jornais do período como um acontecimento marcante para a história da Educação de São João del-Rei. Além do já citado noticiário, outros jornais que tinham circulação no período fizeram reportagem sobre o fato.

O Jornal Tribuna Sanjoanense, em seus escritos sobre a inauguração do Jardim de Infância, estampou como título da matéria: *A escola que salvará as crianças*, tendo por conteúdo, a narração daquilo que havia ocorrido no dia de fundação. Entre as informações que a matéria traz, encontra-se um trecho do discurso da diretora Maria do Carmo sobre quais alunos poderiam estudar na nova escola. Ela ressalta que *o estabelecimento receberá criança de toda a cidade, de todos os bairros, de todas as famílias, sem distinção ou preconceito de qualquer espécie, respeitadas apenas as exigências do critério quanto à idade*. (Jornal Tribuna Sanjoanense, 12 de Junho de 1962).

Outro jornal que também realizou uma reportagem sobre a fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora foi o Jornal do Poste. Essa matéria que recebeu o título, *Inaugurado o Jardim de Infância Oficial Bárbara Heliadora, com a presença do Professor Oscar Dias Corrêa*, apresenta em seu conteúdo um caráter otimista em relação ao desempenho da nova escola. O editor da matéria enfatiza várias vezes a importância desse professor e deputado na criação da escola, e que essa instituição de ensino infantil foi fundada no ano de 1962, com o objetivo de revolucionar a educação da cidade. Segue um trecho dessa matéria:

Às 15 horas de domingo, dia 10, a idealizadora do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, professora Beatriz Albergaria, e o seu criador, deputado Oscar Dias Corrêa, entregaram ao povo Sanjoanense aquele novo estabelecimento que vai revolucionar a educação primária entre nós. O cônego Dr. Francisco Tortoriello realizou a bênção do prédio e das instalações, dirigindo-se em seguida, acompanhado da comitiva do Dr. Oscar Dias Corrêa e de próceres políticos locais, entre os quais se

distinguiam o Dr. Orestes Braga, o Dr. Cid de Souza Rangel, o Dr. Nicanor Neto Armando, o vereador Nelson Lombardi e a inspetora Beatriz Albergaria (...). Terminando a solenidade, retiraram-se as autoridades e o povo, entre comentários de extrema simpatia para com o Jardim de Infância Bárbara Heliodora, um sonho que se torna realidade graças à firmeza e ao sacrifício do povo Sanjoanense. (Jornal do Poste, 13 de Junho de 1962.)

Portanto, essa parte do texto consistiu em apresentar como foi constituído o momento de fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, saindo do papel para a implantação, na Educação de São João del-Rei, desse estabelecimento de ensino. O dia da inauguração marca o início da história da escola através de seus corredores escolares, sendo que, até o momento, foram abordados os fatos que marcaram o seu funcionamento.

3.4- O PRIMEIRO PRÉDIO DA ESCOLA

A questão do espaço físico de um estabelecimento de ensino como uma condição essencial para atingir os objetivos do jardim de infância é inegável. Desse modo, consideramos necessário trazer algumas características do primeiro prédio da escola, juntamente com suas condições de funcionamento, já que ali várias gerações de crianças sanjoanenses receberiam Educação Infantil por mais de 30 anos.



(Foto 3- *Fachada da Escola*. Fonte: Arquivo da pesquisa).

O imóvel em que foi instalada a pré-escola Bárbara Heliodora já era usado, desde a década de cinquenta, como centro médico e posteriormente, como um local onde se realizava a aplicação de vacinas e outros procedimentos ambulatoriais.

Para que houvesse, na cidade, uma escola exclusiva de Educação Infantil, esse prédio teve que ceder espaço para abrigá-la. O fato de a escola ter sido instalada em um lugar que não era exatamente apropriado para essa finalidade e já ter sido utilizado para esses fins, foi motivo de lembranças por parte dos informantes. A ex-professora entrevistada, Girassol, recorda que

Olha, quando começou na inauguração... Não era boa não pelo seguinte. Porque nós não tínhamos uma escola própria, da gente mesmo. Para as crianças não tinha uma escola própria... Então a escola foi, não sei se vou poder falar isso, mas enfim era a realidade, Porque lá funcionava eu não lembro o nome de lá não, funcionava um ambulatório. Não era um hospital, mas um lugar que tratava só de doentes. Muita doença(...) deixou de ser meio que um hospital para virar escola, foi por muito tempo, por muitos anos, lá devia estar bem infectado (...), e era feito tipo assim, lá logicamente havia muito tipo de remédio, então tinha que ser um lugar mais fresco, era de ladrilho, muito frio, quer dizer foi uma coisa de emergência mesmo lá. (Girassol)

Não se tratava de exagero de uma única informante a queixa a respeito do cheiro. Este ficou registrado na memória de outras professoras. De salas superlotadas e “cheiro” de hospital, fala Rosa¹³, da seguinte maneira:

Eu dava aula para os meninos do primeiro período, as turmas maiores eram dos meninos com seis anos; eu dava aula para os meninos de quatro anos, minha turma era menor porque a procura maior acontecia no terceiro período, mas todas as salas tinham o mesmo cheiro de hospital e quase o mesmo tamanho, você imagina na minha sala eu não conseguia arrumar para vinte, vinte e cinco alunos, imagina as professoras que tinham quase quarenta alunos, era muito difícil. (Rosa)

Esse problema também é explorado pela matéria publicada no *Jornal do Poste*, de 12 de Agosto de 1962, tendo por título *O Novo Jardim de Infância*. A reportagem começa com críticas ao andamento da escola infantil:

O JARDIM DA INFÂNCIA há pouco inaugurado no “Segredo” não é o que se esperava. A situação de nossos filhos matriculados no referido estabelecimento é de verdadeira calamidade! Nossos filhos estão metidos numa verdadeira geladeira, com esse frio tremendo que está fazendo. O prédio, inadaptável, possui todo o seu piso de ladrilho

¹³ Natural de São João del-Rei, hoje tem sessenta e dois anos de idade, é aposentada e lecionou na instituição no decorrer de vinte e oito anos. Sua trajetória na escola Bárbara Heliodora teve início no ano de fundação do estabelecimento de ensino após ser transferida da Escola Estadual João dos Santos, uma das prerrogativas importantes de sua passagem pela escola é que suas duas irmãs também chegaram a lecionar por alguns anos na mesma escola.

e com meias paredes azulejadas, constituindo um atentado à saúde das crianças. (Jornal do Poste, 12 de Agosto de 1962.).

Sobre as condições em que se encontrava a escola para atender o público infantil, o Jornal do Poste chega a argumentar que a situação é de *verdadeira calamidade*. Percebe-se que o jornal tem, em seus escritos, a postura de procurar denunciar o que ele entende que está ocorrendo de errado na escola, para que se possa tomar providência em relação ao ambiente que se instalara no Jardim de Infância.

Em adição a isso, a informante Margarida¹⁴ remete ao tamanho das salas e à insuficiência do número de banheiros para a quantidade enorme de crianças em cada sala.

Lá era parede mesmo, só que o chão era de ladrilho, só que era muito frio, e lá ficavam todas as turmas juntas, tudo muito apertadinho, eram salas pequenas, a gente tinha um banheiro apenas, a cozinha ficava no fundo entre duas salinhas, tinha um pátio pequenininho, como te falei numa salinha que podia pôr umas quinze ou vinte crianças, a gente colocava numa faixa de trinta e cinco a quarenta crianças, uma mesinha que comportava quatro crianças a gente tinha que colocar até seis, no início era um espaço muito curto para tanta criança. (Margarida)

O Jardim de Infância Bárbara Heliadora passou por algumas mudanças em sua estrutura física ao longo dos anos, porém, só obteve um prédio construído exclusivamente para a educação infantil no ano de 1996, quando a escola passou a funcionar em instalações específicas destinada a esse tipo de ensino.

A ex-professora Tulipa se queixa de sua sala de aula, ao dizer: *tinha uma mesa em cima da outra e trinta e tantas crianças, uns armários em cima, para subir nos armários a gente tinha que subir nas mesinhas ou nas cadeiras para poder alcançar o armário então é isso era bem precário*. (Tulipa)

Segundo a documentação pertencente à Secretaria Estadual de Educação, em relação ao funcionamento do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, fica determinado que suas atividades escolares aconteçam das seguintes maneiras: *O educandário seria dirigido pela professora Maria do Carmo Dilácio, apresentando, inicialmente, 14 classes, com dois turnos, um de 8 às 11h30min horas, e outro de 12 às 16 horas, com atendimento a 410 crianças*. (Mimeo)

¹⁴ A ex-professora nasceu na cidade de São João del-Rei, tem sessenta e dois anos de idade, é aposentada e exerceu a função de professora na escola durante vinte e sete anos, dando aulas em todas as séries. Tem por formação o curso Normal, e sua primeira experiência como docente ocorreu na década de 1950, quando trabalhava em uma escola existente no bairro do Tijuco, na cidade, lecionando para crianças de 1ª a 4ª série.

O jornal Ponte da Cadeia, em sua reportagem sobre os dez anos do Jardim de Infância, observa como se deu o desenvolvimento do número de alunos estudando na escola. Ele informa a localização da nova escola e o que sucedeu a partir de 1963, segundo ano de funcionamento do Jardim de Infância:

O novo estabelecimento de ensino passou a funcionar na Rua Nascimento Teixeira Bairro do Segredo, no prédio do Lactário e do Posto de Puericultura adaptado às suas novas finalidades. Em 1963 o número de classe passou para 16. Em 1965, devido ao aumento de matrícula, foram acrescentados mais 2 classes passando assim a funcionar 18 classes. Em 1972, por ordem da Delegada de ensino foram extintas 3 classes. Em todos estes anos, desde sua fundação o Jardim de Infância Bárbara Heliodora, deu atendimento a crianças na faixa de idade de 4 a 6 anos. (Jornal Ponte da Cadeia, 13 de Julho de 1972.)

A reportagem informa que, a partir de 1963, o número de salas cresce, tendo seu ápice em 1965, chegando a um total de dezoito salas de aula, número que permanece durante sete anos na trajetória da escola, e que é reduzido para quinze somente no ano de 1972. Vimos que, no início da escola, seu funcionamento deveria ter catorze classes atendendo 410 alunos. O que já é um número grande, pois significa ter quase trinta crianças por professora. O jornal até chega a mencionar que o aumento do número de salas é por causa de uma ampliação da matrícula. Junte-se a esses dados, as informações encontradas nos arquivos do Jardim de Infância, que declaram estarem matriculados na escola, no ano de 1968, um total de 468 alunos.

Quando o prédio foi inaugurado, já havia, no cenário brasileiro, referenciais para definição de como organizar o espaço dos jardins de infância, como encontramos nos manuais citados que foram publicados na década de cinquenta e sessenta, do ponto de vista do tamanho e das distribuições das atividades em seu interior. Essa preocupação em criar um parâmetro que regula as necessidades básicas de um prédio escolar do Jardim de Infância, para que possa oferecer um ambiente adequado para a realização da aprendizagem, aparece nas publicações dos anos cinquenta e sessenta, apresentadas em capítulos anteriores. Nina (1957) procurou descrever todos os ambientes que um Jardim de Infância precisa apresentar para abrir as portas, inclusive calculando, em metros quadrados, a área que cada espaço necessita ter:

Além da ala de brinquedo ou trabalho, deve haver:

A) sala para a diretora – 12 m, B) secretaria – 12 m, C) sala para as educadoras- 16 m, D) sala de espera- 12 m, E) gabinete médico-dentário- 16 m, F) pequeno isolamento- 6 m, G) vestiário- 9 m, H) banheiros- 12 m, I) refeitório – 30 m, J) copa e cozinha- 12 m, L) despensa- 6 m, M) depósito para material – 9 m (Nina 1957, p.34).

Gill (1950) não chega a citar a medição dos espaços que cada ambiente escolar precisa ter para ser ideal. Entretanto, argumenta sobre como deveria ser constituído o prédio escolar. Para essa autora, esses espaços devem ser isolados, quando o prédio destina-se somente ao Jardim de Infância ou anexos, quando as classes de jardim de infância funcionam na própria escola primária.

É imprescindível a existência de terreno regular para a recreação, educação física, jardinagem e criação de animais, sempre que se pretenda instalar um Jardim de Infância, ou, apenas, uma classe anexa. Outras condições são, ainda, indispensáveis, sobretudo nos Jardins isolados: cozinha, refeitório, sala de repouso, sala de jogos ou brinquedos, sala de aula espaçosa, instalações higiênicas perfeitas, condições de iluminação e ventilação razoáveis e mobiliário adequado. (Gill, 1950, p.17.)

Uma ex-aluna, Marte¹⁵, no esforço de rememorar o que viveu, faz um levantamento dos três anos que estudou no Jardim de Infância, acrescentando as imagens à lousa, às carteiras e aos colegas de turma, observando com o olhar de criança que se transmite hoje na fala de um adulto.

Era naquelas salinhas lá em cima, aquelas salinhas bem pequenas que você fotografou, nela tinha um quadro verde de giz maior ou menor para a professora explicar, as carteiras eram aquelas inteiras não era aquelas de um braço só, aí o aluno podia colocar o material embaixo da carteira, que lembro, mas é para recordar mesmo né, porque já faz tanto tempo. (...) sobre os alunos, nossa era bastante viu o número de alunos nas salas era grande (...). Tão grande que eu não me lembro o número certinho de alunos que tinha, mais eram muitos por sala. Não era turmas pequeninhas não. (Marte)

O fato do primeiro prédio do Jardim de Infância Bárbara Heliadora não atender às expectativas que se criara em torno da fundação de uma escola para a Educação Infantil na cidade aparece em quase 80% dos depoimentos que foram realizados pelo estudo. As ex-professoras entrevistadas, de modo especial, falam da dificuldade de conseguir ensinar tantos alunos em um ambiente reduzido, o qual não disponibilizava muitos mecanismos para facilitar o aprendizado. A informante Violeta lembra como eram desenvolvidas as atividades físicas e demais tarefas com os alunos:

lá era muito apertadinho, tipo assim era uma casa que foi adaptada, quando começou tinha um clube lá perto que chamava Inconfidente, então a gente ficava na sala de aula para dar as atividades e o que era de educação física, recreio, historinha tudo a gente ia para esse clube Inconfidente. Tinha um salão grande e coberto e tinha o pátio que a gente fazia o recreio, e roda e essas coisas, depois fecharam o Inconfidente e a gente sentiu muita falta. Eles acabaram com o clube

¹⁵ Atualmente trabalha no prédio onde funcionava a escola na década de sessenta e setenta. Exerce a função de administradora de empresa e chefe administrativa do Hemominas, tem quarenta e nove anos e recorda com detalhes como era composto o prédio da escola.

não sei por que, depois venderam virou lote, construíram casa no local. E a gente ia para a porta da escola fazer as atividades, colocava tapetes quando estava mais frio carregava as cadeirinhas, eu ficava só na sala de aula para dar aula porque era muito apertado. (Violeta)

Ela também comenta sobre a falta de estrutura do prédio para abrigar as atividades físicas e outros acontecimentos no ambiente escolar que não podiam ser feitos dentro da sala de aula. No último trecho de sua fala, essa entrevistada recorda que as crianças iam para a parte da frente da escola, a fim de terem um espaço adequado onde pudessem desenvolver suas atividades. Como vimos na foto três, sobre a fachada da escola, o espaço não tinha grande dimensão, sendo um local improvisado pelas professoras.

O Jornal do Poste, em sua reportagem já citada sobre o *Novo Jardim de Infância*, procura expor a situação enfrentada pelos alunos no cotidiano escolar. Volta a falar que as instalações da escola não possuem qualidade suficiente para o aprendizado na Educação Infantil. A publicação tenta descrever, para o leitor, todas as dificuldades que a escola enfrenta, por causa da falta de estrutura:

O prédio pode servir para tudo, menos para abrigar os nossos filhos, que vivem lá como sardinhas em lata. Não comportando as crianças matriculadas, são estas levadas para as imediações do JARDIM, onde recebem aulas e fazem recreio, expostas ao frio, à poeira, e outros males decorrentes. O JARDIM não possui um pátio, nem instalação sanitária eficiente, utilizando as crianças vasos manuais, num desconforto sem limite e sem explicação. Como se não bastasse toda essa deficiência, todos esses pontos negativos, estamos verificando que nossos filhos não têm onde sentarem-se, ficando muito deles o tempo todo em pé, porque as cadeirinhas são insuficientes para o grande número de alunos. (Jornal do Poste, 12 de Agosto de 1962).

A publicação da matéria feita pelo Jornal do Poste apresenta, em seu conteúdo, apresenta as dificuldades enfrentadas pelo Jardim de Infância Bárbara Heliodora após a sua fundação. Além de argumentar a respeito da falta de espaço na estrutura física escolar para comportar os alunos adequadamente, ela retoma o assunto que também foi abordado na última memória citada pela professora Violeta, que pondera em relação ao fato das crianças terem que sair da escola para poder realizar atividades como educação física e recreio.

O jornal expressa claramente sua opinião de receio a propósito da saída dos alunos do prédio escolar, dizendo que as crianças podem sofrer com a exposição ao clima e ainda sugere a possibilidade de ocorrerem situações que, no interior da sala de aula, ou no espaço da escola, poderiam ser evitadas pelas professoras.

Outra questão importante que a matéria cita é sobre os problemas existentes nas instalações sanitárias do prédio do Jardim de Infância. A reportagem diz que, no momento em que está sendo criada, a escola ainda não possui sanitários para o uso dos alunos. Os pequenos são direcionados a fazer suas necessidades fisiológicas em vasos manuais, segundo o jornal, passando por um *desconforto sem limite e sem explicação*.

Quando questionada sobre a recordação que guardava da estrutura física do Jardim de Infância Bárbara Heliadora na época em que ali estudou, a ex-aluna com o nome fictício de Vênus¹⁶ relatou que pelo fato de pertencer à primeira turma, a escola encontrava-se, ainda, em fase de construção. Ela argumenta que, naquele momento, teve início a definição de como o Jardim de Infância ocuparia da melhor maneira possível as dependências do prédio.

Entretanto, sua observação sobre o prédio da escola não ficou restrita à pergunta relativa à estrutura do Jardim de Infância. Quando houve o questionamento sobre os momentos que julgava marcantes na sua história, dentro daquele ambiente escolar, ela informou que o fato que remete à estrutura física da escola, mais especificamente às condições sanitárias encontradas pelos alunos com a inauguração do estabelecimento de ensino foi o seguinte:

E uma coisa que me marcou muito sobre a estrutura da escola era o banheiro, é até gozado de falar hoje em dia, mais me lembro que no meu tempo o banheiro era um biombo assim, tipo um biombo para esconder dos outros alunos que olhavam, entre os bimbos ficava o pinico para gente urinar, disso eu nunca vou esquecer, era um biombo pequenininho que a gente ia fazer as nossas necessidades. (Vênus)

As condições sanitárias do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, em seus primórdios, não demonstram muita diferença em relação ao que foi relatado no capítulo anterior, onde são abordados os grupos escolares que deram origem à primeira escola exclusiva de Educação Infantil. Em ambos os casos, a utilização de vasos manuais está presente na trajetória das escolas e faz parte da memória dos ex-alunos entrevistados. O informante com o nome Terra¹⁷ também estava inserido nas primeiras classes de alunos matriculados no Jardim de Infância. Ele recorda um episódio ocorrido certa vez que precisou usar o banheiro:

¹⁶ Cinquenta e três anos, sua história na Educação Infantil nasce juntamente com o surgimento do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, fazendo parte do quadro de alunos das primeiras turmas da escola. Outra curiosidade é que sua irmã mais velha foi sua professora no Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Atualmente ela é aposentada e também possui um estabelecimento comercial no centro da cidade.

¹⁷ O entrevistado faz parte das primeiras turmas do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, hoje possui cinquenta e dois anos de idade. Atualmente exerce a função de advogado, tendo um escritório de advocacia na cidade.

lembro uma vez, a gente fazia uma fila enorme para ir ao banheiro, então lembro que estava apertado aí dessa vez que eu cortei a fila, logo que eu fui para frente da fila a professora viu e brigou muito comigo, nossa fiquei com muita vergonha, não gostava de ser chamado à atenção, porque além de eu naquele momento não conseguia esperar porque estava com vontade, quando você era o último da fila quando chegava a sua vez o piquinho já estava transbordando, aí ficava difícil. (Terra)

O uso dos vasos manuais não foi uma prática que perdurou nos dez primeiros anos de história da escola investigada. O relato sobre a inexistência de condições sanitárias para atender aos alunos de idade infantil é feito apenas pelos entrevistados que fizeram parte da formação das turmas inaugurais da escola, aproximadamente dois ou três anos.

Os ex-alunos entrevistados, Marte, Júpiter¹⁸ e Mercúrio, que estudaram no Jardim de Infância Bárbara Heliadora, mas que não pertencem ao grupo de crianças das primeiras turmas dessa escola, também foram questionados sobre a estrutura física do prédio e conseqüentemente, o que eles recordavam das condições sanitárias dessa instituição escolar. Esses três informantes, como os outros que estudaram no Jardim de Infância Bárbara Heliadora se lembraram da falta de espaço para abrigar tantos alunos. Argumentaram sobre as salas de aulas lotadas que chegavam a abrigar mais de trinta alunos, e sobre a necessidade deles saírem do prédio escolar para realizarem atividades que não podiam ser feitas na escola.

Sobre as condições sanitárias do Jardim de Infância, os três informantes deram respostas similares, embora não fossem condizentes com as dos outros entrevistados, pois estes afirmavam que, no começo, o uso de vasos manuais e de biombos era recorrente. A memória do ex-aluno Netuno¹⁹ sobre o assunto ilustra bem as mudanças que ocorrem na estrutura dessa escola:

quando eu cheguei à escola, eu deveria ter quatro ou cinco anos, ano de sessenta e seis, sessenta e sete, lembro que a escola estava passando por reformas, já que todo mundo reclamava que a escola estava caindo aos pedaços, e essa reforma acontecia junto com os alunos na escola, a gente acabava vendo tudo que estava sendo feito, lembro da construção dos banheiros e da construção de mais salas e de um pátio no fundo da escola, não sei como os alunos mais antigos faziam para

¹⁸ Estudou no Jardim de Infância Bárbara Heliadora já no final da década de sessenta e início de setenta. Com a fundação da escola completando dez anos, o informante já traz contribuições pertinentes sobre o desenvolvimento da instituição de ensino. Tem quarenta e dois anos de idade, é comerciante na cidade e sua esposa, já na década de noventa, foi professora da escola Bárbara Heliadora, onde estudaram também seus três filhos.

¹⁹ Ex-aluno que ao longo de seu aprendizado na Educação Infantil teve sua mãe como professora, sendo esta também entrevistada. Tem quarenta e cinco anos de idade, é engenheiro civil. Suas principais memórias são dos momentos em que sua mãe lecionava para ele no Jardim de Infância.

ir ao banheiro, mas na minha época já era normal, como é hoje.
(Netuno)

E as modificações, conforme declara o entrevistado, não acontecem apenas nas condições sanitárias da instituição de ensino. Sua estrutura física também está sendo transformada, para adequar o espaço do prédio às necessidades dos alunos.

Com a construção de mais salas e de um pátio no fundo da escola, o Jardim de Infância Bárbara Heliadora começava a apresentar a estrutura física que os ex-alunos e ex-professoras entrevistadas disseram que teria no início da década de sessenta. A informante Rosa afirma que, já em 1970, a escola possuía melhores condições de atender os alunos, *eles não passavam mais tanto frio e tinha lugar para o recreio e começou a ser servida a merenda da escola.* (Rosa)

A solução dos problemas do estabelecimento só ocorre verdadeiramente com a construção do prédio próprio da escola em 1996. Levas e levadas de crianças frequentam salas superlotadas e espaços coletivos insuficientes para o desenvolvimento dos projetos educativos idealizados para o Jardim de Infância. No entanto, também aparecem nas memórias das entrevistas momentos que marcaram as suas vidas.

CAPÍTULO 4- MEMÓRIAS DO JARDIM DE INFÂNCIA

Este capítulo traz elementos presentes no cotidiano do Jardim de Infância. Mais especificamente, lembranças descritas pelos entrevistados, que narram momentos vividos pelos sujeitos dentro da escola. Entre essas memórias vão aparecer fatos que foram relevantes somente para a vida de um determinado sujeito, eventos que são evidenciados de maneira singular, constituindo uma particularidade biográfica do entrevistado. Da mesma forma, encontramos outros acontecimentos que fizeram parte da história de todos os sujeitos dentro daquele ambiente escolar e por isso, irão aparecer em diversos depoimentos.

Num desses momentos que são atribuídos a todos os que passaram pela história da escola, encontra-se a entrega do diploma de formatura no Jardim de Infância Bárbara Heliadora aos alunos que deixariam essa escola e começariam a frequentar a primeira série do ensino primário. Por se tratar de um evento anual na trajetória do estabelecimento de ensino infantil, todos os sujeitos entrevistados guardam recordações desse momento, trazendo em seus relatos suas respectivas lembranças sobre a ocasião.

As recordações de fatos importantes que são pontuais na trajetória vivida por cada entrevistado na escola vão tratar de lembranças das ex-professoras com relação aos seus ex-alunos e de ex-alunos sobre suas passagens pela escola. Mesmo entendendo que cada lembrança é relatada de maneira individual, já que é o olhar do sujeito sobre determinado período, essas memórias são caracterizadas como singulares por informar um fato eventual ocorrido com o sujeito entrevistado, diferentemente de um acontecimento que já fazia parte do calendário da história da escola.

4.1- LEMBRANÇAS DE MOMENTOS DA ESCOLA

Começarei a resgatar essas memórias pela cerimônia de formatura que acontecia em todo final de ano, destinada aos alunos que deixariam a educação pré-escolar e passariam a frequentar as primeiras séries da educação primária. Desde o primeiro ano de fundação do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, esse acontecimento fez parte da história da escola.

O ato de entregar o diploma aos alunos do Jardim de Infância passou a ser um acontecimento de extrema relevância na construção da história do estabelecimento de

ensino. Em imagem extraída da festa de formatura da escola no ano de 1967, coletada no seu arquivo, pode ser observado como o auditório do teatro Municipal de São João del-Rei apresenta um público numeroso para aquele evento.

Ao descrever a imagem a seguir, observamos um grande número de alunos, percebemos que todos estão uniformizados, e por se tratar de uma ala predominantemente feminina, todas as alunas estão portando uma faixa nos cabelos. Não se pode afirmar que todas as crianças que aparecem na foto estão tendo formatura naquele dia, por isso a investigação não tem certeza de quantos alunos deixaram o Jardim de Infância Bárbara Heliadora nesse evento. A professora na foto está em destaque à frente dos alunos, e mais ao fundo, pode ser notada a presença de membros da sociedade que acompanham a data festiva.



(Foto 4-Entrega do Diploma. 1967.

Fonte: Arquivo do Jardim de Infância Bárbara Heliadora).

Sendo um acontecimento que permeou o cotidiano escolar por vários anos, percebemos pelo excerto a seguir, retirado do *Jornal do Poste*, publicado em dezembro

de 1972, que a festividade recebia grande atenção por parte da escola e de sua comunidade.

O “Jardim de Infância Bárbara Heliadora” sob a direção da dedicada professora Maria do Carmo Dilácio teve excelente apresentação quando da formatura de seus alunos, dia 05 do corrente, no Teatro Municipal. Completamente lotado de pais de alunos, autoridades e pessoas convidadas, o teatro foi pequeno para conter toda aquela imensa assistência que comparecera para prestigiar a valorosa escola. (Jornal do Poste, São João del-Rei, 07 de Dezembro, 1972.).

O pequeno trecho extraído da reportagem sobre a escola Bárbara Heliadora, de certa maneira, valoriza o trabalho que é desenvolvido pelos profissionais da Educação que têm seu ofício na instituição. Além de oferecer visibilidade ao trabalho desenvolvido pela escola, a apresentação pública celebra uma grande passagem na vida das crianças.

Mesmo sabendo que o jornal pode não apresentar uma imparcialidade sobre a ocasião, dando talvez mais ênfase ao fato do que o necessário, a informação que é importante entender desse registro é a presença de um público que se desloca até o teatro, mostrando-se interessado sobre o desenvolvimento da educação infantil que acontece no Jardim de Infância.

A entrevistada Tulipa relata que, ao longo dos anos que exerceu o ofício de professora na escola, esse evento era o mais aguardado por todos na instituição. Para ela, era um fato marcante não só em sua trajetória, mas na de todos os atores que passaram pela instituição de ensino:

A festa do diploma era linda, a festa era muito falada aqui em São João, eram festas assim maravilhosas, como te falei a diretora era muito exigente com tudo na escola, não só a merenda, mas as festas tinham que ser as melhores, fantasias para as festas não podia ser nada de papel, tinha que ser de pano e de coisa boa, ela era dessas assim muito exigentes, então as festas eram lindas muito faladas, nossa o Teatro Municipal não tinha lugar para tanta gente, de tão bonita que era a festa, ela não importava de gastar o que fosse ela queria uma senhora festa, todos adoravam. (Tulipa)

Como lembramos na memória da entrevistada Tulipa, a comemoração era algo que fazia parte do cotidiano dessa instituição de ensino e sua importância para a história da escola foi incomensurável. As solenidades tinham que ser preparadas pelos professores da melhor maneira possível, tudo nos mínimos detalhes para a elaboração da “senhora festa”. Ressaltamos que as memórias aqui narradas, ainda que sejam individuais, revelam, ao mesmo tempo, lembranças coletivas e também interpretações particularizadas. Não podem, portanto, ser tomadas como “verdades absolutas” sobre o

que narram: representam a percepção de quem narra ou ainda, os significados que atribuem ao que é narrado.

Ao pensar o significado desse evento para a sociedade, já que a presença de um grande público é relatada tanto na reportagem do Jornal do Poste como nas lembranças da professora. Guarinello (2001) afirma, em relação à importância dessas festas para o contexto social que:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (Guarinello, 2001, p.972).

O autor argumenta que o principal objetivo de uma comemoração festiva, em determinadas culturas, é reunir seus participantes, é dar às pessoas elementos que contribuam para que possam fazer parte de determinado grupo e conseqüentemente, obter sua entrada no meio de convivência social.

A existência de preocupação, por parte da diretora, em apresentar uma festa de boa qualidade justifica-se pelo papel que a escola tem perante a cidade, principalmente de aproximar a sociedade com a Educação Infantil, que é decorrente do estabelecimento escolar. Assim, esse tipo de comemoração realizada no final do ano letivo é analisado por Souza (1998) que afirma:

Como é possível notar, as festas escolares marcam ritos de passagem. No caso das festas de encerramento do ano letivo, essas foram instituídas com vistas a atrair a população à escola pública, tornando-se, com o tempo, um acontecimento público, uma solenidade oficial que reunia a comunidade, as famílias dos alunos, autoridades públicas, pessoas importantes da sociedade e a imprensa. (Souza, 1998, p. 25)

A autora aborda um assunto importante que deve ser destacado, relativo aos ritos de passagem que são características dessas festas de final de série. Essa prerrogativa deve ser levada em conta, no caso do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, já que os diplomas que entregavam aos alunos não tinham validade para o Estado, eram simplesmente simbólicos, marcando principalmente o término de um ciclo em suas vidas.

Segundo os relatos de três depoentes, Orquídea²⁰, Margarida e Rosa, o convite que as crianças levavam para casa, comunicando suas famílias sobre a festividade, era

²⁰ A informante é nascida na cidade de Resende Costa e veio com a família para a cidade de São João del-Rei ainda na infância. Tem hoje a idade de sessenta e oito anos, é aposentada e vende roupas e outros utensílios femininos no estabelecimento comercial que tem no centro do município. Trabalhou no Jardim

feito pelas professoras, sendo estas responsáveis pela configuração do desenho, pela pintura e a escrita do seu conteúdo. Isso acontecia por parte das professoras para todos os alunos da escola, um por um, até que todos recebessem. Segundo as memórias de Rosa sobre a confecção dos convites, *era muito trabalhoso, desenhar cada um, depois colorir, tanto que a gente começava bem antes do final do ano para dar tempo de acabar tudo certinho*. Abaixo, encontra-se o convite produzido para a entrega do diploma de 1962:



(Convite para a entrega do diploma. Fonte: arquivos do Jardim de Infância Bárbara Heliodora)

No anexo II desta dissertação, temos outro exemplar de convite feito pelas professoras do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, para a entrega dos diplomas dos alunos que aí se formaram no ano de 1969. Nesse convite já ocorre uma mudança em relação ao demonstrado anteriormente, referente ao ano de 1963. Trata-se da capa, onde

de Infância durante vinte e oito a trinta anos, exercendo não só a função de professora, mas também atuou no setor administrativo da escola, sendo que, durante alguns anos, desempenhou a função de vice-diretora.

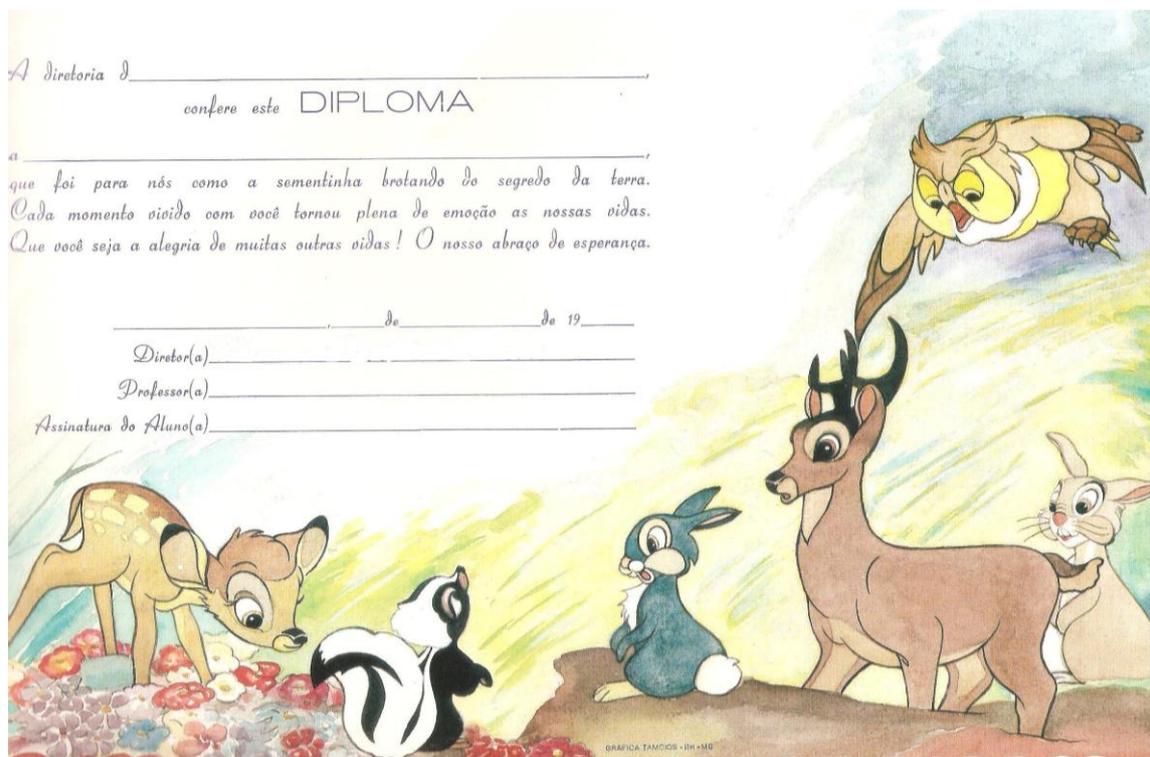
se vê somente um desenho feito pelas professoras. Diferente daquele mais antigo, que já mostrava o assunto do convite inscrito na capa, este apresenta seu tema na parte interna.

Abordando a temática da entrega do diploma pela percepção dos alunos, no decorrer de suas entrevistas, a maioria relatou que as lembranças que tinham do evento eram suscitadas mais pelo fato de suas famílias terem guardado fotos da ocasião, do que pela festa em si.

Ex-aluno do Jardim de Infância Bárbara Heliodora, Saturno recorda que *o ambiente da escola era muito festivo, sempre havia algumas comemorações ocorrendo na instituição, às vezes eram festas abertas ao público, como a entrega do diploma, o dia das mães, e outras datas, mas outras tantas vezes era na sala mesmo como dia do índio, aniversário de alguém.* (Saturno)

O próprio informante é um daqueles que atribui o fato de se lembrar da festa da entrega do diploma por causa de sua mãe, que fotografou aquele momento e, por algum tempo, a imagem ficou sendo exposta em um dos porta-retratos existentes em sua casa, foto que, segundo o entrevistado, acabou se perdendo durante alguma de suas mudanças de domicílio.

A imagem a seguir é um exemplar do diploma que era distribuído pelo Jardim de Infância Bárbara Heliodora aos seus alunos que terminavam o ensino infantil e deixariam a escola:



(Diploma do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, 1967.

Fonte: arquivos do Jardim de Infância Bárbara Heliadora)

No diploma consta um espaço específico para que se tenha a assinatura do aluno no documento. O estudo através da investigação realizada em torno dos documentos e dos personagens do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, observa que os alunos já aprendiam as primeiras letras, e também o nome da cidade, da escola e por isso entende que o local destinado a assinatura dos alunos eram preenchidos por eles.

Ainda em relação à entrega do diploma realizada pelo Jardim de Infância Bárbara Heliadora, o entrevistado, Netuno, ex-aluno dessa escola, fala primeiramente, de maneira geral, das festas que existiam na instituição de ensino e em seguida, recorda a importância de sua formatura para sua trajetória de vida:

Me lembro das festas que aconteciam na escola, lembro mais das preparações para as festas do que as festas em si, porque quando ia acontecer um teatrinho, ou algum desfile, algo que seria mostrado aos pais, a gente ficava ensaiando por mais de um mês, todo dia tinha que ensaiar um pouquinho, por isso eu me lembro mais dos meses que ficamos ensaiando porque eles duravam muito tempo enquanto as festas, apesar de ter várias fotografias que minha mãe tirou quando eu estava no jardim, as festas era apenas em um dia. Claro que tem festa como a da formatura que marca muito a gente, acho que por se tratar da despedida da escola, você sabe que vai para outra escola, os seus coleguinhas não vão ser mais os mesmos. (Netuno)

Nota-se que o ex-aluno tem a percepção que a entrega do diploma marca o fim de sua permanência no Jardim de Infância. O evento organizado pela escola torna o menino ciente de que, a partir desse momento, está preparado para seguir seus estudos em outra instituição de ensino e buscar seu desenvolvimento acadêmico. Outros alunos, ao longo de suas entrevistas, também chegaram a lembrar, como momento marcante em sua passagem por aquele ambiente escolar, a festa de formatura. Entretanto, suas memórias são de fatos que aconteceram individualmente com cada sujeito. Eles não se recordam da festa por completo.

Um exemplo disso é a aluna entrevistada, Vênus, que guarda em sua memória como foram os preparativos para a festa. Ela se recorda da forma que era vestida pela mãe para a ocasião e relata que se arrumava toda para tirar retrato na formatura, *minha mãe sempre me arrumou muito, então eu estou lembrando aqui que para tirar retrato de formatura eu fui com uma fita dourada que era da minha irmã Maria Alice, ela não queria que eu usasse de jeito nenhum, foi engraçado.* (Vênus).

A festa de final do ano ganhou tanta importância para a trajetória da escola, que além de contar com os alunos e professoras do Jardim da Infância Bárbara Heliadora, e a presença numerosa da sociedade, como já foi mencionado, incluía personalidades da cidade de São João del-Rei que eram convidadas a participar do evento pela direção da escola. Entre esses sujeitos convidados, de acordo com a correspondência existente nos arquivos do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, estão inseridos padres, políticos, representantes do comércio, médicos, advogados e pessoas ligadas ao ensino infantil.

Segundo os documentos armazenados pela escola, no segundo ano da história do Jardim de Infância, um desses sujeitos vinculados à Educação em Minas Gerais fez um discurso, no decorrer da festa de formatura, sobre a importância de se ter, na cidade, um estabelecimento de ensino como um Jardim de Infância. Sendo um representante da Secretaria de Educação de Minas Gerais, ele discorreu da seguinte maneira:

Recebendo a criança, no Jardim da Infância, afeto, aceitação por parte dos companheiros, sendo apreciada como parte do grupo, reconhecida como indivíduo que tem interesse, habilidades, recursos pessoais, tendo oportunidade de partilhar experiências e pertences, respeitar ver respeitada sua opinião e a dos colegas e também os direitos, oportunidade de pensar por si, de ver satisfeita sua curiosidade, avaliar seu próprio trabalho, esta criança, vai ganhando uma personalidade sadia.

Uma cidade, onde funciona um Jardim da Infância, dá prova concreta de seu adiantamento, de grau de compreensão de seus governantes, de seu povo também.

Hoje mais do que ontem as pessoas adultas estão se mostrando mais convictas do valor, do preparo da criança, antes da idade escolar.

(Discurso atribuído ao representante da Secretaria de Educação de Minas Gerais, o senhor Dr. M. Vergueiro, em 29/11/1963).

O intuito não é analisar a composição política por trás desse ato, apenas proporcionar, ao leitor, maior familiarização com o cenário político e observar a importância que um órgão do Estado, como a Secretaria de Educação, dizia atribuir à Educação Infantil no município naquele período.

No discurso aparecem as contribuições que o Jardim de Infância oferece à formação do aluno. Aparece a idéia de desenvolvimento interpessoal “promotor de uma personalidade sadia” como o requisito mais importante para o preparo da criança, o que envolve competências sociocognitivas como: *ver, e observar, ouvir atentamente, trabalhar em grupo, fazer planejamento, respeitar regulamento escolar, expressar-se livremente através da arte e da linguagem oral, manifestar independência, reconhecer e resolver seus próprios problemas.*²¹

²¹ O discurso completo, transcrito na íntegra do senhor Dr. M. Vergueiro realizado no dia de comemoração da formatura dos alunos no ano de 1963 está contido na dissertação no anexo III

A concepção de Educação no Jardim de Infância, apresentada pelo orador, está de acordo com o que dizem as publicações das pioneiras da Educação Infantil, apresentadas anteriormente nesta dissertação, ao enfatizarem a importância do desenvolvimento psicológico da criança como sendo o objetivo maior do jardim da infância. Desse modo, um ambiente sadio deve ser proporcionado pela escola, e os adultos da cidade mostram compreensão disso ao dar às crianças uma Educação Infantil.

4.2- OS ALUNOS RECORDADOS PELAS PROFESSORAS

Entretanto, não só de eventos maiores, que contavam com a participação de todos na escola e do comparecimento do público, como a entrega do diploma, foi constituída a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. Mas também, de alguns acontecimentos pontuais, tendo sido lembrados apenas por alguns sujeitos, por marcarem suas trajetórias no estabelecimento. Lá eles viveram momentos que podem ser considerados significativos, por apresentarem algo de diferente que marcou sua experiência no tempo que estiveram na escola.

Dentre esses momentos ressaltados pelos informantes, abordamos os fatos que compareceram em seus relatos, no que diz respeito às relações das educadoras entre si e com seus alunos; dos alunos entre si e com as educadoras.

No primeiro caso, a personagem que está inserida na história é a professora Orquídea. Ao recordar os anos que lecionou no Jardim de Infância, lembrou-se de uma aluna que teve, no início da década de 1970, não lembrando ao certo a data precisa que a jovem estudante esteve em sua sala de aula; mas, era uma aluna que lhe chamou muita atenção, devido as suas atitudes perante seus colegas de turma, às professoras, a todos da escola. A professora lembra-se do caso contado da seguinte maneira:

eu tinha uma aluna, pequenininha, bonitinha, mas que não conversava, não falava nada, ela era sempre quieta tanto comigo quanto com os amiguinhos dela, mas ela dançava, brincava, fazia de tudo, mas eu nunca ouvia a voz dela, sempre em silêncio, aí eu fiquei intrigada na época, pensei por que ela não fala, chamei a mãe na escola e a mãe me disse que em casa ela era normal, conversava, falava, não sabia por que na escola ela estava agindo diferente, a mãe ficou até um pouco espantada porque a aluna chegava em casa sempre contando muitas novidades para ela. (Orquídea)

Nesse caso, o fator marcante para a professora, que diferenciou essa aluna dos demais, foi não compreender o motivo que levava a estudante a permanecer em silêncio durante todo o tempo em que estava frequentando a escola, sem conseguir se comunicar

com as demais pessoas, já que houve várias tentativas de se aproximar da criança. Não só a professora tentava estabelecer um diálogo com ela, mas esse papel também coube à diretora, às outras professoras, às serventes da escola.

O anseio de deixar a aluna à vontade para poder agir naturalmente era tanto que, em algumas ocasiões, a diretora mandava preparar uma merenda especial, com os alimentos que a mãe afirmava serem de sua preferência, atitude que não tinha nenhum efeito sobre a criança, ela permanecia em silêncio. A menina se formou no Jardim de Infância e foi para outra instituição de ensino, e a professora não conseguiu resolver e nem entender o que acontecia com aquela aluna.

Após muitos anos da passagem da aluna pelo Jardim de Infância Bárbara Heliadora, a professora Orquídea, por acaso, quando caminhava no centro de São João del-Rei, encontrou a sua antiga aluna e fez questão de perguntar para a estudante o que se passava com ela naquele período:

Vem cá e conversa comigo um pouco porque eu quero ouvir a sua voz, sempre queria conversar com você, porque eu fiquei tão impressionada com o seu caso, porque criança não é assim, criança por mais tímida que seja, elas brincam, conversam, sempre as crianças falam bastante, tem muita curiosidade, muitas perguntas. Normalmente quando as crianças entram no início do ano é uma coisa, e no final do ano já é outra, entra quietinha desconfiada, demora um pouco para enturmar, depois elas saem no final do ano e estão impossíveis. (Orquídea)

A professora que deu aula para crianças de quatro e cinco anos ficou realmente interessada em saber o que acontecia com essa aluna quando estava estudando no Jardim de Infância. Em sua memória, deixa transparecer que o natural seria a aluna ter outro comportamento perante as pessoas da escola, e o fato de permanecer em silêncio era um algo que impressionava sua ex-professora.

Em relação à pergunta da professora Orquídea sobre o comportamento da ex-aluna, manifestado durante o período em que esteve no Jardim de Infância, a resposta foi que ela (aluna) não se lembrava muito bem dos anos de Educação Infantil, e não tinha recordação de ser muito quieta durante a passagem pela escola. A única coisa que sabia é que, quando criança, era muito tímida, o que talvez fosse um argumento para explicar aquela situação ocorrida na escola Bárbara Heliadora.

O segundo caso envolvendo uma professora do Jardim de Infância aconteceu com a entrevistada Rosa, quando lecionava para os alunos pertencentes ao terceiro período infantil, o último ano do Jardim de Infância. A informante relembra que o fato deve ter se passado por volta do final da década de 1960 e naquele tempo, a sala de aula

na qual trabalhava estava com um número muito grande de alunos, chegando à média de trinta e cinco, ou mais alunos para ensinar.

Em meio a essa quantidade de alunos, uma menina se destacou e sua atitude em determinadas situações fez com que passasse a ser uma criança importante ao longo da trajetória da professora. A entrevistada observa que deu aula para essa aluna apenas no último ano em que ela permaneceu na escola. Diz, também, que não sabia afirmar como era seu comportamento com as demais professoras, mas que estas nunca reclamaram dela.

O que era diferenciado na conduta da aluna, conforme declara Rosa, que até a fez repensar sua prática, acontecia quando, por algum motivo, corrigia o procedimento da menina na sala de aula. Rosa relembra que:

Nossa me lembro dessa aluna como se fosse hoje, ela era normal como as outras crianças, brincava, falava bastante, ia sempre limpinha para a escola, então eu tratava ela como as demais crianças, só que logo no começo do ano percebi que quando eu brigava com ela porque ela tava fazendo bagunça, ela fazia uma cara de dor, se fechava, ficava quase a semana inteira sem falar nada com ninguém, nesse sentido ela era muito diferente das outras crianças, porque criança você já viu né, você chama atenção e depois de cinco minutos parece que não falou nada, acho que é da idade. (Rosa)

Provavelmente a aluna não gostasse que lhe chamassem a atenção publicamente. A situação a deixava muito ameaçada e ela se fechava para a interação com os outros. A professora tolhia a expressividade da menina ao “brigar com ela”, como fazia com outras crianças.

Esse fato teve conseqüências também no comportamento da professora naquele ambiente de sala de aula. Logo, ela não sabia qual postura deveria tomar frente àquela criança e recorda que, deixar a aluna fazer tudo que tinha vontade não poderia, porque não só iria atrapalhar o aprendizado dela como o andamento da classe como um todo. Esse episódio mostra que a formação da professora acontece com o auxílio da prática, uma situação inesperada causa em seu ofício uma lacuna de como agir perante o caso.

Em suas memórias, Rosa relembra que tentou conversar com outras professoras para ver como deveria proceder em relação à aluna, e também, em conversa informal, pediu conselhos para a diretora da época, e todas as recomendações que diz ter recebido foram para tratar a criança da mesma forma como tratava os outros alunos. Esse era um fato que a entrevistada ressalta ter-lhe incomodado naquele ano que lecionava na escola. A aluna ter um comportamento diferente do esperado era algo que lhe intrigava enquanto professora.

Depois de alguns meses de aula, com o tratamento dispensado à criança sendo igual ao do resto da turma, faltando pouco para terminar o primeiro semestre letivo, ocorreu um fato que marcou a experiência dessa professora. De acordo com suas palavras, sucedeu da seguinte maneira:

Em um dia normal de aula, a gente tava fazendo trabalhinho para encerrar o semestre e sair de férias do meio do ano, e a sala tava animada, acho que eles também estavam querendo férias, foi quando eu pedi para ficar em silêncio, e depois falei para essa aluna para ela ficar quietinha, acho que ela não gostou, a menina começou a mudar de cor, começou a ficar muito vermelha, eu senti que ela não tava bem, ela tava passando mal, aí perguntei para ela o que ela tinha, e ela não me respondia, lembro que fiquei extremamente preocupada porque não sabia o que fazer, a menina ficou tão mal que desmaiou aí que eu desesperei e chamei a diretora, logo ela chamou um médico que morava ali do lado e veio assim coisa de cinco minutos, aí com o médico ela acordou e depois levaram ela para o hospital, nossa fiquei apavorada. (Rosa)

Pelo depoimento da professora, percebemos que o mal-estar da aluna a abalou. A professora relembra que ficou nervosa devido a não saber como proceder naquele momento e com receio que alguma coisa mais grave pudesse acontecer a sua aluna.

Rosa recorda que só não foi para o hospital com a menina porque a diretora disse que iria junto com o médico que fez o transporte da aluna até o hospital, e pediu para que ela ficasse tomando conta de sua sala de aula, pois, àquela hora não tinha outra professora para isso. A professora lembra que, *não consegui dar mais aula naquele dia fiquei muito nervosa, até que a diretora voltou para a escola e disse que estava tudo bem. Quando a diretora voltou para a escola informou que a aluna já estava em casa, que os pais dela haviam levado ela do hospital, que nada tinha acontecido nada de pior e o médico tinha dito que era apenas um mal estar e que poderia acontecer.* (Rosa)

Como estava perto do encerramento do primeiro semestre letivo, a aluna só voltou para a sala de aula depois do período de recesso escolar. Nessa ocasião, houve uma reunião com os pais dos alunos, para fechamento das atividades. Foi nesse momento, que a professora Rosa conheceu a mãe da aluna que proporcionou a situação relatada anteriormente. De acordo com a entrevistada, a mãe da aluna perguntou o que havia acontecido com a filha naquele dia, e sua resposta foi que *eu apenas chamei a atenção dela, não sei por que ela ficou daquele jeito.* (Rosa)

Rosa ouviu dessa mãe que isso nunca ocorrera em sua casa, sendo para ela própria uma situação nova que a levaria a ter uma conversa com a filha quando retornasse a sua casa, para entender os motivos da criança ficar tão alterada em determinados momentos.

A professora entrevistada não teve mais contato com a mãe da aluna e por isso, não teve notícia sobre as providências que foram tomadas para ajudar no desenvolvimento da criança. Entretanto, Rosa declara que, a partir do início do segundo semestre daquele ano, sua aluna²² *estava completamente diferente, estava mais alegre, mais enturmada com as outras crianças, e não tinha mais nenhum problema em ser chamada a atenção, nem ligava, foi uma mudança e tanto.* (Rosa)

No terceiro caso apresentado sobre as memórias dos sujeitos que ajudaram a construir a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, uma ex-aluna²³ da escola recorda um momento ocorrido durante sua passagem pela Educação Infantil.

Durante sua entrevista, a aluna Marte, argumentou, diversas vezes, que lembrar de um período que há muito tempo havia se perdido em sua memória era uma tarefa complicada, pois, isso se passara há quase cinquenta anos, e recordar aquele tempo vivido no Jardim de Infância Bárbara Heliadora não era possível.

No desenrolar da entrevista, essa informante utiliza-se do mesmo contexto para dizer que não se lembrava de quase nada. Após algumas perguntas, e com o passar do tempo, Marte começou a se sentir mais à vontade, chegando a dizer por que não se lembrava muito bem daquele período:

Desculpe não ajudar muito a sua pesquisa, é que esse período eu meio que bloqueie além de se passar muitos anos, me lembro que foi quando eu estava no jardim de infância que meu pai faleceu, ele ficou doente, com câncer, e logo depois chegou a falecer então me lembro que fiquei muito triste, então pensar o jardim é querer lembrar-se de um momento triste. (Marte)

Para ela, a lembrança do seu tempo de estudos no Jardim de Infância Bárbara Heliadora está associada a um momento de tristeza de sua vida pessoal. Daí a dificuldade em recordar tudo que havia vivido naquele ambiente escolar. E de certa forma, o falecimento de seu pai influenciou em seu comportamento dentro da escola e no comportamento das pessoas em relação a ela. Marte relembra que, àquela época, tão logo retornou à escola, sua professora (a entrevistada Tulipa) veio conversar a respeito do que lhe ocorrera. A ex-aluna diz lembrar-se de suas palavras *falando que eu tinha*

²² O estudo procurou a aluna que faz parte desse momento abordado da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, com o intuito de observar quais lembranças tinha da escola e para entender o que para ela era ter passado por essa situação em sua trajetória na Educação Infantil. Entretanto, não foi possível estabelecer essa relação já que sua família não reside mais na cidade de São João del-Rei desde a década de oitenta e nenhum dos informantes mantivera contato com a aluna.

²³ A aluna que ofereceu essa lembrança para o estudo foi a denominada Marte, que, como mencionando anteriormente, cedeu sua entrevista no local onde trabalha atualmente, Hemominas, que funciona no antigo prédio pertencente ao Jardim de Infância Bárbara Heliadora, até meados da década de 1990.

que ser forte, que o meu pai estava no céu, e do que eu precisasse podia falar com ela. (Marte). O suporte afetivo não foi só por parte da professora, pois, as crianças da sala também compreendiam o que tinha acontecido e apoiavam sua volta à escola. Marte traz na memória que *meus colegas de sala fizeram cartões na aula de desenho com o objetivo de melhorar o meu retorno à sala de aula.* (Marte)

4.3- ALGUMAS ATIVIDADES DO JARDIM DA INFÂNCIA

As atividades desenvolvidas no Jardim de Infância correspondem àquilo que era prescrito pelos manuais da época investigados? Sendo que em todas as obras pesquisadas aparecem as mesmas propostas de atividades, tais como canto, teatro de fantoches, desenho, brincadeira, jogos, etc. O que mais diferencia uma proposta da outra diz mais respeito à relação dos adultos com as crianças e delas entre si, de modo que o ambiente relacional do Jardim de Infância e a postura de cada professora com seus alunos se tornam o divisor de águas nas propostas pedagógicas. Os objetivos atribuídos, pelas autoras, ao Jardim de Infância auxiliam na compreensão da concepção de criança e de Educação das propostas pedagógicas estudadas, o que será apresentado brevemente para, em seguida, trazermos algumas informações sobre as atividades desenvolvidas no Jardim de Infância Bárbara Heliodora.

Já no início da década de 1950, Gill (1950) apresenta uma concepção para orientar as atividades dos alunos do Jardim de Infância. A autora argumenta que, para a criança ter um desenvolvimento pleno, devem ser considerados três aspectos: *físico, moral e intelectual, de tal forma que, educando os sentidos e o físico em geral, socializando-se adequadamente e adquirindo conhecimentos úteis, através de atividades livres o aluno terá um desenvolvimento harmonioso;* (Gill, 1950, p.11).

Sendo assim, o que o Jardim de Infância deveria buscar é o desenvolvimento harmonioso do aluno. Nina (1957), representante do DNCR, nomeia de outra maneira o desenvolvimento da criança, na medida em que apresenta uma preocupação maior com a saúde física e mental no interior de uma concepção de desenvolvimento integral:

Para conseguir a "formação integral" da criança se deve:- estimular a saúde e o crescimento físico – encorajar o desenvolvimento mental – firmar o desenvolvimento moral – encaminhar o desenvolvimento cívico – guiar a visão espiritual da vida – desabrochar a apreciação e capacidade estética, artística – orientar a personalidade e o desenvolvimento social – estabelecer o equilíbrio emocional. (Nina, 1957, p.11.)

Marinho (1952) defende que não é possível, para as professoras, estabelecerem um programa rígido de atividades na Educação Infantil, já que trabalhar a questão do tempo que cada atividade necessita para ser executada é algo complicado. A autora argumenta que:

A educação pré-primária não permite indicar matérias a serem cumpridas em tempo determinado. Não é possível demarcar programas rígidos, essencialmente diferentes para os três períodos do jardim de infância. Dentro das mesmas idades cronológicas de quatro, cinco e seis anos, são infinitas as diferenças individuais. Experiências variadas que a própria criança adapta ao nível de sua maturidade constituem o fundamento da educação. (Marinho, 1952, p.44)

Marinho ainda escreve que as atividades propostas no Jardim de Infância são para formar *os hábitos fundamentais da vida, como ordem, limpeza, polidez e tantas outras qualidades que nos ajudam a viver e requerem aprendizagem*. (Marinho, 1952, p.22.). Reconhecendo as diferenças individuais, caberia à Educação Infantil oferecer às crianças a formação de competências necessárias ao convívio social.

Abi-Sáber (1963), com seu livro *O que é o Jardim de Infância*, refere-se às atividades que devem ser desenvolvidas com os alunos desse nível de Educação. A autora evidencia a preocupação com a oferta de uma educação capaz de possibilitar aos alunos o seu contínuo desenvolvimento, tanto educacional como social. Para a autora:

no Jardim não se tem a finalidade de ensinar às crianças tudo que elas precisam saber, mas ao contrário, procura-se dar-lhes oportunidades de adquirir certas habilidades específicas que lhes permitam assumir as atitudes convenientes ao cidadão educado, de acordo com as normas democráticas e cristãs. (...) Isto significa que a etapa final do Jardim deve ser a formação de boas atitudes. (Abi-Sáber, 1963, p.17/18.)

Abi-Sáber ao concluir que o Jardim de Infância deve formar um aluno com boas atitudes está se referindo a alunos capazes de se relacionar de maneira educada não apenas com seus colegas de turma, mais com a sociedade em sua volta.

O que pode ser entendido até o momento é que todas essas autoras que são citadas em seus manuais escritos na década de cinquenta e sessenta, consideram importante o desenvolvimento da criança. A diferença mais marcante entre elas remete ao nível de diretividade do adulto, existindo uma dualidade em valorizar mais as especificidades dos alunos ou a sua inserção dele na sociedade.

Marinho poderia ser considerada representante de uma abordagem menos diretiva, de modo a valorizar mais as diferenças individuais entre as crianças. Abi-Sáber, em uma perspectiva diretiva, valoriza mais a socialização da criança, no ponto de vista da formação de sujeitos democráticos e cristãos. Com um maior acento na

socialização religiosa, a autora mais explicitamente defende a formação de uma criança em relação a um futuro: o saber viver na sociedade democrática. Ambas com o mesmo objetivo, mas com posturas pedagógicas diferentes.

Quais eram os objetivos do Jardim de Infância é o tipo de informação que não se identifica com facilidade na fala dos entrevistados. O que é possível saber é se a escola alfabetizava ou não e se eles se lembram de atividades ligadas à leitura e à escrita.

O que pudemos detectar, em diferentes falas, é o papel ocupado pelas datas festivas no projeto educativo. Uma parte expressiva das atividades cotidianas aparecia ligada a tais datas (músicas, teatros de fantoches, desenhos, apresentações públicas, etc.). Isso pode ser observado na fala da informante Rosa, pois ela lembra que nos primeiros dez anos da escola havia:

A hora da biblioteca tinha fantoche, tinha canto também, o que a gente dava muito na escola era as datas históricas, datas do calendário, por exemplo, o dia do Índio, Sete de Setembro, Dia da Bandeira, então a gente ficava uma semana ou duas, tinha o dia da Criança, então a gente ficava uma ou duas semanas, falando sobre isso, depois tinha um teatrinho referente ao assunto, então eles sabiam bastante dessas datas cívicas, mas essas datas assim mais conhecidas era isso que a gente ensinava. (Rosa)

É importante entender que, nesse contexto, os fatos históricos são utilizados na aprendizagem dos alunos como suporte para a introdução do conteúdo, sendo que esse teor pode ser relativo à cidadania, à melhoria na saúde, respeito ao próximo, entre outros assuntos.

Uma recordação que apareceu com frequência nas palavras dos ex-alunos entrevistados foi referente àquilo que era ensinado pelas suas professoras no período que estudaram na Educação Infantil. As lembranças giram em torno questão de se saber se, naquele tempo, os alunos de ensino pré-primário já saíam preparados com conteúdos pedagógicos para o ingresso na primeira série. Um exemplo disso seria o ato de aprender a ler e escrever. A entrevistada Mercúrio, que estudou nas classes pré-primárias anexas às escolas primárias, lembra que, no seu período de Jardim de Infância, acontecia da seguinte maneira:

não tinha nada de alfabetização, nada assim era só letramento, nada de alfabetização normal, a única coisa que a gente aprendia escrever era Grupo Escolar Maria Teresa, meu nome completo (...), e São João Del Rei que é o nome da cidade, essas eram em termos de letras que a gente treinava de fichinha, não tinha nada de alfabeto absolutamente nada, eu de fato aprendi a ler na 1º Série primária, mas nem por isso deixava de ouvir histórias, deixava de colorir, deixava de fazer muita coordenação motora (Mercúrio)

Sobre as atividades que eram propostas pelas professoras, ela se recorda daquelas que estimulavam sua coordenação motora, e deixa claro que sua alfabetização só aconteceu na primeira série, entretanto, afirma já começar a escrever as primeiras palavras.

Júpiter estudou na escola Bárbara Heliodora no início da década de 1970, e da mesma forma que a entrevistada anterior, recorda-se de ter aprendido a ler somente na primeira série. Sobre o assunto relata que:

ler certinho, a ler tudo acho que não, mas me lembro de levar o caderninho para a escola e começar a aprender as primeiras letras, acho que a intenção das professoras era mesmo preparar os alunos para a primeira série, é claro que tem alguns que já saem do jardim sabendo ler e escrever, muito também porque tem a ajuda dos pais em casa, no meu caso acho que saí do jardim já sabendo alguma coisa e fui acabar de aprender na primeira série. (Júpiter)

Júpiter aborda que o intuito das professoras, no Jardim de Infância, era preparar o aluno para desempenhar as atividades pertinentes à primeira série. Outra informação importante é que, entre os alunos, existem aqueles que conseguem sair da Educação Infantil lendo e escrevendo. Essa situação aconteceu com o entrevistado Netuno, que diz ter aprendido a ler quando estava no Jardim de Infância Bárbara Heliodora. Ele afirma que: *como eu disse, eu acabei saindo lendo e escrevendo, mas não era o objetivo principal acho que ensinar a ler e escrever, isso os alunos iriam aprender mesmo na primeira série.* (Netuno)

Mesmo não sendo o objetivo principal das professoras, o ato de ensinar rudimentos de leitura e escrita participava da proposta pedagógica. Outros alunos ao recordarem o que aprendiam ao longo de suas trajetórias no Jardim de Infância, conseguem se lembrar de terem conhecimento do alfabeto e conseqüentemente, da leitura e da escrita de algumas palavras. Marte que fez os três anos de Educação Infantil na década de 1960, na escola, recorda que:

Já, já sim a gente já aprendia, mas era aquela coisa informal, não me lembro certinho de como é hoje não, me lembro que no terceiro período antes de irmos para a primeira série já tinha a cartilha da Lili, isso eu me lembro direitinho, era assim, por exemplo, que estava escrita na cartilha: Olha para mim eu me chamo Lili, disso eu me lembro direitinho, nesse momento a gente já estava sendo alfabetizada, então eu fiz três períodos na Bárbara Heliodora, três períodos do Jardim de Infância e no último já começavam mesmo a ensinar as primeiras letras. (Marte)

Isso nos indica que, provavelmente na década de 1960, o terceiro período já implicava em uma antecipação da alfabetização. Júpiter, em sua passagem citada anteriormente, tem lembranças de levar um caderno para a escola, com o intuito de nele

escrever as primeiras letras. Marte vai além, e argumenta sobre o uso de uma cartilha para a alfabetização dos alunos sendo aplicada no terceiro ano do Jardim de Infância. Porém, a entrevistada não tem posse desse material, e o mesmo não foi encontrado nos arquivos da escola.

Outro ex-aluno entrevistado, Terra, também afirma ter em suas lembranças o conteúdo que era ensinado na Educação Infantil. Ele estudou três anos no Jardim de Infância Bárbara Heliodora e recorda que o conhecimento do alfabeto fazia parte do aprendizado dos alunos:

se me lembro bem acho que sim a gente já começava sim, pelo menos acho que conhecer o abecedário, a gente falava que as letrinhas quando se juntavam era as letrinhas de mãozinha dada, acho que essas coisas a gente já aprendia sim, claro tinha muitos desenhos, recortes, bastante coisas para amadurecer a coordenação, mas acho que já tinha pelo menos as primeiras letras, não lembro se a gente já saía lendo ou escrevendo, mas me lembro de aprender as letras. (Terra)

Essas são as lembranças dos ex-alunos sobre o conteúdo aprendido na Educação Infantil. Contudo, é importante resgatar as palavras daquelas que, no período pesquisado, estavam ministrando esse conhecimento aos alunos. Assim, quando foram questionadas em relação ao que ensinavam no decorrer de suas aulas, as ex-professoras entrevistadas falam de suas experiências. Orquídea, uma das entrevistadas, lembra que, dentro de seu ambiente de trabalho ensinava:

No dia a dia a gente ensinava tudo, tudo que podia ensinar, ensinávamos coordenação motora, a parte religiosa, a parte criativa, tudo, tudo mesmo. Não tinha uma professora específica para cada matéria não, depois que começou a ter um contador de história, também tinha que ter um bibliotecário, que eu fui por um bom tempo, então minha função também era contar histórias, ia a todas as salas e tinha que contar teatrinhos em todas as salas, só não me lembro qual o ano de fundação da biblioteca, tinha muito fantoche, muita recreação, mas assim a professora de cada sala que ministrava isso, pintura, desenho, no último período começava de fato a ensinar a ler e a escrever. (Orquídea)

Em seu depoimento, fala de ensinar a ler e a escrever já no Jardim de Infância, mas, também conta outros aspectos que eram desenvolvidos com as crianças, como os momentos lúdicos proporcionados pelos teatros que eram encenados pelas professoras, e os bonecos de fantoches que estas passavam por todas as salas de aula.

Outra questão importante levantada por Abi-Sáber (1967) é sobre o ambiente da sala de aula, que deve ser o mais calmo possível, e deve ser um facilitador para o aprendizado das crianças. A entrevistada Tulipa, que lecionou por muitos anos para alunos de seis anos na escola Bárbara Heliodora, quando perguntada sobre como era o ambiente de sua sala de aula, responde:

A minha sala era toda cheia de desenho. Toda sexta-feira, era dia de desenho, então toda semana eu trocava os desenhos dos alunos e ia guardando o que eu tirava para entregar à mãe no final do ano, na minha sala não tinha lugar marcado, porque tinha aluno que tinha mais amizade com outro aluno, aí eu deixava ela escolher, para que a criança não tivesse problema, eu só separava quando tinha muita conversa, mas não adiantava muito, porque sempre foram turmas muito unidas, acabava que todos os alunos tinham amizade entre eles. (Tulipa)

A prática de ambientar a sala de aula com materiais produzidos pelos próprios alunos, e ainda deixar livre para que eles mesmos escolhessem o local mais adequado de sentar na classe, são artifícios usados pela professora para promover *uma sala de aula tranqüila e atraente, onde se possam realizar, as diversas atividades* (Abi-Sáber, 1967, p.24) atribuídas à Educação Infantil. A autora argumenta sobre artifícios que levaram a professora ter um controle maior sobre seus alunos, mesmo sabendo que uma sala extremamente tranqüila como crianças que variam de 4 a 6 anos é uma tarefa um tanto árdua.

Ao concluir sobre o que era ensinado dentro das salas de aulas do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, a entrevistada Tulipa comenta que a convivência diária com os alunos podia ocasionar, nas professoras, sentimentos diversos como, momentos de felicidade, por algo ter saído da maneira que tinha sido planejado, e outras ocasiões de reflexões em relação à atividade proposta para os alunos que não atingiram o objetivo esperado:

eu sempre me preocupei muito com a matéria que ia dar para os meus alunos, sabia que eles dependiam de mim para aprender, e se eu falasse qualquer coisa errada, eles iam aprender errado, então sempre preparei minhas aulas com muita vontade, então minhas aulas tinha de tudo, desde tarefa para coordenação até matérias mais avançadas, quando a sala é sua você percebe que as crianças podem aprender mais do que o básico, por isso eu ia com meus alunos sempre um pouco mais com a matéria, mas tinha aquelas turmas que não conseguiam aprender, aí eu ficava desanimada e tentava de outra forma ensinar, mas não adiantava, querendo ou não a gente acaba achando que a culpa é nossa. (Tulipa)

Ao se resgatar a fala dos informantes sobre o conteúdo que era ensinado no Jardim de Infância, aparecem, com frequência, os exercícios atribuídos ao desenvolvimento da coordenação motora do aluno. Atividades como recortar, desenhar, colorir, são as mais citadas pelos informantes. Isso se deve ao fato das professoras buscarem preparar seus alunos para estágios superiores de escolarização. Percebemos, pelos depoimentos dos informantes, que esse treinamento para a continuidade nos

estudos vem conjuntamente com o início da alfabetização dos alunos e de certa maneira, não deixa de ser uma forma de preparar os alunos para a primeira série.

4.4- OS EX-ALUNOS E SUAS LEMBRANÇAS DOS COLEGAS DE TURMA

Nos relatos dos ex-alunos entrevistados, entre as lembranças do tempo em que frequentaram o Jardim de Infância Bárbara Heliodora, as que mais se destacam são aquelas ligadas aos momentos de convivência com os colegas que estiveram na sala de aula junto com eles. Na relação que cada aluno estabelecia com o seu colega de turma, poderiam acontecer fatos que só seriam registrados pelos próprios envolvidos. Mesmo estando essas memórias situadas no campo individual, são momentos que contribuem para a investigação da história da escola.

A ex-aluna Mercúrio, quando recorda de uma amiga que estudou com ela ainda nas classes pré-primárias do Grupo Escolar João dos Santos e depois foi sua companheira de colégio, em idades mais avançadas, fala de um momento que marcou sua trajetória na escola. A entrevistada chama o episódio de *1º chiclete da minha vida*, fato que ocorreu no final da década de cinquenta:

outra memória que eu acho genial é do 1º chiclete da minha vida que é memória da escola, sabe por que uma amiga minha ganhou chiclete de alguém que trouxe do Rio para ela, o mesmo chiclete andou na boca de todas as meninas, cada uma ficava um pouquinho. A gente pedia para ir ao banheiro que era para trocar de chiclete (...) nem podia fazer barulho, e era chiclete de bola (...) nem podia fazer bola direito, então foram muitos micróbios isso foi um negócio muito legal porque essa menina, essa colega (...) ela era muito despojada, a tia dela também era professora lá nessa escola, então ela tinha um pouco de regalia por conta da tia, e ela era muito animada, muito bonita. (Mercúrio.)

Mercúrio conta a história do chiclete, trazendo em sua fala de adulta a maneira que percebia sua amiga naquele tempo de criança, como uma aluna *despojada*. Isso também acontece com a maioria dos ex-alunos entrevistados, ou seja, eles se lembram de algum momento singular vivido no passado da escola.

A importância da relação com os pares aparece explicitada no livro de Nina (1957). Ao falar das escolas maternas e dos jardins de infância, a autora argumenta que a maioria dos conhecimentos obtidos pelas crianças está envolta com a *aprendizagem do viver feliz, equilibrada e utilmente*. Para ela, uma das finalidades do Jardim de Infância é ter amigos, já que os alunos apresentam uma curiosidade sobre todos que estão a sua volta:

Isto, talvez, seja o que de mais importante a criança possa aprender no jardim de infância. Há mesmo, quem diga ser uma das finalidades do jardim de infância “o fazer amigos e influenciar as pessoas”. É esse

interesse que as crianças manifestam pelo que as cerca, e o desejo de obter informações sobre qualquer assunto. O jardim de infância proporciona, por isso, atividades, que lhes facilitem esses objetivos. (Nina, 1957, p.106.)

Aquilo que Nina teorizou é a coisa de maior valor para os alunos entrevistados, pois, a relação com os pares é o que mais aparece em suas falas. A ex-aluna Vênus ressalta que se lembra de muitos companheiros da Educação Infantil *e tem alguns que tenho amizade até hoje. Tem uma que é minha grande amiga, inclusive porque a gente estudou junta toda vida, desde a Bárbara Heliadora, que era jardim até o segundo científico, que antigamente era chamado de científico.* (Vênus)

Os casos citados, das entrevistadas, são relações de amizades estabelecidas de formas semelhantes, na medida em que nascem no Jardim de Infância Bárbara Heliadora, e perduram por muitos anos, de modo que as amigas passam muitos anos estudando juntas em outras instituições de ensino.

A ex-aluna Marte argumenta que, naquela época, era mais fácil fazer amizade com as meninas da sala de aula do que com os meninos. Além disso, a entrevistada recorda que a maioria das atividades realizadas na escola era dividida entre meninos e meninas, principalmente tarefas como *representações, poesias, canto*. Mas, no caminho da casa para a escola, a liberdade era maior. Ela recorda, com nitidez, das relações que aconteciam no trajeto que levava até a escola, pois uma turma de alunos que moravam na mesma rua, com ela caminhava até o Jardim de Infância Bárbara Heliadora. A entrevistada fala sobre esses momentos da seguinte maneira:

tínhamos uma turma muito boa que sempre andava junta, então assim que eu me lembro era um período muito agradável na minha história, um período de muitas brincadeiras. Eu me lembro bem de algumas coisas que quando, eu encontro os meus colegas de jardim, eu comento, por exemplo, quando a gente vinha da escola e chovia eu lembro que tinha enxurrada na beira da calçada, bem no centro da cidade, e lembro que a gente gostava de molhar os pés, alguns tomavam até banho era muito gostoso essa coisa de ir e vir, era muito divertido. (Marte)

Marte lembra que sempre havia o pai que ficava responsável pelo trajeto dos alunos da escola até suas casas, a fim de evitar qualquer perigo e que esses pais faziam um revezamento nessa função. O ex-aluno Saturno comenta sobre dois momentos envolvendo datas comemorativas na escola. O primeiro episódio ocorreu no Dia das Mães. Para a comemoração desse dia, sua professora havia ensaiado um teatro com os alunos de sua turma e a representação seria exibida na cerimônia realizada na escola

com a presença das mães. Saturno diz que, para essa apresentação, cada aluno foi vestido, pela professora, como um objeto que simbolizava todas as mães, assim:

lembro de um dia das mães que participei, na hora é todo mundo criança, tudo é brincadeira, lembro que ensaiamos a história quase um mês antes, e hoje em dia nem me lembro nada da história, só lembro que tinha que se fantasiar em coisas que lembravam as mães, só sei que fiquei com muita vergonha de subir na frente de tanta mãe, todo fantasiado. Tinha aluno fantasiado de perfume, outros de agulha de crochê, outras meninas de vestido adulto, eu vesti a fantasia de panela (...) olha que vergonha, o pior que todos os meus colegas durante um tempo ficavam falando disso, tinha uma amiga minha que encerrou a apresentação vestida de coração, muito melhor do que panela né. (Saturno)

Os objetos que faziam parte da comemoração dos dias das mães lembrados por Saturno são de certa maneira indiscretos para caracterizar o perfil de uma mãe. Enquanto se tem a fantasia de perfume e coração como demonstração de carinho, tem as fantasias de agulha de crochê e principalmente de panela que colocam a mãe e a mulher, inseridas completamente no ambiente doméstico.

Ele se recorda de um fato que ocorreu para todos os sujeitos da escola, como uma comemoração do Dia das Mães, com o olhar específico de um aluno que teve que subir no palco e se exibir para uma platéia. O entrevistado lembra também de outra festa dentro da escola, agora a festa de formatura, de acordo com suas recordações:

Claro que tem festa como a da formatura que marca muito a gente, acho que por se tratar da despedida da escola, você sabe que vão para outra escola, os seus coleguinhas não vão ser mais os mesmos, se bem que eu levei sorte e continuei com muitos amigos quando fui para a 1ª série. (Saturno)

Para Saturno, a festa de formatura significa uma ruptura naquele ambiente em que ele estava inserido, principalmente uma separação daquelas amizades nascidas no Jardim de Infância, por isso argumenta que é um evento que *marca muito a gente*. Júpiter, ao falar dos colegas de Educação Infantil, recorda que *até hoje tenho contato com alguns, tenho contato porque depois continuamos estudando juntos no colégio de padres e por ser de famílias que moravam perto, freqüentávamos os mesmo lugares, jogávamos bola juntos, sempre tinha o contato*. (Júpiter)

Júpiter, em suas lembranças, narra um fato ocorrido com um de seus colegas, com o qual tem contato até hoje. A história se passou durante uma atividade física que sua turma realizou no seu último ano de escola:

saímos para fazer recreação, sempre ou na maioria das vezes os meninos saíam para jogar bola, então os meninos jogavam bola, mas a bola poderia ser uma de plástico que os alunos levavam a professora de vez em quando dava uma bola de meia e tinha aquela improvisada

pelas crianças que era de lata de refrigerante, amassava a lata e todo mundo ia correndo atrás para chutar, tudo era uma festa, teve uma vez que estávamos jogando com a bola de lata e um dos meninos deu um chute alto que pegou bem no rosto desse meu colega, na hora ficamos muito assustados porque começou a sair muito sangue, pegou no rosto na altura dos olhos, todos os alunos falavam que ele ia ficar cego, mas depois de alguns dias ele voltou e não aconteceu nada, ele tinha só cortado a sobrancelha, mas naquele momento a gente tudo criança ele virou a história da escola, todo mundo comentava. (Júpiter)

O ex-aluno lembra desse fato, retomando em suas palavras a maneira que ficou no momento exato do ocorrido. Como ele mesmo declara, na hora, ele se sentiu *assustado*, sem saber ao certo o que iria suceder com seu companheiro de turma.

Tanto nesse caso, como nos outros trechos de depoimentos relativos às recordações que os alunos tinham de seus colegas, é comum encontrar o relato de sentimentos que o adulto diz ter experimentado quando era criança, dos seus temores, das suas alegrias, e assim por diante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a investigação sobre a história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora chegando ao seu término, algumas considerações acerca do objeto de estudo devem ser exploradas, para que se possa entender de fato como se construiu aquele cotidiano escolar de ensino infantil.

Uma prerrogativa importante, observada pela investigação, foi que este estudo histórico sobre a Educação Infantil de São João del-Rei, nos momentos em que teve que obter informações dos ex-alunos da instituição de ensino Bárbara Heliadora enfrentou dificuldades sobre o foco da pesquisa, pois, os entrevistados são adultos que buscam apresentar um olhar sobre uma infância já vivida pelos seus atores.

Essa tarefa de provocar as memórias foi de grande utilidade para o desenvolvimento do pesquisador e conseqüentemente o prosseguimento da pesquisa, já que era preciso tentar perguntar o máximo de coisas com o objetivo de lembrar uma memória a tempos esquecidas. Esse exercício da memória por parte dos entrevistados, fez com que na maioria dos seus relatos, tratassem dos anos vividos no Jardim de Infância Bárbara Heliadora como um todo. Não havia distinção entre os períodos que estudaram na escola, apenas recordações soltas dos anos estudados na infância.

Além disso, enfrentamos a questão da veracidade dos documentos e dos relatos, pois, os vestígios da vida da criança pequena no passado não são reunidos facilmente para dar forma à configuração histórica. A criança ainda não rompeu os cordões da invisibilidade que impedem que ela possa contribuir mais efetivamente para deixar os seus vestígios de permanência no mundo, a ponto desses poderem ser convertidos em documentos históricos.

Sobre as entrevistas realizadas com as ex-professoras, o estudo encontrou dificuldades em conseguir extrair das informantes apenas o ocorrido nos dez primeiros anos do Jardim de Infância Bárbara Heliadora, pois, a maioria das docentes se lembrava do momento vivido na escola de maneira geral, transformando em uma mesma história, os mais de vinte anos que lecionaram na escola.

Uma questão pertinente aos relatos diz respeito ao conteúdo das entrevistas. Acreditamos que, no decorrer do contato com os informantes, algumas recordações foram esquecidas ou deixaram de ser mencionadas, propositadamente, com o intuito de cada sujeito proteger a sua individualidade.

Entre os temas que podem ser destacados como conclusão, começamos pelo pressuposto de que a história da Educação Infantil está intrinsecamente ligada à história de vida de seus personagens, ambos se complementam na elaboração da história que este estudo pretendeu buscar.

Nesse sentido, afirmamos a importância de se retomar as experiências e memórias de personagens que muitas vezes são esquecidas no tempo, e deixam de dar sua contribuição para o entendimento do passado. O homem é um sujeito histórico, não está alheio ao mundo que o cerca, portanto, nada mais intrigante do que o homem no seu tempo vivido, falar do contexto passado.

O que percebemos, ao longo da dissertação, é que a escola, em nenhum momento, deixou de ter suas singularidades, um conceito próprio aplicado por seus personagens. Esses mecanismos possibilitaram a ela ser o que é hoje. Ou seja, consideramos que foi a ação dos seus sujeitos, que tornou possível, à escola, construir uma trajetória de longa data.

A criação de especificidades para melhorar a qualidade da escola e consequentemente, atender melhor os alunos se deve ao fato do Jardim de Infância Bárbara Heliadora não ter apresentado, no decorrer dos seus primeiros dez anos, a estrutura necessária para uma efetiva Educação Infantil. Fica claro que a fundação da escola acontece sem muitos planejamentos e que, nem de longe, lembra aquilo que consta nos manuais pedagógicos escritos no período.

As publicações referentes à Educação Infantil, no período investigado, trazem uma escola idealizada, que irá compreender o aluno em todas as suas dificuldades, possibilitando ao professor ser o responsável pela construção do conhecimento, através da relação professor e aluno.

Fato que, em muitos momentos, não ocorre no Jardim de Infância Bárbara Heliadora, já que a realidade da escola se transforma com o objetivo de se adaptar à sociedade em que está inserida. Por isso, algumas características apreciadas pelos manuais são deixadas para trás, em favorecimento de outras atitudes que serão de melhor contribuição para a escola. Entre os assuntos não mencionados pelo olhar dos manuais, estes não abordam as perspectivas dos alunos dentro do contexto infantil, suas publicações são destinadas para que os adultos e as instituições de ensino entendam a melhor maneira de se educar as crianças.

Um modelo dessas “improvisações” é encontrado no conteúdo ensinado aos alunos do Jardim de Infância investigado. A variação contida nos programas de

atividades apresentados nas obras selecionadas também é vista nas salas de aula da escola Bárbara Heliadora. Por exemplo, ao preparar sua própria maneira de educar as crianças, criando sua forma de lecionar as atividades propostas para a Educação Infantil, a professora acaba introduzindo o conhecimento em sua sala de aula de um modo diferente do habitual, sendo este um momento individual que perpassa a trajetória de cada docente. Isso leva a professora a se sentir capaz de tirar conclusões sobre o que os alunos têm ou não capacidade de aprender.

Outro aspecto da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora que foi mencionado no decorrer da dissertação é quanto a sua fundação ter acontecido devido a uma demanda existente na cidade. A criação desse estabelecimento de Educação Infantil aconteceu não apenas por causa do número de alunos em idade pré-escolar no município, já que havia as classes pré-escolares anexas às escolas primárias para atender esse público. Mesmo compreendendo que era crescente, por volta da década de 1960, a ideia que possibilitava às crianças frequentarem a Educação Infantil, a inauguração do primeiro Jardim de Infância na cidade procurou atender à necessidade de se ter, àquela época, uma escola exclusiva para esse tipo de ensino. Na verdade, a criação dessa escola foi importante por ser o primeiro Jardim de Infância na cidade, e por consequência, ser aquele estabelecimento de ensino que iria servir de exemplo para a configuração das instituições de Educação Infantil em São João del-Rei.

Ao concluir esta dissertação, mencionamos um trecho, apresentado na introdução, que versaria sobre as perguntas a respeito do Jardim de Infância Bárbara Heliadora que deveriam ser respondidas, pela investigação, ao longo do texto. Os questionamentos tiveram os seguintes temas: quem eram os sujeitos (professores e alunos) atuantes no período histórico de composição da escola; como se desenvolveu a prática profissional dos educadores e qual era a percepção dos ex-alunos sobre suas experiências escolares vivenciadas na referida escola durante a infância, sempre com o intuito de trazer elementos do cotidiano que contribuíssem para o resgate da história do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.

Essas questões tiveram sua apreciação no decorrer da dissertação, com os documentos sobre a escola e, a partir do momento em que os entrevistados foram apresentados, através de suas recordações, possibilitaram que houvesse informações suficientes para entender como se desenvolveram os primeiros dez anos de existência dessa instituição de ensino. Exemplos disso são as lembranças oriundas das professoras

a propósito da leitura e escrita nas salas de aula do Jardim de Infância, ou ainda, recordações dos alunos a respeito de seus companheiros de escola.

Assim, entendo que este trabalho possa contribuir para a compreensão de como se desenvolveu a Educação Infantil em São João del-Rei, o seu processo de construção ao longo dos anos; que as questões aqui levantadas possam colaborar, também, para a constituição do campo da história da Educação Infantil, pois, quanto maior o número de estudos sobre o tema, mais ricas se tornam as discussões. Para concluir, é nossa pretensão que com este estudo outras pessoas também possam dar continuidade às reflexões sobre a Educação Infantil no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. Trad. José Américo M. Pessanha, et. al. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: UNESP, 1998.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BONAT, Nailda Marinho da Costa. *Arquivos Escolares: Limites e Possibilidades para a pesquisa*. In: WWW. educacaoonline. Pro. br. 2005. Acesso em: 16/04/2008, às 14h29min.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil. 1985.
- BRASIL. Decreto-Lei N°. 8.529- *Lei Orgânica do Ensino Primário*. 02 de Janeiro de 1946
- DROUET, Ruth Caribe da Rocha. *Fundamentos da educação pré-escolar*. São Paulo: Ática, 1990.
- FARIA FILHO, Luciano M. *Educar, instruir e civilizar: contribuição à história da educação infantil em Minas Gerais*. Brasília: INEP, Série Documental: relatos de pesquisa, n. 24, abr.1995. 220 p.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs). *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes. 1987.
- JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KISHIMOTO, Tizuko M. *A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)*. São Paulo, Loyola, 1988. (A)

- _____. *Os Jardins de Infância e as escolas maternais*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo (64): 57-60. Fev. 1988. (B)
- KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- KUHLMANN JR, Moisés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 3º ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. Educando a infância brasileira. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.2000.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LEITE FILHO, Aristeo Gonçalves. *Políticas para a educação da infância no Brasil nos anos 1950/1960*; PUCRIO, Doutorado em Educação, 2008.
- _____. *Educadora de educadoras: trajetória e idéias de Heloísa Marinho: uma história do Jardim de Infância no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC. 1997.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LUCILIA, Vera Alice, DE ALMEIDA, Cardoso, NEVES DELGADO, Silva. *Tancredo Neves: A trajetória de um Liberal*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MIGUEL, Maria Elisabeth Blance. Os arquivos e fontes como conhecimento da história das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura... (et. al), (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados. 2007. Coleção Memória e Educação.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PAIVA, Edil Vasconcellos de. PAIXÃO, Léa Pinheiro. *O Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (Pabaee): a Volta dos Tempos de Francisco Campos e a Oposição dos Educadores Católicos*. In: Publicado originalmente na Série Documental/Relatos de Pesquisa n. 34, julho de 1995.
- PALHARES, Gentil, CHRISTOFARO, Paulo. *De Thomé Portes a Tancredo Neves: roteiro turístico de São João del-Rei*. São João del-Rei: s.n, 1963.

- PASSOS, Mailsa Carla. Memória e história de professores: como praticar também é lembrar. In: VASCONCELOS (Org.) *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2003.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.82, p.21-30, ago.1992.
- SILVA, Wlamir. *PSD ou UDN? A cultura política do compromisso*. Vertentes, São João del-Rei: s.n, n.7, p. 7-20, jan./jun. 1996.
- SOUZA, Mariana Pecoraro de. GATTI JÚNIOR, Décio. *História da Educação e Instituições Escolares: Aspectos Teórico-Metodológicos*. Revista HISTEDBR ONLINE, n.15, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html>> Acesso em: 19 set. 2008.
- SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. *Pré-Escola: Uma nova fronteira educacional*. Série Cadernos de Educação. São Paulo: Livraria Pioneira. 1979.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a Implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os Senhores das Gerais*. Petrópolis: Vozes. 5ª Edição. 1986.
- TANURI, Leonor Maria. *História da Formação de Professores*. In: Revista Brasileira de Educação. mai/jun/jul/ 2000, n.14. Número Especial – 500 anos de Educação Escolar, pp. 61-88.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: historia oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VIEIRA, Livia Maria Fraga. *A formação do profissional da educação infantil no Brasil no contexto da legislação, das políticas e da realidade do atendimento*. In: Proposições - Vol. 10 N° 1 (28) março de 1999.
- _____. *Éducation de la petite enfance dans la législation éducationnelle brésilienne du XX siècle: approche historique de l'État de Minas Gerais (1908-2000)*. Tese de Doutorado apresentada a Faculté des Sciences Humaines et Sociales- Université Paris V - René Descartes. 2006.
- _____. *Educação da criança pequena na legislação educacional brasileira do século XX: abordagem histórica do estado de Minas Gerais (1908-2000)*. In: 30a Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, 2007, Caxambu-MG. Portal ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2007.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma ampliação da noção de documento escolar. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura... (et. al), (orgs.). *Instituições escolares no Brasil*:

conceito e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados. 2007. Coleção Memória e Educação.

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. 2ª ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de MG, 1953.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. *A Educação Pré-Escolar no Mundo Ocidental e no Brasil- Perspectivas Históricas e Crítico- Pedagógica*. Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1987.

FONTES

OBRAS

ABI-SÁBER, Nazira Féres. *Jardim da Infância (programa para crianças de 5 e 6 anos)*. Belo Horizonte, Grafiquinha editora Ltda. 1967.

_____. *O que é Jardim da Infância*. Belo Horizonte, Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar- PABAE. 1963.

_____. *A criança de 4 anos (programa de atividades para crianças de 4 anos)* Belo Horizonte. Editora do Professor. 1967.

GILL, Carmen Guimarães. *Orientação do trabalho no Jardim de Infância*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Villas Boas. 1949.

MARINHO, Heloisa. *Vida e educação no Jardim de Infância*. Rio de Janeiro, Conquista. 1960.

NINA Celina Airlie. *Escolas-Maternais e Jardins de Infância*. 3ª Edição. Rio de Janeiro, Departamento Nacional da Criança, 1957.

JORNAIS

Tribuna Sanjoanense

O Poste

Ponte da Cadeia

REVISTA AMAE EDUCANDO

NOGUEIRA, Elizete Coutinho. *Planos de Aula*. AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação. Fevereiro de 1969- Ano II. N°. 4.

MICHEL, Margarida. *Primeiros dias de aula... é preciso conhecer nossa escola!*In: AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação. Fevereiro/ Março. 1972. Ano V. n°41.

SILVA PENA, Henriette M. Felix Da. *No Jardim aos 6 anos - Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?* In: AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação. Abril. 1973. Ano V. n°52.

SILVA PENA, Henriette M. Felix Da. *No Jardim aos 6 anos - Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?* In: AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação. Maio. 1973. Ano V. n°53.

SILVA PENA, Henriette M. Felix Da. *No Jardim aos 6 anos - Você sabe o que a criança desta idade faz na escola?* In: AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação. Junho. 1973. Ano V. n°54.

IMAGENS

Foto 1 - *As primeiras professoras do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. 1962*

Foto 2-*Inauguração do Jardim de Infância Bárbara Heliadora. 1962.*

Foto 3- *Fachada do Jardim de Infância Bárbara Heliadora.*

Foto 4 - *Festa de entrega do diploma. 1967.*

ANEXO I

BÁRBARA HELIODORA

Residia quando solteira na Vila de São João del-Rei, sendo dotada de rara inteligência e ilustração. Já nesta época, era eximia poetisa, compondo versos de muita arte e inspiração.

Conhecendo ela o Dr. Inácio de Alvarenga Peixoto, ouvidor, formado pela Universidade de Coimbra e também poeta dele se enamorou. Alvarenga Peixoto deixa o cargo de ouvidor para dedicar-se a mineração e tão feliz foi que logo se tornou proprietário de fazendas de cultura além de muitas minas de ouro.

Casaram-se em 1778 e com o correr dos anos mudaram-se para São Gonçalo de Campanha. Tiveram uma filha e três filhos.

Sua casa em São Gonçalo era a mais abastada do lugar. Nada ali faltava- ricas baixelas de prata, custosa mobília de talha, cortinas adamascadas na janela, muitas aias e mucamas para o serviço doméstico, mestres dos mais sábios daquele tempo para instruir e educar os filhos.

D. Bárbara, sem ser soberba nem vaidosa, vivia cercada do maior luxo e comodidade. Seus vestidos eram de seda e veludo recobertos de jóias e adereços. Aos domingos, ia à igreja ouvir missa transportada em liteira, carregada por escravos.

Em toda a Capitania, não havia mulher que fosse mais feliz do que Bárbara Heliadora. Seu marido tratava-a com o máximo carinho, dispensando-lhe a maior afeição. Sua filha mais velha- Maria Ifigênia- de 12 anos de idade era tão linda que a chamavam “Princesa do Brasil”. Era uma menina muito prendada: sabia desenhar com perfeição, dançar com graça, bordar e costurar os mais finos trabalhos.

Eis senão quando toda essa imensa felicidade se dissipou da noite para o dia: Bárbara Heliadora, de mulher mais feliz de Minas, veio a tornar-se a mais desditosa. Só não deixou de ser a mais distinta e valorosa, pela tempera de seu caráter.

Alvarenga Peixoto, como patriota que era, desejava ardentemente a independência do Brasil. Era tal o despotismo que pesava sobre Minas, determinado pela cobiça da Metrópole, que os mineiros tramaram uma revolução para proclamar a independência.

Não tardou que a conspiração fosse descoberta. Ordens da Coroa foram enviadas para prender os conjurados e tomar-lhes os bens.

Alvarenga Peixoto soube antecipadamente o que lhe iria suceder. Alarmado com a desgraça que viria atingir sua família, passou-lhe pela cabeça a idéia de salvar-se. Mas como? Só havia um meio: denunciar os companheiros, meio ilícito e vergonhoso. Mas o seu amor à mulher e aos filhos era tanto que ele não desistiu de seu vil intento. Mas, resolveu aconselhar-se com a esposa. O que ela dissesse, era o que ele haveria de fazer.

Nesse dia, Alvarenga Peixoto entrou em casa com a fisionomia alterada- estava pálido, trêmulo, agitado. Sua mulher logo presentiu que alguma coisa de grave se passava.

- Está tudo perdido! Exclamou arrebatadamente Alvarenga. A conjuração foi descoberta. Não tarda que me venham prender. Os nossos bens serão confiscados: ficarás pobre, na miséria. Talvez eu seja condenado a morte: ficarás viúva e nossos filhos, órfãos.

Bárbara Heliadora deixou escapar um grito de terror. Esteve a ponto de desmaiar.

Alvarenga Peixoto, então, com voz de sumida, envergonhado de seu covarde pensamento, revelou-o a sua mulher:

- Bárbara, poderei salvar-te e a nossos filhos.

A valorosa mineira fitou-o espantada, sem compreender.

E Alvarenga Peixoto, baixando ainda mais a voz, a medo, disse:

- Poderei salvar-me e a ti, se denunciar os outros conjurados.

Bárbara tapou o rosto com as mãos, fulminada de vergonha. Olhou para o marido e, de pé, severa, enérgica, imperiosa, exclamou:

- Nunca! Seria uma traição! Prefiro a morte à desonra! Prefiro ver meus bens confiscados, prefiro a miséria, a viuvez, a orfandade para meus filhos, mas quero teu nome limpo, e a tua memória, honrada! Que a Corte mande seqüestrar os nossos bens: farei entrega de tudo ! Se te condenarem à morte, saberás morrer como um herói. A escada para o patíbulo é muitas vezes o degrau da imortalidade !

Alvarenga Peixoto, arrependido do que chegara a pensar num momento de alucinação, aceitou as ponderações da esposa.

- Tens razão. O que me veio à idéia foi um pensamento mau, que eu nunca teria coragem de realizar. Denunciar meus companheiros? Nunca ! Seria uma vileza e uma covardia. Eu nunca fui vil nem covarde!

Não tardou que Alvarenga Peixoto fosse preso, quando estava de passagem em São João del-Rei. Começaram daí os desgostos, que vieram atormentar a alma de D.

Bárbara até os últimos dias de sua vida. Nunca mais ela teve um instante de felicidade. Tornou-se uma verdadeira mártir, uma santa, uma heroína.

De São João del-Rei, seu marido foi remetido para a Ilha das Cobras, onde durante dois anos, esteve algemado e encerrado, aguardando julgamento.

Na prisão, compôs Alvarenga Peixoto belíssimos versos em que pranteava a saudade da esposa e dos filhos distantes.

Logo em seguida, a casa de D. Bárbara foi invadida pelas autoridades, que a intimaram a entregar todos os bens do casal. A virtuosa senhora não ocultou nada – fez entrega de tudo, até das jóias que ganhara do marido, inclusive uma caixa de rapé em que havia seu retrato circulado por pedras preciosas.

Como porém, metade desses bens lhe pertencia, ela exigiu das autoridades sua restituição e pode assim pagar as dívidas do marido e continuar a educação dos filhos.

Três anos depois, lhe estava reservado o maior dos golpes- a condenação de Alvarenga à morte! Resignada, Bárbara Heliadora nem por um momento se arrependeu de ter aconselhado a seu marido que não denunciasse os companheiros. Por aquele preço, seria muito amarga a Liberdade!

Graças, porém, a clemência da Rainha D. Maria I a condenação à morte foi comutada para a pena de degredo perpétuo na África.

Na mesma sentença, foram declarados infames os filhos de Alvarenga Peixoto. Tamanho foi o desgosto de Maria Ifigênia que não pode sobreviver à vergonha, que assim lhe vinha manchar o nome para toda a vida: finou-se de pesar aos 15 anos de idade, em pleno esplendor de sua graça e beleza.

Alvarenga embarcou com os outros degredados num navio de vela, que os levou para Angola. Tão insalubre e doentia era a região a que foi atirado, que o mau clima ajudou a matá-lo. Depressa morreu, menos dos ares pestilentos que das saudades da Pátria e da família de quem nunca teve notícias.

O nome de Bárbara Heliadora, porém, não foi jamais esquecido. Entrou para a História, como sinônimo de coragem, firmeza e abnegação!

GOES, CARLOS. *Bárbara Heliadora*. In: AMAE Educando. Publicação da Associação Mineira de Administração Escolar. Instituto de Educação de Belo Horizonte/MG. 1969. Ano III. N°13. p. 27 e 40.

ANEXO II



(Convite para a entrega do diploma pertencente aos arquivos do Jardim de Infância Bárbara Heliodora)

ANEXO III

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Na qualidade de representante do Senhor Secretário da Educação, quero congratular-me com a Senhora Diretora, Senhoras professoras, Senhores Pais e com os pequeninos do Jardim de Infância, pelo que representa esta nossa reunião. Vemos uma cidade completando 250 anos não só de existência, mas de progresso.

A presença de vocês crianças, concluindo a primeira etapa de vida estudantil, tão pequenas, tão inconscientes ainda que seja ganhar um diploma, prova o quanto São João del-Rei caminhou na trilha dos modernos conceitos de educação.

Aqueles conceitos que, nos convencem de que a criança deve estar preparada, madura para depois iniciar a aprendizagem formal. Conceitos que, nos afirmam, precisar o indivíduo estar ajustado, são físicos, mental, social e emocionalmente.

Conceitos que nos ensinam ser integral e desenvolvimento da criança, e este se faz contínuo e gradualmente. O que ocorre em um período de desenvolvimento determina e influencia os estágios subseqüentes. Cada criança tem seu ritmo próprio de desenvolvimento, não podemos apressar um período avançado em detrimento dos anteriores a ele. Assim São João del-Rei, reconhece que o Jardim da Infância vai tornar a criança feliz, realizando atividades preparatórias que lhe facilitem a aprendizagens futuras.

Um programa rico de experiência e de boas situações informais de aprendizagem é um excelente meio de preparar a criança para o ensino formal, feito nas Escolas Primárias. Um bom Jardim dá à criança a oportunidade de: ver, e observar, ouvir atentamente, trabalhar em grupo, fazer planejamento, respeitar regulamento escolar, expressar-se livremente através da arte e da linguagem oral, manifestar independência, reconhecer e resolver seus próprios problemas.

Não entendemos ser o Jardim da Infância o que muitos pensam, lugar aonde a criança vai apenas para brincar. Se para nós é brinquedo, para a criança é coisa séria, através das imitações, dramatizações, a criança amplia seu mundo, adquire informações, ganha experiência, vocabulário, hábitos, atitudes e habilidades. O que realmente é importante é a atitude da professora.

Rodeada de um ambiente sadio, a criança vive e convive com seus colegas, com outros elementos da Escola, vai tendo oportunidade de ser a melhor pessoa, que ela

consiga ser, condição essencial de um sistema democrático. A escola pré-primária está preocupada em atender às necessidades e interesses da criança as idade de 4 a 6 anos.

Sua atenção está voltada para a Psicologia para dar aos pequenos, bases seguras de uma personalidade sadia. Tudo faz para que eles adquiram ou readquiram o senso de confiança, autonomia, iniciativa, formando possível para mais tarde os sentidos de realização, identidade e integridade.

Confiança- indica uma relação estabelecida com alguém ou alguma coisa. É preciso considerar, como fatos, que dá origem a esse sentimento, se características psicológicas as quais acompanham as experiências: a familiaridade, a repetida satisfação de interesses sensoriais, a relação estabelecida entre as tentativas feitas e os objetivos alcançados.

Uma vez firmemente estabelecida a confiança, tem lugar a luta pelo senso de autonomia. A criança precisa adquirir o equilíbrio entre o amar e o ódio, independência e obediência, livre *expansão (de acordo com o original)* pessoal, submissão à autoridade, em outras palavras, o equilíbrio entre sentimentos opostos, as quais geram conflitos, cuja integração é necessária ao desenvolvimento do indivíduo.

O resultado favorável é o autocontrole, sem perda de auto-estima. A iniciativa vem logo após e a criança deseja saber que tipo de pessoa ela virá a ser. Percebe ter capacidade para determinadas coisas, observa com cuidado o adulto e o imita.

São os três estágios básicos, por isto os mais importantes para o desenvolvimento da personalidade. O senso de realização, adquirida mais tarde, talvez não seja tão espetacular quanto às anteriores, mas vai dar à criança o sentido da realização de tarefas, de responsabilidades, tão importantes à vida da sociedade.

Identidade e integridade são etapas a serem vencidas no início e durante a adolescência. Muitos afirmam estar tudo pronto aos 6 anos sendo o mais uma repetição e fixação da experiência.

Recebendo a criança, no Jardim da Infância, afeto, aceitação por parte dos companheiros, sendo apreciada como parte do grupo, reconhecida como indivíduo que tem interesse, habilidades recursos pessoais, tendo oportunidade de partilhar experiências e pertences, respeitar ver respeitada sua opinião e a dos colegas e também os direitos, oportunidade de pensar por si, de ver satisfeita sua curiosidade, avaliar seu próprio trabalho, esta criança, vai ganhando uma personalidade sadia.

Uma cidade, onde funciona um Jardim da Infância, dá prova concreta de seu adiantamento, de grau de compreensão de seus governantes, de seu povo também.

Hoje mais do que ontem as pessoas adultas estão se mostrando mais convictas do valor, do preparo da criança, antes da idade escolar. São João mostra que agindo assim está preservando suas crianças, continuando através do tempo, a grandiosidade de seu povo expressa no barroco de suas igrejas, em suas obras de arte, na pessoa dos grandes homens que aqui nasceram e têm guinado esta pátria à liderança continental.

Eis porque, abraçando vocês pequeninos, digo com todo o entusiasmo: eu me congratulo com você São João del-Rei, cidade antiga, sempre nova.

Discurso atribuído ao representante da Secretária de Educação de Minas Gerais, o senhor Dr. M. Vergueiro, em 29/11/1963.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)